

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
UNIDADE DE PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

DOUGLAS ALEXANDRE DIAS

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA E SUAS
RELAÇÕES COM VISITAS TÉCNICAS DO EIXO TECNOLÓGICO TURISMO,
HOSPITALIDADE E LAZER**

São Paulo

Junho/2019

DOUGLAS ALEXANDRE DIAS

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA E SUAS
RELAÇÕES COM VISITAS TÉCNICAS DO EIXO TECNOLÓGICO TURISMO,
HOSPITALIDADE E LAZER**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, sob a orientação da Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista.

São Paulo
Junho/2019

DOUGLAS ALEXANDRE DIAS

FICHA ELABORADA PELA BIBLIOTECA NELSON ALVES VIANA
FATEC-SP / CPS – CRB8-8281

Dias, Douglas Alexandre

D541c Concepções e práticas na graduação tecnológica e suas relações com visitas técnicas do eixo tecnológico Turismo, Hospitalidade e Lazer / Douglas Alexandre Dias. – São Paulo: CPS, 2019.

173 p.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista
Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional) - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 2019.

1. Educação profissional. 2. Tecnólogo. 3.Eventos. 4. Turismo. 5. Visita técnica. I. Batista, Sueli Soares dos Santos. II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. IV. Título.

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA E SUAS
RELAÇÕES COM VISITAS TÉCNICAS DO EIXO TECNOLÓGICO TURISMO,
HOSPITALIDADE E LAZER**

Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista

Profa. Dra. Tânia Barbosa Martins

Prof. Dr. Darlan M. Delgado

São Paulo, junho de 2019

**Dedico esta dissertação à Tatiane
Clementino Fontes Dias. Por ela, com ela,
dela vem minha inspiração e motivação
para todas as coisas.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que sempre está comigo. Meu amigo, meu conselheiro, minha luz.

Não poderia deixar de registrar meu agradecimento sincero à Luciana Alves, por toda ajuda na fase de entrega do projeto. A mesma gratidão ao meu colega, Vinícius Raszl, que tantas referências bibliográficas me indicou. De igual modo, os demais colegas do mestrado, por tantos trabalhos juntos, compartilhados e ideias agregadas a esta pesquisa.

Agradeço a todos os entrevistados pela disponibilidade em me receber. Especialmente, à Profa. Me. Esmeralda Macedo Serpa, por mais essa benignidade e generosidade, por sempre acreditar no meu trabalho, nos meus propósitos e na minha inquietação na formação profissional a caminho do “eu mesmo” e me levou ao estudo da Educação Profissional e Tecnológica. Ainda que pequena seja essa minha contribuição; ela, com seus ensinamentos, tocou minha formação e trajetória; e com sua seriedade, seu comprometimento e sua clareza sobre a Educação Profissional e Tecnológica me levou a muitos conhecimentos.

Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista, vida longa a você e ao seu trabalho!

*Em vez de trazer 1.600 plantas, talvez voltemos
de nossas viagens com uma coleção de
pensamentos pequenos, despretensiosos, mas
“enriquecedores da vida”.*

(A Arte de Viajar - Alain de Botton).

RESUMO

DIAS, D. A. Concepções e práticas na graduação tecnológica e suas relações com visitas técnicas do eixo tecnológico Turismo, Hospitalidade e Lazer. 175 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2019.

Essa dissertação teve origem no interesse em conhecer as práticas educacionais e suas concepções aplicadas ao ensino superior de tecnologia das FATECs. Nesse estudo, esperou-se responder à pergunta “Que concepções norteiam as finalidades, objetivos e a avaliação de resultados das práticas docentes extramuros realizadas pelo ensino superior de tecnologia? A hipótese adotada teve base no fato de que essas práticas docentes, recorrentes em disciplinas das mais variadas áreas do conhecimento (humanas, sociais aplicadas, tecnológicas), apresentaram-se como alternativas para o desenvolvimento de habilidades e a aproximação da formação profissional com o mundo do trabalho. O objetivo geral buscou conhecer as concepções e práticas nos cursos de graduação tecnológica, segundo uma perspectiva que articulasse teoria e prática, conteúdos humanísticos e técnicos, formação profissional e o mundo do trabalho. O objetivo específico analisou essas concepções e práticas docentes presentes no planejamento, organização, controle e avaliação das atividades extramuros das instituições escolares, considerando a realização de visitas técnicas em dois cursos do eixo tecnológico de turismo, hospitalidade e lazer - Eventos e Gestão de Turismo - ofertados em duas unidades da capital paulista - FATEC São Paulo e FATEC Ipiranga. A metodologia utilizada teve base a partir de levantamento bibliográfico em publicações relacionadas aos temas trabalho, sociedade e educação tecnológica, além de pesquisa documental relacionada aos cursos oferecidos pelo eixo tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer. Foi realizado o trabalho de campo com base em entrevistas com questionários pré-estabelecidos a professores que realizam visitas técnicas, em busca de conhecer as concepções e práticas de formação profissional. Esse estudo demonstrou a relação das concepções das visitas técnicas com a busca por uma formação tecnológica voltada aos desafios do mundo do trabalho, do conhecimento de tendências, novas tecnologias e processos praticados fora das FATECs, e sua relevância e importância para a formação tecnológica.

Palavras-chave: Visitas técnicas. Educação Profissional e Tecnológica. Fundamentos da Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

DIAS, D. A. Conceptions and practices in technological graduation and its relations with technical visits of the technological axis Tourism, Hospitality and Leisure. 175 p. Dissertation (Professional Master in Management and Development of Professional Education. State Center of Technological Education Paula Souza, São Paulo, 2019.

This dissertation arises from the interest in knowing the educational practices and their conceptions applied to the superior teaching of technology of the FATECs. In this study, we hope to answer the research question "What conceptions guide the purposes, objectives and evaluation of the results of extramural teaching practices carried out by higher technology education? The hypothesis adopted is that these teaching practices, recurrent in disciplines of the most varied areas of knowledge (human, applied social, technological), are presented as alternatives for the development of skills and the approximation of professional training with the world of work. The general objective is to know the conceptions and practices in the undergraduate technological courses as a perspective that articulate theory and practice, humanistic and technical content, professional training and the world of work. The specific objective is to understand these conceptions and teaching practices present in the planning, organization, control and evaluation of activities outside the school institutions, considering the technical visits in two courses of the technology axis of tourism, hospitality and leisure - Events and Tourism Management - offered in two units of the São Paulo capital - FATEC São Paulo and FATEC Ipiranga. The methodology used was the bibliographical survey, the documentary research and in publications related to the topics work, society and technological education. Fieldwork was carried out based on interviews with pre-established questionnaires, seeking to know the conceptions and practices of vocational training in both units. This study demonstrated the relationship between the conceptions of technical visits and the search for a technological training geared to the challenges of the world of work, knowledge of trends, new technologies and processes practiced outside FATECs, and their relevance and importance for technological training.

Keywords: Technhical Trips. Professional and Technological Education. Foundations of Vocational and Technological Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparativo entre as edições do Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia.....	36
Quadro 2: Formações Tecnológicas ofertadas pelo CPS no Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer.....	41
Quadro 3: Competências e Habilidades do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Eventos da unidade FATEC São Paulo.....	49
Quadro 4: Qualificação dos Entrevistados.....	57
Quadro 5: Trechos das respostas à questão 1 do roteiro de entrevista.....	60
Quadro 6: Trechos das respostas à questão 2 do roteiro de entrevista.....	61
Quadro 7: Trechos das respostas à questão 4 do roteiro de entrevista.....	63
Quadro 8: Síntese das respostas à questão 6 do roteiro de entrevista.....	65
Quadro 9: Síntese das respostas à questão 7 do roteiro de entrevista.....	67
Quadro 10: Síntese das respostas à questão 9 do roteiro de entrevista.....	69
Quadro 11: Síntese das respostas à questão 10 do roteiro de entrevista.....	70
Quadro 12: Síntese das respostas à questão 11 do roteiro de entrevista.....	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matriz curricular do Curso Superior de Tecnologia em Eventos da unidade FATEC Ipiranga.....45

Figura 2 – Matriz Curricular do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da FATEC São Paulo.....51

LISTA DE SIGLAS

CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CETEC	Coordenadoria do Ensino Técnico do Centro Paula Souza
CESU	Coordenadoria do Ensino Superior do Centro Paula Souza
CFE	Conselho Federal de Educação
CNCST	Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia
CPS	Centro Paula Souza
CSTs	Cursos Superiores de Tecnologia
ETEC	Escola Técnica Estadual
ETIM	Ensino Técnico Integrado ao Médio
FATEC	Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo
GFAC	Grupo de Formulação e Análises Curriculares do Centro Paula Souza
ICCA	Associação Internacional de Congressos e Convenções
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
SDECTI	Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. MUNDO DO TRABALHO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E DESAFIOS TEÓRICO PRÁTICOS PARA OS CURSOS DE TECNOLOGIA	17
1.1 Formação profissional e os cursos superiores de tecnologia.....	21
1.2 Bases teóricas e conteúdos práticos na formação profissional quanto às atividades extraescolares	25
2 A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA E A ESPECIFICIDADE DO EIXO TECNOLÓGICO TURISMO, HOSPITALIDADE E LAZER .	29
2.1 O Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia	30
2.2 O Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer	37
3 CENÁRIO DE PESQUISA: O CENTRO PAULA SOUZA E A OFERTA DE CURSOS NO EIXO TECNOLÓGICO DE TURISMO, HOSPITALIDADE E LAZER	40
3.1 Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Eventos da FATEC Ipiranga	42
3.2 Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da FATEC São Paulo	47
3.3 Entrevistas	53
3.4 Qualificação dos respondentes	54
3.5 Resultados obtidos	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE A	84
APÊNDICE B	85
APÊNDICE C	86
APÊNDICE D	88
ANEXO A	173

INTRODUÇÃO

Para iniciar a contextualização desta pesquisa faz-se necessário o esclarecimento sobre as concepções da Educação Profissional e sua separação da educação propedêutica e dos cursos de bacharelado e licenciatura. Na academia, nos órgãos oficiais, planos de governo, decretos e legislações há muitos embates acerca dos entendimentos sobre a educação formal propedêutica e a urgência de sua atualização e/ou reformulação.

Como pano de fundo ao contexto em que a educação se insere, o sistema econômico dominante influencia as decisões de propostas e ofertas de cursos de formação profissional técnica e tecnológica.

A contemporaneidade desafiada por uma “crise estrutural do capital, que emerge em meados da década de 1970, abre um período histórico de reestruturação capitalista nas várias instâncias da vida social” (ALVES, 2010 p. 44). Essa crise estrutural do capital, à qual Alves se refere, oportuniza a busca por novos meios de educar, novos cursos, novas formações.

Não foi objetivo desse estudo aprofundar-se em todas as novas modalidades de ensino e de qualificação profissional que se apresentaram no final do século XX e início do século XXI no Brasil. Nosso recorte se deu em relação aos cursos superiores de tecnologia, graduação tecnológica ou formação dos tecnólogos.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi considerado o que se entende por educação profissional e tecnológica (EPT) de nível superior, considerando-se seu distanciamento e aproximações com a graduação superior dos cursos bacharelados. Considera-se essa formação como aquela que “a exemplo das universidades que têm procurado se fundamentar no tripé ensino, pesquisa e extensão” (BATISTA, 2011, p. 102). Não raro observa-se nas FATECs, além da oferta dos cursos regulares de graduação tecnológica, outras iniciativas e projetos voltados para a pesquisa aplicada, o atendimento à comunidade e a realização de atividades características da extensão universitária, como por exemplo, nas unidades estudadas, a realização de pesquisas sobre o polo produtor de moda e vestuário do bairro do Bom Retiro em São Paulo, pesquisas sobre educação ambiental e tecnologias ambientais aplicadas à construção civil, o espaço iCentre da FATEC São Paulo, que funciona como incubadora de projetos de inovação dos alunos, e na FATEC Ipirangam pode-se citar o atendimento à população para elaboração da declaração do imposto de renda, palestras sobre temas do vestibular, eventos abertos à comunidade em casas de repouso, espaços culturais, etc. Fundamentar-se nesse tripé significa buscar uma articulação mais efetiva entre teoria e prática e também uma formação

profissional voltada para o mundo do trabalho numa perspectiva ampla, desafiada pelos contextos extramuros das instituições escolares.

A Educação Tecnológica no Brasil – nesse contexto referindo-se aos cursos superiores de tecnologia - passou por muitas transformações desde sua instituição nos anos 1960. A luta por um lugar no mercado de trabalho e o reconhecimento por órgãos e conselhos profissionais marcaram a trajetória dos cursos no país. Até os anos 1990, quando sua oferta de cursos e vagas viu abrir um caminho para a expansão dessa modalidade de ensino, a marca, pejorativa sobremaneira, de um "profissional técnico de nível superior", acompanhou egressos e profissionais, como uma subcategoria da graduação formal ofertada pelas universidades, faculdades e institutos de tecnologia.

Uma relativa urgência ditada pelas empresas, ou pelos empregadores, para que sejam realizadas qualificações e formações mais ágeis, faz com que muitas dessas graduações tecnológicas estejam mais preocupadas em formar o profissional para a resolução de problemas em processos ou produtos já existentes do que em desenvolver sua capacidade crítico-analítica mais completa.

Machado (2008) também nos aponta o fato de que os cursos superiores de tecnologia (CSTs) não possuem uma definição conceitual precisa e que a característica de haver conhecimentos aplicáveis no contexto econômico para justificá-los como diferentes não os diferencia, uma vez que todos os cursos de nível superior devem atender a demandas desse tipo, a busca por ser produtivo economicamente. Para compreender a formação superior de tecnologia, deve-se ainda considerar a forma como a educação profissional e tecnológica (EPT) vem sendo conceituada no contexto atual sociológico, com a evolução das tecnologias e o fim do emprego, entre outros fatores.

Não raro, observa-se na grade curricular de cursos e nas propostas pedagógicas a busca por bases tecnológicas e práticas educacionais que apresentem ao estudante um complexo resultado de formação e atuação. É sob esse enfoque, de formação mais complexa e adequada ao mundo do trabalho e ao contexto social num sentido amplo, que essa pesquisa buscou se debruçar ao investigar as concepções e práticas docentes realizadas no eixo de turismo, hospitalidade e lazer.

As concepções e práticas docentes que envolvem atividades externas à unidade escolar estão presentes desde os primeiros anos de educação infantil. Passeios a museus, visitas a instituições de cultura, espaços artísticos e naturais, enfatizando-se viagens e vivências externas às paredes escolares que são utilizadas por docentes e gestores educacionais com diferentes

finalidades. A especificidade da formulação e da aplicação dessas atividades na graduação tecnológica tem sido pouco estudada.

Nesta pesquisa, buscou-se responder à seguinte pergunta: “Que concepções norteiam as finalidades, objetivos e a avaliação de resultados das práticas docentes extramuros realizadas pelo ensino superior de tecnologia?”

A hipótese adotada teve base no fato de essas práticas docentes, recorrentes em disciplinas das mais variadas áreas do conhecimento (humanas, sociais aplicadas, tecnológicas), apresentarem-se como alternativas para o desenvolvimento de habilidades e a aproximação da formação profissional com o mundo do trabalho.

O objetivo geral investigou as concepções e práticas nos cursos de graduação tecnológica quanto a uma perspectiva que articule teoria e prática, conteúdos humanísticos e técnicos, formação profissional e o mundo do trabalho.

O objetivo específico compreendeu a pesquisa bibliográfica e documental, bem como o levantamento através de entrevistas sobre essas concepções e práticas docentes presentes no planejamento, organização, controle e avaliação das atividades extramuros das instituições escolares, considerando a realização de visitas técnicas no contexto dos cursos tecnológicos do eixo tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer.

A partir de pesquisa bibliográfica e documental, autores que tratam das relações entre educação e trabalho foram sendo incorporados ao estudo. Associados a esses autores trabalhamos com outros que discutem as relações contemporâneas entre capital e trabalho. Assim, o referencial teórico propõe uma visão crítica e problematizadora da concepção e da oferta dos CSTS e da Educação Profissional e Tecnológica como um todo.

O referencial teórico adotado trouxe para o exercício do olhar acadêmico desenvolvido nesse estudo uma contribuição direta sobre as possibilidades de observar, analisar, refletir e compreender a formação tecnológica no eixo de turismo, hospitalidade e lazer, objeto de pesquisa nesse trabalho. O enfoque evidenciado é o de proporcionar ao campo de estudo da educação tecnológica uma visão mais aproximada do fenômeno das concepções e práticas pedagógicas realizadas na educação profissional, como forma de contribuir com as melhorias de ensino, aprendizagem e organização curricular dessa formação.

Para a pesquisa documental e de campo houve uma delimitação quanto aos cursos oferecidos pelo eixo tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer. Dentro desse eixo tecnológico, alguns estudos (FONSECA FILHO, 2007; MATOS, 2012; TEIXEIRA, 2001) sobre a infraestrutura, as práticas e processos do Ensino Superior de Turismo e Hotelaria no Brasil entendem que para o funcionamento dos cursos o uso de práticas extramuros, visitas

técnicas e estudos do meio realizados fora das universidades são utilizados para aproximar a formação do fenômeno mercadológico e social da hospitalidade (aqui entendida como processos e empreendimentos ligados ao turismo, lazer, recepcionar, entreter, hospedar e alimentar).

O fato de o pesquisador ser bacharel em lazer e turismo e docente do Centro Paula Souza, desde 2011, atuando em cursos técnicos do eixo tecnológico Turismo, Hospitalidade e Lazer, foi fundamental também para que se estabelecesse essa delimitação da pesquisa nos cursos oferecidos neste eixo, em especial, os cursos de tecnologia em Eventos e Gestão de Turismo, realizados nas unidades das FATECs São Paulo e Ipiranga, ambas na capital paulista.

Na educação profissional de nível técnico ou tecnológico, além das visitas para o estudo do meio social em que se inserem os alunos, verificou-se a organização e realização de visitas técnicas e outras modalidades de atividades docentes e discentes, voltadas para espaços profissionais ou localidades em que o aluno tinha a oportunidade de verificar e refletir sobre teorias, técnicas e tecnologias abordadas em sala, podendo ainda ter acesso a informações, equipamentos e infraestrutura de organizações públicas ou privadas que realizam - ou deveriam realizar - com êxito a proposta curricular profissional que está sendo vivenciada pela comunidade escolar (considerando-se nesse contexto como membros da comunidade a equipe de gestão, apoio, docentes e discentes no contexto de execução de aulas teórico práticas).

Em um ou mais dias, o grupo de alunos visitantes tem a possibilidade de desenvolver o olhar sobre fluxos operacionais (materiais, equipamentos, controle financeiro, pessoas, clientes, equipes, frotas de veículos, logística, sistemas de informações e, em alguns casos, até estratégias dessas organizações), e sobre os fixos (patrimônio edificado, patrimônio natural, instalações, mobiliários), que compõem os meios produtivos ou as empresas prestadoras de serviços. Esse "olhar" para o que se realiza dentro das organizações permite ao professor no retorno à sala de aula apropriar-se deste cenário para a proposição de diferentes iniciativas avaliativas e de construção do conhecimento, além da possibilidade de os próprios alunos desenvolverem uma visão técnica e mercadológica, às vezes, fazer uma crítica socioeconômica do ambiente visitado. O termo *visita técnica* foi empregado de uma maneira ampla equivalendo aos termos *imersão*, *viagem técnica*, *excursão*, *roteiro*, *visita a atrativo*, *observação a eventos*, *visitas a plenárias*, *estudos do meio* e outras expressões empregadas pelos docentes, coordenadores e auxiliar docente, entrevistados no âmbito desta pesquisa.

Para a realização de cada uma dessas atividades englobadas no termo *visita técnica*, cada membro envolvido (docente, coordenação, aluno) passou por um processo empírico ou, ao menos, não padronizado, de planejamento, estruturação, divulgação, organização, realização

e avaliação da atividade. É um trabalho, muitas vezes, complexo, em que mais do que o domínio do conteúdo teórico, envolve-se o conhecimento de mercado, as competências de relacionamento com o mercado ou seus atores e também a conciliação de conteúdos programáticos, currículos e propostas de formação àquela atividade externa. Nas páginas que seguem, explicitou-se um referencial teórico sobre o tema educação profissional e sobre a formação dos tecnólogos, bem como a organização desses cursos por eixos tecnológicos.

A primeira seção, *Mundo do trabalho, formação profissional e desafios teórico práticos para os Cursos de Tecnologia*, associou bibliografia, documentos oficiais da educação profissional e resoluções do Ministério da Educação que impactam na oferta de cursos. Em seus subitens, apresentou-se considerações sobre sua raiz histórica e as concepções mais modernas introduzidas nessa modalidade de educação. O intuito foi de apresentar ao leitor a forma como o mundo do trabalho, o sistema econômico e a organização social se relacionam e refletem nas concepções da educação profissional, que se pauta por cenários extrínsecos aos gabinetes dos ministérios, secretarias e da própria instituição de ensino superior, trazendo às suas concepções traços conceituais e teóricos ligados às correntes do pensamento filosófico, da sociologia, economia, entre outros. Destacam-se os estudos de Linhart, Bruno, Ferreti, Alves, Antunes, Lopez-Ruiz, quanto às relações de trabalho no mundo contemporâneo, e os autores que tratam das relações entre trabalho e educação: Machado, Ciavatta, Ramos, Frigotto. Ainda nesta seção há uma introdução aos estudos sobre bases teóricas e conteúdos práticos na formação profissional quanto às atividades extraescolares em que foi constituído, trazendo alguns apontamentos que refletem autores como Sacristan, Tardif, Rubim, Falcão, Ferreira, entre outros.

A segunda seção foi conduzida como *A organização curricular dos Cursos Superiores de Tecnologia e a especificidade do eixo tecnológico de turismo, hospitalidade e lazer*, e trouxe em seu conteúdo como esses eixos organizam ou tentam organizar a educação profissional no país, bem como a evolução das versões dos Catálogos Nacionais de Cursos Superiores de Tecnologia. A partir de pesquisa documental, o estudo realizado nesses Catálogos permitiu apontar suas principais alterações, além da compreensão de sua relevância para a organização da oferta de cursos nessa modalidade.

Entrando de maneira mais específica na dimensão empírica do estudo, o terceiro capítulo foi intitulado como *Cenário da pesquisa: O Centro Paula Souza e a oferta de cursos no Eixo tecnológico de turismo, hospitalidade e lazer* e tratou dos projetos pedagógicos dos CSTsS em Eventos e em Gestão de Turismo, objeto dessa pesquisa melhor apreendido a partir de documentos institucionais. Nessa seção, foram apresentados referenciais sobre a educação

superior, suas concepções e práticas e também aquelas utilizadas em alguns cursos de turismo e hotelaria no Brasil.

Com a pesquisa de campo concluiu-se o registro do levantamento quantitativo (para compreender quais são essas práticas docentes utilizadas) e entrevistas orientadas para os atores envolvidos apontarem as justificativas e concepções que os dois CSTs estudados (Eventos e Gestão de Turismo) apresentaram para o uso dessas práticas de atividades fora das unidades de ensino, trazendo os principais elementos conceituais que as unem à formação profissional, sob a ótica dos docentes, coordenadores e demais atores que as constroem.

Quanto às entrevistas realizadas, essa seção referiu-se à *Qualificação dos respondentes*, tratando do registro e da comprovação da pesquisa aplicada a professores que realizam visitas técnicas nos cursos estudados. Na sequência, foram registrados os *Resultados obtidos* a partir das entrevistas, com as sínteses das respostas às perguntas realizadas. Por fim, a seção final trata acerca das *Considerações Finais*, que não tiveram a pretensão de encerrar a problematização desse tema tão urgente, que são as práticas realizadas nos CSTs do eixo de turismo, hospitalidade e lazer.

Cabe registrar as limitações dessa pesquisa de mestrado, desenvolvida com o intuito de discutir ou problematizar algumas - não todas - as nuances das correferências entre capital e hábitos do mundo do trabalho, mas sim, buscar compreender as relações dessas transformações com a educação profissional, bem como a relação das práticas de visitas técnicas como tentativa de aproximação dessa educação formal com os desafios do mundo do trabalho.

1. MUNDO DO TRABALHO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E DESAFIOS TEÓRICO PRÁTICOS PARA OS CURSOS DE TECNOLOGIA

O sistema capitalista analisado por Marx em *O capital*, como sistema dominante dos meios de produção econômica e também da organização do trabalho e da formação dos trabalhadores, permanece como vetor que determina itinerários e concepções das qualificações profissionais ofertadas, tanto por parte das escolas públicas quanto privadas de ensino. Não é somente a organização das estruturas das empresas, dos blocos econômicos e das sociedades econômicas que se farão impactadas pelo sistema econômico e pela estrutura do capitalismo.

A instituição de ensino, como local de formação dos indivíduos para a sociedade, incorpora a força e as lógicas do sistema econômico em suas rotinas, práticas, planos, propostas e outras esferas do ambiente e da comunidade escolar.

Para ilustrar as formas como essa força e lógica do capital impactam nas rotinas da educação, basta olhar para os tensionamentos (o que ensinar, por que ensinar, como ensinar) e as imbricações e inferências que são implantadas em conteúdos programáticos, processos, currículos, avaliações e até mesmo nos itinerários formativos dos estudantes. Essa lógica leva a considerar todos - ou a maior parte da totalidade - como operários e trabalhadores, que devem estar preparados com a formação educacional para serem incorporados ao sistema produtivo, e, portanto, capitalista, levando às formações educacionais a serem pautadas pela lógica da geração de riqueza, ou seja, o viés econômico.

A geração de riqueza no capitalismo é compreendida na perspectiva marxista como produção de mais-valia. O capital gera valor em diferentes contextos tecnológicos e de relações de produção e de trabalho, ao que Marx deu o nome de mais-valia absoluta e mais-valia relativa. A mais-valia absoluta se dá quando há o aumento da exploração da força de trabalho, seja por aumento da jornada pagando-se o mesmo salário; já a mais-valia relativa, de forma sucinta, está ligada aos processos modernizados e informatizados que não revalorizam trabalhadores e a medida da evolução tecnológica em si, terminando por excluir o trabalhador dos processos produtivos. Discutindo a atualidade dos conceitos de mais-valia absoluta e mais-valia relativa no contexto brasileiro, a partir dos anos 1990, Lúcia Bruno (2011) nos aponta:

O grande desafio para o capitalismo na contemporaneidade é como impor o trabalho enquanto controle social numa situação em que o capital se mundializou e o uso intensivo da maquinaria, da ciência e da tecnologia são redutores de trabalho vivo, aumentando o desemprego estrutural. Uma das saídas tem sido incorporar jovens sem emprego e desempregados, em geral, em atividades voltadas para a reprodução da classe trabalhadora, por meio do incentivo ao empreendedorismo individual, ao trabalho junto a comunidades carentes, à criação de cooperativas e empresas ditas autogestionárias, inseridas no que se deu o nome de Economia Solidária. Trata-se de um novo mecanismo de controle, na medida em que no capitalismo se efetiva por meio da

imposição do trabalho a todos os que não possuem os meios de produção necessários à sua sobrevivência (p. 553).

Essa suposição do trabalho que deve dar significado à existência humana aparece também como o *ethos* do capitalismo. Para o desenvolvimento desse capitalismo, apresentado nesse início do século XXI, foi necessária a evolução da ciência e da tecnologia com implicações no cotidiano social e empresarial, conforme conhecemos hoje. O ideal do trabalhador não mais como vendedor de sua mão de obra, ou seja, da mais-valia absoluta, mas sim como parte de um capital da organização ou de um capital de si mesmo (somatória de investimentos em qualificação, desenvolvimento, habilidades em si):

Para o desenvolvimento do capitalismo tal como o conhecemos no início do século XXI foi necessário mais que o desenvolvimento da ciência e da técnica na forma em que hoje se apresentam. Foi crucial, também um conjunto de conceitos, de valores e de normas (de um *ethos*) que permitiu, entre outras coisas, fazer do humano uma forma de capital – e do capital humano um ativo da empresa. Esse conjunto de valores e normas, cujo desenvolvimento é concomitante ao da ciência e da técnica, é, ao mesmo tempo, derivado e constitutivo tanto do sistema econômico quanto da ordem científico-tecnológica na qual vivemos atualmente (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 27).

Em um momento de desenvolvimento humano em escala global, busca-se um discurso ainda válido e aderente, em que o progresso e a utopia encontrem lugar para o avanço social por meio da educação. A Educação Profissional e Tecnológica se vê em vias de consolidação e de mudanças para manter-se em proximidade com as demandas sociais e também com as normativas de sua gênese e implantação. Nesse horizonte em que se desenham hoje políticas e programas de educação profissional, o mundo contempla a desmistificação do progresso e do paradigma teleológico, dando lugar a uma atuação mais contextualizada e, portanto, humana à Educação Profissional e Tecnológica.

O mundo do trabalho, como opção de atuação profissional, tende cada vez mais a ser expandido e entendido como algo que extrapola as relações de emprego. O modelo empregador-empregado deve apenas ser uma das possíveis trajetórias profissionais daqueles em processo de qualificação. Com a crise mundial do emprego, tem-se adotado discursos e conteúdos didáticos voltados à caracterização dessa nova forma de projetar o egresso da formação profissional no mundo do trabalho ou em alguma atividade econômica que permita sua própria geração de renda. Nesse contexto, refere-se a modelos do capital humano, ou ao empreendedor de si mesmo, ou ainda, mais abertamente o Microempreendedor individual, como cenários conceituais a serem abordados pelas qualificações profissionais.

Segundo Manfredi (2016), à medida que o desenvolvimento industrial avançou e demandou força de trabalho em grandes quantidades, também foi necessário criar métodos de qualificação profissional e de reordenação do trabalho como a especialização de funções, separando o trabalho manual do intelectual.

Esse entendimento da forma como se dá o trabalho surge com a compreensão do abandono do trabalho artesanal que necessitava do conhecimento de todos os processos do trabalho exigindo uma visão ampla do processo em detrimento de uma especialização:

O processo de parcelarização, rotinização e degradação do trabalho que já se fizera presente desde o desenvolvimento da maquinaria, ofereciam os argumentos empíricos para evidenciar não apenas o processo de alienação a que estavam submetidos os operários e trabalhadores em certos setores dos serviços, mas também a perda de saberes que cada vez mais eram transferidos para as máquinas e os equipamentos (FERRETI, 2004, p. 406).

Nas últimas quatro décadas, a organização do sistema econômico e as novas tecnologias impactaram diretamente a sociedade, incluindo as empresas, os trabalhadores e as instituições de educação. As mudanças ocorridas no capital e no sistema capitalista, marcadas por novas formas de organização empresarial e também na concepção do trabalho em si, aparecem no trecho abaixo sintetizadas:

Podemos acrescentar que a monumental reestruturação do capital executada nas últimas quatro décadas e intensificada na contextualidade da crise atual vem exacerbando este quadro crítico em relação ao trabalho, *de modo que a precarização vem se tornando a regra, e não a exceção* [grifo do autor]. Subordinado ao comando da produção maquínica, seja pela vigência da *máquina-ferramenta autômata* [grifo do autor] ou da *máquina informacional-digital* [grifo do autor] presente nas tecnologias da informação e comunicação, o trabalho relativamente mais formalizado da era Taylor-fordista está sendo amplamente substituído pelos mais distintos e diversificados *modos de ser* [grifo do autor] da informalidade e da precarização, de que são exemplos os trabalhos terceirizados (em sua ampla variedade), tendencialmente cada vez mais pautados pela condição da precariedade (ANTUNES, 2013, p. 22).

Não se trata apenas da globalização da economia, mas da forma como os produtos, produtores e trabalhadores estão se reinventando para atender ao mercado global. Na esteira dessas mudanças, estão se desfazendo condições e conquistas trabalhistas, num mundo cada vez mais ligado ao trabalho, à prestação de serviços do indivíduo; e menos ligado ao emprego. Com a crise econômica, os empregos vão se configurando em um acúmulo de funções, estruturas organizacionais matriciais com subordinações e interlocuções com diversas áreas e

setores, bem como a presença crescente da inovação, da produtividade, da eficiência e da eficácia como papéis do trabalho e do trabalhador. Por modernização, Linhart acrescenta:

A modernização tem consistido basicamente em dinamizar – flexibilizando-as – as modalidades de funcionamento da empresa, em dinamizar suas estruturas introduzindo lógicas transversais; ela tem igualmente consistido em extrair o assalariado de uma gangue coletiva, colocando-o sozinho no coração sozinho da modernização, quer dizer em um processo de trabalho modificado. Ela tem igualmente transformado a própria natureza do trabalho em muitos casos, através das tecnologias cada vez mais sofisticadas, através de uma evolução de finalidade própria do trabalho em ligação com as lógicas concorrenciais, que impõem coerções suplementares [...], com exigências de qualidade e prazo e, portanto, com diferentes formas de autocontrole (LINHART, 2000, p. 31).

Um trabalhador mais máquina, no sentido da produtividade, e mais humano, no sentido da adaptação a mudanças, ambas características atendendo a demandas da empresa, aos objetivos do negócio. Além disso, evidencia-se a presença de contratos, modelos de remuneração e garantias trabalhistas cada vez mais precarizados, com os sindicatos enfraquecidos em sua função de defesa do trabalhador e com leis mais brandas, dando a entender que há uma relação menos desigual entre o trabalhador e o empregador. Assim, complementa Antunes:

[...] a terceirização e a informalidade da força de trabalho vêm se constituindo como mecanismos centrais, implementados pela engenharia do capital, para aumentar a exploração do trabalho, valorizando o capital. E, quanto mais essa processualidade se intensifica, maior é o movimento propulsor da precarização estrutural do trabalho (ANTUNES, 2013, p. 23).

Denota-se, assim, não a existência de uma mudança isolada, de um único indivíduo, mas de uma precarização estrutural, que envolve a esfera individual do coletivo, passando pela legislação do trabalho, agentes defensores dos direitos, trabalhadores, profissionais e estudantes, que acompanham como espectadores passivos as decisões e transformações propostas pelo capital, aqui vestindo a roupa da empresa empregadora ou contratante de serviços e mão de obra.

1.1 Formação profissional e os cursos superiores de tecnologia

Pesquisar sobre educação profissional ainda é um desafio para pesquisadores e acadêmicos. A mesma quantidade ou densidade de conteúdos formais e publicações acadêmicas

sobre educação formal não encontra equivalência quando a pesquisa se debruça sobre as concepções da educação profissional que não se observa no país. Nesse sentido:

A educação escolar, em sentido amplo, preocupada com a formação plena do indivíduo, como pessoa e como cidadão, contribui para a formação profissional de maneira indireta, seja por propiciar-lhe o acesso aos conhecimentos disciplinares, seja por entender que é parte dessa formação a compreensão do contexto em que o exercício da atividade profissional se realiza ou se realizará. A educação profissional, como recorte específico da educação escolar, dirige-se, como sabido, à formação profissional em sentido estrito, completando a formação em sentido amplo (FERRETTI, 2004, p. 402).

Essa educação profissional concebida como educação restrita tem demonstrado diferentes reflexos em políticas e programas nacionais. Caberia à educação escolar propedêutica o desenvolvimento de conhecimentos nesse aluno relacionados à sua atuação como pessoa e como cidadão, colaborando assim para seu desenvolvimento profissional e de atividade econômica. Saciloto (2016) nos apresenta uma definição de educação profissional como algo que contempla os saberes e práticas sociais, estando além do que se observa em publicações e no ambiente interno das escolas:

A formação de hábitos precede a institucionalização, que ocorre no momento em que são tipificadas as ações e os atores que a executam. Para se institucionalizar, a atividade humana depende do hábito. Quando frequentemente repetida, a ação se molda em um padrão, que pode ser reproduzida da mesma maneira, com economia de esforço, e assim, repassada e aprendida por um futuro executor dessa mesma ação, sem a necessidade que seja reiteradamente redefinida, passo a passo. O hábito empresta significado às ações para o indivíduo e passa a integrar o acervo geral de conhecimentos, admitidos como corretos. As tipificações das ações habituais e do papel dos atores constituem propriamente as instituições, partilhadas pelos membros do grupo social. Pode-se afirmar, neste sentido, que a educação profissional se torna uma instituição a partir da caracterização e seleção de um estoque de conhecimentos (teóricos e práticos, decorrentes da experiência empírica do trabalho), socialmente distribuídos, e de papéis típicos que os atores executam na trama da divisão do trabalho que lhe é inerente (SACIOTO, 2016, p. 35).

A citação na página anterior trata de alguns aspectos peculiares do trabalho, sobretudo a presença e os reflexos do hábito na cultura organizacional, nos processos, na profissionalização e na educação profissional. Como o próprio autor afirma, a educação profissional seleciona esse conjunto de hábitos decorrentes da experiência empírica do trabalho realizado ou idealizado e, dessa forma, traduz esses códigos e signos em diálogos e transmissão de conhecimentos aos alunos e grupos de formação. Nessa construção realizada por atores nos

ambientes educacionais, muitas vezes, a visão e a experiência dos docentes são refletidas na sala de aula como forma de replicar os hábitos de outras instituições de ensino, de locais de trabalho, de projetos e empresas de referência. Tais hábitos e influências do meio externo às instituições de ensino podem refletir em novas formas de ensino tanto na educação profissional básica quanto na técnica e na tecnológica.

Importante ainda trazer para este estudo algumas das concepções acerca da educação tecnológica sob dois enfoques: os que tratam a questão da educação tecnológica e profissional como a formação que prepara o indivíduo para o manejo social e profissional, e a outra voltada ao conceito de politecnia, que supera a divisão de formação do aluno como formação para o trabalho manual e intelectual.

A questão da educação tecnológica está presente no campo da educação sob duas perspectivas. Uma que a identifica com a educação que aborda conhecimentos associados às tecnologias utilizadas nos processos de produção e, assim, pode formar pessoas para o manejo social e profissional dessas tecnologias para ocuparem um espaço específico na divisão social e técnica do trabalho. Essa perspectiva esteve na origem dos Centros Federais de Educação Tecnológica e tem orientado mudanças mais contemporâneas nas políticas educacionais e de trabalho, bem como de finalidades e funcionamento de instituições de formação profissional. Outra perspectiva é aquela que fundamentou a defesa de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional na década de 1980 (rejeitada por uma manobra do Senado) que, em seus termos teóricos e práticos, propiciasse a superação da concepção educacional burguesa que se pauta pela dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual e entre instrução profissional e instrução geral. Nesse sentido, o conceito de educação tecnológica ganhava o sentido com o de politecnia (CIAVATTA; FRIGOTO; RAMOS, 2005, p. 13).

A partir de políticas públicas e legislações relacionadas ao desenvolvimento econômico, à inclusão social ou mesmo à inovação tecnológica, estas emprestaram seu lastro conceitual à formação de profissionais no Brasil e no mundo. Em nosso país, o marco da formação superior tecnológica se dá com a introdução da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 (Lei nº 4.024), que trouxe em seu artigo 104 a permissão para que conselhos de educação possam autorizar o funcionamento de cursos experimentais, com currículos, métodos e períodos próprios. Machado (2008, p. 2) afirma que "essa flexibilização ensejou a proposta de criação do curso de Engenharia de Operação com a duração de três anos, aprovada pelo CFE nº 60/63". O papel do Conselho Federal de Educação (CFE) continuará nas próximas décadas a balizar a forma como esse ensino se desenvolve e se consolida no mercado brasileiro.

Pode-se dizer que o desenvolvimento dessa formação passou por dois momentos distintos. Dos anos 1970, quando surge através do Parecer CFE nº 1060/73 o termo "tecnólogo" até os anos 1980, a principal característica dos cursos superiores de tecnologia era de busca por um lugar no mercado de trabalho, em conflito direto com Conselhos Profissionais para definir (ou limitar) o campo de atuação e as atribuições competentes a tais profissionais. A partir dos anos 1990, mais precisamente no final desta década, o ensino tecnológico passa por uma expansão no país, oportunizada pela ordem socioeconômica e os reflexos da universalização da educação no país e da globalização da economia, refletindo na realidade do Brasil em fatos como o aumento do número de jovens de baixa renda concluintes do ensino médio, a incapacidade do poder público em expandir as universidades com a "graduação superior plena", por seu custo e outros entraves ao desenvolvimento.

Prevaleceu, até o presente momento, uma lógica que os vincula às expectativas subjetivas e institucionais de apropriação de conhecimentos que possam ser imediatamente aplicáveis a atividades práticas específicas; a nichos emergentes do mercado de trabalho; e a demandas por obtenção rápida de um título acadêmico de nível superior de amplos segmentos da população brasileira desprovidos dos recursos educacionais ou econômicos que viabilizem seu acesso aos cursos de bacharelado (MACHADO, 2008, p. 13).

Aliam-se a esses fatos a diversificação da atividade econômica e a transposição da economia industrial para a era dos serviços, bem como a incorporação das tecnologias no mundo do trabalho com revoluções, a saber a expansão das redes de computadores (intranet e extranet), a telemática, a automação industrial, as mídias on-line, a evolução nas telecomunicações de uso pessoal e doméstico. Assim, aponta Ferreti (2000), que um "novo homem" deve ser formado. Não mais o profissional, o operário, mas aquele dotado de uma visão além de sua formação profissional específica:

Pode-se levantar a hipótese de que as mudanças educacionais em geral, em particular na esfera da educação profissional e do ensino médio, objetivam mais a produção de um novo tipo de homem, do que, efetivamente, sua preparação para o trabalho. Parece que se prepara um novo tipo de homem por meio de uma educação para o trabalho em uma sociedade sem emprego, regida pela lógica da competência e a ideologia da empregabilidade (FERRETI, 2000, p. 64).

A formação técnica ou tecnológica deve permitir ao egresso a inclusão no mundo do trabalho a partir de aptidões com as mais diversas tecnologias e conteúdos humanísticos. Assim, respeitando a base de sua gênese em ofertar uma formação que seja abrangente às normas produtivas. Mister observar, então, o que nos aponta o autor que segue:

É neste sentido que o técnico, como prefere Simondon, ou o tecnólogo, como proposto aqui, é peça-chave como aquele que concretiza um pensamento em um objeto tecnológico, inventa, informa, cria, a partir da intuição. Esse papel não lhe é conferido atualmente apenas, mas historicamente como se viu, porém as especificidades das tecnologias contemporâneas confere-lhe um caráter diferente, mais agudo, digamos assim, em virtude da complexidade e multidisciplinaridade que o mundo da tecnociência exige. Toda uma cadeia de relações entre humanos e máquinas torna-se necessária para as mais diversas atividades (FREIRE, 2012, p. 112, 113).

Por fim, as mudanças dos paradigmas no mundo do trabalho e as novas estruturas organizacionais e as recomendações de organismos internacionais de financiamento e incentivo à criação dessa alternativa de formação superior de menor duração e com a proposta mais aderente às urgentes demandas do mercado de trabalho passaram a configurar o ambiente em que se instaura a formação tecnológica no Brasil.

1.2 Bases teóricas e conteúdos práticos na formação profissional quanto às atividades extraescolares

Um dos primeiros conceitos a serem trazidos como sustentação da argumentação desta pesquisa está concatenado ao entendimento de concepções que permitam ao aluno um papel mais ativo, participativo, reflexivo e atuante. Assim, a docência de nível superior se vê em busca de um novo paradigma, em que se desloca o polo de ensino do professor para o aluno:

Este paradigma implica que os docentes universitários se desloquem do polo do ensino para o polo da aprendizagem e que se preocupem não apenas com ensinar, mas, sobretudo, com o fazer aprender. É necessário, por conseguinte, adaptar a organização, a planificação e os métodos de ensino e de avaliação aos diferentes modos e estilos de aprendizagem dos estudantes e aos seus diversos interesses, motivações, capacidades e expectativas (BORRALHO; FIALHO, 2009, p. 985).

Em um estudo realizado no Liceu de Arte, em 1908, já se apontavam as excursões escolares como ferramenta de importante formação: "A circular de 25 de outubro de 1906 é a que recommenda a organização das *excursões escolares*, como elemento pedagógico de capital importancia" (VASCONCELLOS, 1908, on-line).

Tanto associado às bases teóricas quanto aos conteúdos práticos deve-se considerar que os conhecimentos evoluem e que os docentes deverão constantemente buscar por novas fontes de pesquisa, que estão além dos registros em livros e publicações acadêmicas. Assim, esses

profissionais devem atentar-se para a necessidade de autoformação, reciclagem e busca de aperfeiçoamento tecnológico por diferentes meios. Conforme considera Tardif:

Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais. Desse ponto de vista, a formação profissional ocupa, em princípio, uma boa parte da carreira e os conhecimentos profissionais partilham com os conhecimentos científicos e técnicos a propriedade de serem revisáveis, criticáveis e passíveis de aperfeiçoamento (TARDIF, 2000, p. 7).

O mesmo autor defende ainda que o conhecimento profissional possui dimensões éticas, incluindo valores, senso comum, saberes cotidianos, julgamento prático, interesses sociais, etc. inerentes à prática profissional, especialmente quando estas se aplicam a seres humanos. As universidades e, por conseguinte, as faculdades de tecnologia, veem-se na necessidade de propor ao aluno uma formação que prepare cidadãos para a participação na vida coletiva, quer seja dentro ou fora do ambiente corporativo. Nos anos 1970, MEC-INEP-CBPE publicaram uma cartilha sobre as excursões educativas, trazendo a relevância da prática nos diferentes níveis de ensino.

Institutos, universidades, centros de pesquisas e outras instituições especializadas em qualquer parte do território nacional estão empenhados em participar do aperfeiçoamento didático, visitando e sendo visitados. Eles vêm permutando Informações e ganhando experiências e progresso, graças ao processo "excursão-incursão" em que "saem de" para "aprofundar-se em". As excursões educativas estão a igual caminho, de um lado, do turismo assistemático que muitas vezes é nocivo porque afasta, desajusta e artificializa o indivíduo em relação aos objetivos e vivências de sua terra e de seus compatriotas e, de outro, daquela experiência excessivamente sistemática e sem motivação atual de algumas classes e escolas que, dentro de quatro paredes, podem acabar por afastar o interesse natural pelos assuntos didáticos e culturais, se os tiver tornado por demais livrescos, irreais ou mesmo impostos (FARIA, 1973, p. 10).

Perceptível no trecho acima a preocupação em proporcionar ao aluno novas experiências de ensino, que utilizassem do contexto externo às paredes da escola para promover uma formação não de turista interessado no lazer, mas em uma nova forma de ensinar e aprender. Essas práticas de ensino e aprendizagem, que extrapolam o modelo do professor como mestre e do aluno como ouvinte, trazem ainda características de maior envolvimento das atividades e processos de planejamento e organização das rotinas educacionais por parte dos docentes. Esse tipo de aprendizagem tem como elementos principais:

(a) procura incentivar o pensamento independente e crítico nos estudantes; (b) encoraja os estudantes a assumirem responsabilidade por aquilo que aprendem; (c) envolvem os estudantes em uma variedade de atividades abertas (projetos, discussões, exercícios de simulação, entre outros) para garantir que eles tenham um papel de protagonista, papel menos passivo que na ‘transferência de conhecimento’. Tanto o processo quanto os produtos são importantes; (d) considerar o papel do educador, embora não exclusivo, para organizar atividades adequadas de aprendizagem em que os estudantes possam explorar e desenvolver a sua base de conhecimento e pensamento (KANE, 2004, p.281).

Embora essas características apareçam como uma forma de sistematizar programas e projetos educacionais, sabe-se que muitas dificuldades ainda são encontradas para as propostas de ensino que não se prendem ao formato escolarizado – aquele em que a relação de professor e aluno limita-se à sala de aula e aos espaços da própria escola, colocando o professor como fonte de transferência de todo o conhecimento necessário.

No cenário atual, dinâmico e de frequentes alterações no espaço-tempo, ainda é perceptível que faltam novas formas de ensinar, aprender e de avaliar o conhecimento, e que apesar de muitos esforços formais e informais em unidades escolares, projetos e programas de ensino “de abrir espaço à sensibilidade, expressão e imaginação, as escolas acabam por privilegiar a compreensão de mundo somente a partir do conhecimento categorizável, quantificável e reproduzível” (RUBIM, 2015, p. 8).

Esse formato de espaço de educação limítrofe pode acarretar o estreitamento da missão de educação que leva o indivíduo para proposição de soluções no âmbito social, tecnológico, profissional e cidadão. Ainda complementa Rubim (2015, p. 8) que a “evolução do conhecimento categorizável é dependente da imaginação e da criatividade, na medida em que são as abordagens não convencionais, a ousadia de pensar fora da curva que possibilitam os avanços”.

Assim, a rotina escolar alheia ao mundo extramuros pode trazer consequências danosas à formação do estudante, pela separação e o distanciamento da escola com o mundo real, transformando o tempo-espaço da educação em uma exclusividade da sala de aula. Nesse sentido, Sacristan sintetiza que:

Os princípios básicos modernos que animaram os atuais sistemas educacionais e, mais especificamente, a orientação que os currículos e as práticas de ensino adotaram predominantemente no paradigma da modernidade são os seguintes: valorização da cultura como conteúdo digno de ser reproduzido, preparação do cidadão para a vida democrática, inserção no mundo da produção, desenvolvimento dos indivíduos como sujeitos, aspirações consideradas como universais e sustentadas, portanto, pelo objetivo da igualdade social (SACRISTAN, 2002, p. 26).

O estudante, ao visualizar no mundo externo comportamentos, procedimentos, técnicas e tecnologias, adquire novos conhecimentos para seu repertório pessoal e profissional. Fora dos muros, a vida acontece, a realidade é dinâmica, os desafios se apresentam em diferentes níveis, sejam eles de relacionamento interpessoal, conhecimento do meio, aplicação de conhecimentos, reflexões sobre a realidade e possibilidades de inovação. Nesse sentido, o trecho que segue traz uma síntese da expectativa que se tem com a proposta educacional e a organização das aulas e das atividades levadas para além dos muros escolares:

As experiências obtidas a partir desse contato direto com o mundo externo têm diversas dimensões ou despertam em nós diferentes tipos de significados, de modo que contribuem para que tenhamos representações polifacéticas do mundo com virtualidades não excludentes. [...] Essas experiências povoam nosso mundo interior e a partir delas adquirimos outras novas, orientando a decisão de um certo sentido em nossa vida. O “que nos acontece” é a forma mais direta de adquirir significados sobre o que é o mundo exterior e de passagem, vamos preenchendo nosso universo interior particular (SACRISTAN, 2002, p. 36).

Ainda devem-se considerar as transformações sociais e tecnológicas vividas no final do século XX e início do século XXI. A interatividade, o acesso ao conhecimento e às novas formas de se conectar virtualmente apontam também para novas maneiras de aquisição do conhecimento, levando-se em consideração que o aprendizado não é automático, que há diferentes níveis de aprendizado de acordo com as mudanças em processos e comportamentos. Ainda deve-se considerar o cotejamento da escola com as novas formas de aprender, incluindo o aprender a aprender, fundamental e envolvendo componentes formais como os tácitos e contextualizados a partir do espaço-escola-indivíduos imbricados no processo escolar.

2 A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA E A ESPECIFICIDADE DO EIXO TECNOLÓGICO TURISMO, HOSPITALIDADE E LAZER

Nesse capítulo, estruturado a partir da pesquisa e análise documental considerando a legislação e os catálogos nacionais de cursos superiores de tecnologia, foi desenvolvido um breve estudo sobre dois dos cursos de um dos eixos deste catálogo em sua mais recente versão, os cursos de Tecnologia em Eventos e Tecnologia em Gestão de Turismo, pertencentes ao eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer, na perspectiva da oferta realizada pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

A organização dos eixos tecnológicos nasceu no Brasil para auxiliar a implementação e a gestão dos cursos em âmbito nacional, facilitando a mobilidade do egresso, a avaliação institucional e a manutenção de padrões claros para o território nacional em relação à oferta dos CSTS. A atual metodologia para a formulação do catálogo de cursos do ministério da educação, que deixa para trás o modelo de organização por áreas profissionais, veio em busca de trazer mais solidez e clareza na aprovação de cursos e certificações técnicas e tecnológicas. A imensa quantidade de denominações de cursos anteriores, cerca de 2700, acabava por sobrepor áreas e dificultava a compreensão do mercado sobre as certificações e mesmo a fiscalização e avaliação dos cursos por parte do ministério da educação.

Os cursos em torno de eixos tecnológicos indicaram que estes passaram a guardar similaridades de ensino e, segundo Machado (2010, p. 93), poderiam facilitar a interdisciplinaridade entre os cursos e mesmo o aproveitamento de estudos dentro de um mesmo eixo em formações subsequentes. Francisco Cordão, em seu parecer (BRASIL, 2008), indica que a formulação de um núcleo politécnico comum propiciaria “um processo educativo mais sintonizado” com as demandas e fluidez do atual mercado de trabalho. Ainda, segundo Francisco Cordão, em seu parecer CNE/CEB nº 11/2008 (BRASIL, 2008), a vantagem observada na mudança de metodologia mostrava a sua necessária adoção também para os cursos técnicos de nível médio.

Uma discussão importante na implantação dos eixos tecnológicos é o fato de que esta metodologia se afasta da ideia de formações com menor amplitude do conhecimento e que atendam ao ensino para postos de trabalho. Os eixos tecnológicos apresentam a perspectiva de uma formação que visa, para além do mundo do trabalho, a perspectiva crítica sobre a função do trabalhador na sociedade e mesmo do seu entorno de vivência social. Esta visão pode ser

observada na resolução CNE/CEB nº6 de 2012 (BRASIL, 2012), que no artigo 6º traz os seguintes incisos dedicados aos princípios norteadores dessa proposta:

III - trabalho assumido como princípio educativo, tendo sua integração com a ciência, a tecnologia e a cultura como base da proposta político-pedagógica e do desenvolvimento curricular;

IV - articulação da Educação Básica com a Educação Profissional e Tecnológica, na perspectiva da integração entre saberes específicos para a produção do conhecimento e a intervenção social, assumindo a pesquisa como princípio pedagógico;

V - indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos da aprendizagem;

VIII - contextualização, flexibilidade e interdisciplinaridade na utilização de estratégias educacionais favoráveis à compreensão de significados e à integração entre a teoria e a vivência da prática profissional, envolvendo as múltiplas dimensões do eixo tecnológico do curso e das ciências e tecnologias a ele vinculadas;

IX - articulação com o desenvolvimento socioeconômico-ambiental dos territórios onde os cursos ocorrem, devendo observar os arranjos socioprodutivos e suas demandas locais, tanto no meio urbano quanto no campo (BRASIL, 2012, p. 2,3).

Como se observa nestes incisos, trata-se sobremaneira a questão de ensino que busque, mesmo dentro da Educação Profissional e Tecnológica, oferecer uma visão que vá além de saber como lidar com ferramentas, equipamentos e serviços, mas que permita ao aluno adquirir consciência para interferir em seu ambiente profissional a partir de sua realidade social. Em seu artigo 14, evidencia-se que os currículos dos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio devem proporcionar aos estudantes, entre outros aspectos, o "[...] domínio intelectual das tecnologias pertinentes ao eixo tecnológico do curso, de modo a permitir progressivo desenvolvimento profissional e capacidade de construir novos conhecimentos e desenvolver novas competências profissionais com autonomia intelectual". (BRASIL, 2012, p. 5).

2.1 O Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia

A educação em seus diferentes níveis pauta-se por estruturas e normatizações que atravessam concepções, políticas públicas, programas de governo, instruções normativas, decretos, pareceres e outros marcos legais e oficiais que regulamentam a atividade educacional. Esta realidade, vivida não só no Brasil, determina ou direciona a cultura das instituições e dos docentes, estes no contato mais direto com alunos. Toda a oferta de educação formal tem como base documentos e dimensões estruturantes, que permitem com que as instituições de ensino

produzam currículos, ementas e planos de ensino capazes de caracterizar uma formação aderente à proposta legal. Nessa linha de raciocínio, Sacristan acrescenta que:

As dimensões estruturantes se originam nas forças criadas pela tradição, que cristalizam na forma do *habitus* a partir do qual entendemos e atuamos na cultura profissional dos docentes, na forma depurada de organizar as instituições de educação, nos regulamentos ditados pelas autoridades de educação, nos materiais curriculares de uso mais frequente, na formação e nos procedimentos de seleção do professorado, etc (SACRISTAN, 2002, p. 22).

Com o aumento dos cursos, alguns marcos regulatórios para auxiliar o desenvolvimento e implantação, bem como no acompanhamento e avaliação, tiveram de ser ajustados. Surge assim, em meio à expansão da quantidade de cursos e de alunos matriculados que chegaram ao ensino tecnológico em faculdades públicas e privadas, o Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (CNCST), como uma “dimensão estruturante” ou um documento oficial do governo brasileiro que busca auxiliar no processo de organização e gestão do sistema de ensino superior tecnológico no País. De 2007 a 2017, as matrículas nos cursos tecnológicos aumentaram mais de 140%, segundo o Censo do INEP. Em 2017, o INEP registrou 617.317 alunos ingressantes nos cursos de tecnologia no país, com um aumento de 16,2% em relação ao ano anterior.

O Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (CNCST) está em sua terceira edição, publicada no ano de 2016. Produzido pelo Ministério da Educação (MEC), sob organização da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica e da Secretaria de Regulação e Supervisão do Ensino Superior, o documento traz as diretrizes para a organização curricular e a implantação dos cursos dos treze eixos de graduação tecnológica regulamentados no país. Os eixos que compõem o catálogo de cursos são Ambiente e Saúde, Controle e Processos Industriais, Desenvolvimento Educacional e Social, Gestão e Negócios, Informação e Comunicação, Infraestrutura, Militar, Produção Alimentícia, Produção Cultural e Design, Produção Industrial, Recursos Naturais, Segurança, Turismo, Hospitalidade e Lazer; sendo este último o objeto de estudo desta dissertação. Além das informações acerca da última edição, cabe pontuar a evolução e as características dos Catálogos publicados pelo MEC, pela sua relação direta com o objeto deste trabalho.

Editado pela primeira vez em 2006, com 180 páginas pelo Ministério da Educação e pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Governo Federal, o documento apresentava-se como ferramenta para “aprimorar e fortalecer os cursos superiores de tecnologia”, com base legal no Decreto Federal 5.773/06 (revogado em dezembro de 2017 pelo

Decreto 9.235), que dispunha sobre o “exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino” (BRASIL, 2006). Dessa maneira, compreende-se que o Catálogo cumpre com certa dimensão estruturante do ensino, não sendo diretamente um instrumento de organização tal qual o currículo do curso, mas funcionando nesse contexto educacional como um organizador das instituições de educação.

Essa primeira edição do catálogo, construída de forma coletiva por “especialistas e pesquisadores, conselhos profissionais, instituições de ensino superior, entidades de representação corporativa, dentre outros” (CNCST, 2006, p. 8) inicia com a abertura do Ministro da Educação, apontando, entre outros aspectos, para seu caráter de documento que permite aos membros da sociedade e das instituições de ensino utilizá-lo como fonte para planejamento, organização, controle e gestão dos cursos ofertados.

Com esta iniciativa ganham os estudantes, os pais, os professores, as instituições de ensino, as empresas, enfim, a sociedade por ter à disposição permanente um instrumento que relaciona os cursos superiores de tecnologia, trazendo informações essenciais sobre o perfil profissional do tecnólogo - o qual irá inspirar a trajetória formativa - a carga horária mínima, a infraestrutura recomendada. Com isto fornece subsídios importantes para decisões vocacionais, matrizes curriculares e estratégias de formação, além de favorecer ao exercício da cidadania no acompanhamento da qualidade dos cursos (CNCST, 2006, p. 9, 10).

Assim, percebe-se pelo trecho apontado que há uma indicação de que o catálogo auxiliará as instituições ofertantes e também os demais atores sociais envolvidos na educação profissional de tecnologia (alunos, pais, professores, empresas, etc.) na implantação, desenvolvimento e avaliação de cursos. Aponta ainda, em sua *Introdução*, que o documento, contará com a descrição de denominações, perfil do egresso, carga horária mínima e infraestrutura recomendada de 98 graduações tecnológicas em 10 eixos tecnológicos. Nasce como um documento regulatório, mas também uma forma de concretizar a diversidade presente nas áreas de atuação e formação da sociedade brasileira. Essa primeira versão contemplava as denominações mais variadas, como por exemplo, Fotografia, Mecatrônica Industrial, Gastronomia, Produção Moveleira, Polímeros, Comunicação Assistiva e Radiologia.

Cabe ainda ressaltar que no próprio ano de 2006, duas versões do catálogo foram lançadas, devido às manifestações de entidades de classe e da comunidade educacional. A primeira versão de junho de 2006 trouxe 96 denominações de cursos. Posteriormente, com base em análises e revisões, surgiu a segunda versão em que foram agregadas duas novas

denominações: Processos Ambientais e Tecnologia Oftálmica, edição essa lançada em novembro do mesmo ano. Tal revisão, de certa forma ágil para um tema de tamanha complexidade, revela o caráter participativo e dinâmico do documento.

Sua direta relação com os currículos dos cursos já era declarada nesta primeira versão de 2006. Na Introdução do documento, assinada pelo Secretário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, tem-se que “o Catálogo sinaliza para a adoção de linhas de formação específica nos respectivos currículos” (CNCST, 2006, p. 13). Essa afirmação aponta para as dificuldades de padronizar ou a tentativa de igualar cursos e currículos em contextos e realidades econômicas, culturais, sociais e políticas tão díspares quanto às brasileiras. Assim:

Estou ciente das dificuldades implicadas na generalização de “currículos do ensino superior”, já que as diferenças entre os vários cursos oferecidos na universidade não podem ser desprezadas, por marcarem expressivamente seus objetivos, seus currículos, seus processos, seus processos pedagógicos e suas comunidades (MOREIRA, 2003, p. 2).

Fora desse diapasão, aparece o CNCST sugerindo algumas diretrizes únicas para todo o território brasileiro. De certa maneira, é no currículo que tais generalizações poderão ser modificadas, mas ainda assim, as categorias trazidas no documento como perfil do egresso e infraestrutura poderão ser limitadores ou grandes desafios para as diferentes regiões do país. O catálogo pode ser visto ora como um redutor da oferta, ora como garantia de qualidade por colocar as instituições ofertantes em um mesmo parâmetro mínimo, antecedente ao currículo, quando da elaboração e implantação dos cursos superiores de tecnologia.

Em 2010, surge a segunda edição do CNCST, agora com 143 páginas. Elaborado também de forma coletiva, com o envolvimento da comunidade acadêmica e outros membros da sociedade. Esta edição foi marcada pelo caráter descritivo das informações essenciais sobre o perfil profissional do tecnólogo, a trajetória formativa e igualmente a primeira edição trazia em suas páginas a quantidade mínima de horas e a infraestrutura necessária para a implantação dos cursos superiores de tecnologia. Em suas páginas iniciais, trazia somente as palavras do então Secretário de Educação Profissional e Tecnológica e não mais o trecho introdutório assinado pelo Ministro da Educação.

Nesta Edição, a divisão de seu conteúdo exibia descritivo em todos os cursos sobre “denominações, sumário de perfil do egresso, carga horária mínima e infraestrutura recomendada de 112 graduações tecnológicas organizadas em 13 eixos tecnológicos” (CNCST, 2010, p. 5). Percebe-se, assim, o acréscimo de catorze novos cursos e de três novos eixos tecnológicos. Em relação a estes, os novos eixos apresentados foram o de Apoio Escolar, o eixo

Militar e o Eixo de Segurança, sendo este último um desmembramento do eixo tecnológico anteriormente nomeado de Ambiente, Saúde e Segurança. Em relação aos novos cursos ofertados na edição de 2010, temos os cursos de tecnologia em Processos Escolares (eixo tecnológico de Apoio Escolar), Mecânica de Precisão (eixo tecnológico de Controle e Processos Industriais), Comunicações Aeronáuticas, Fotointeligência, Gerenciamento de Tráfego Aéreo, Gestão e Manutenção Aeronáutica, Meteorologia Aeronáutica e Sistemas de Armas (eixo tecnológico Militar), Produção Cultural (eixo tecnológico de Produção Cultural e Design), Biocombustíveis (eixo tecnológico de Produção Industrial), Agroecologia (eixo tecnológico de Recursos Naturais) e os cursos de Segurança no Trânsito, Segurança Pública e Serviços Penais (eixo tecnológico de Segurança).

A mais recente edição do CNCST, em 2016, foi tornada pública pela Secretaria de Educação Profissional com 194 páginas. Nesta edição, a construção coletiva foi mantida, envolvendo a Câmara Consultiva Temática de Atualização do Catálogo de Cursos Superiores de Tecnologia. Essa Câmara foi constituída por meio da Resolução CC-PARES nº 1, de 24/01/2014, publicada no Diário Oficial da União de 27/01/2014. Em sua composição, trazia diferentes segmentos envolvidos na oferta dos Cursos Superiores de Tecnologia no país, que indicaram especialistas para a avaliação das propostas de atualização do Catálogo. Uma novidade dessa edição foi o uso de consulta pública on-line para elaboração e aprimoramento do documento. Nessa última edição, o CNCST teve a inclusão de novos cursos, chegando ao total de 134 denominações de Cursos Superiores de Tecnologia. Segundo declarações do MEC, em seu *site*, a última atualização do CNCST consistiu de uma construção coletiva com participação de professores, especialistas e pesquisadores, entidades representativas das instituições de educação superior, entidades de representação profissional, dentre outros, além do uso da consulta pública, de onde se originaram diversas sugestões para o aprimoramento do documento. Após essa análise de construção, aconteceu a revisão dos descritores dos 113 cursos já constantes do catálogo anterior, e o acréscimo de 21 novas denominações, totalizando 134 denominações de Cursos Superiores de Tecnologia a integrarem o novo CNCST.

Em seu interior conceitua (CNCST, 2016, p. 7, 8) os seguintes componentes de cada curso catalogado:

- Denominação do curso: corresponde à denominação pela qual devem ser identificados os Cursos Superiores de Tecnologia ofertados pelas Instituições de Educação Superior.
- Eixo tecnológico: corresponde aos 13 eixos tecnológicos que estruturam a organização dos Cursos Superiores de Tecnologia.

- Perfil profissional de conclusão: corresponde ao elenco de ações que o egresso do Curso Superior de Tecnologia, no seu exercício profissional, é capaz de realizar.
- Infraestrutura mínima requerida: corresponde à infraestrutura mínima necessária para o funcionamento do curso.
- Carga-horária mínima: corresponde à carga horária mínima do curso, que no caso dos CST é estabelecida em 1.600, 2.000 e 2.400 horas.
- Campo de atuação: corresponde aos locais em que o profissional poderá desempenhar suas atribuições.
- Ocupações CBO associadas: corresponde às ocupações constantes na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) associadas aos cursos oferecidos no catálogo. Trata-se de ocupações que o profissional graduado no Curso Superior de Tecnologia pode exercer ou tem relação direta com o perfil profissional do egresso, fornecendo perspectivas de inserção profissional.
- Possibilidades de prosseguimento de estudos na Pós-Graduação: corresponde às possibilidades de continuidade de estudos em cursos de pós-graduação lato sensu e stricto sensu, coerentes com o itinerário formativo do graduado. Nesta proposta foram indicadas as áreas de pós-graduação definidas pela CAPES. As possibilidades sinalizadas no Catálogo, no entanto, são meramente indicativas e não esgotam todo o leque de possibilidades de verticalização possíveis.

Foram ainda acrescentadas a esta edição as áreas de pós-graduação definidas pela CAPES. O MEC destaca que o Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia, na medida em que relaciona os cursos, trazendo informações essenciais sobre o perfil profissional do tecnólogo e sobre a organização da oferta do curso, visa subsidiar os procedimentos regulatórios referentes aos CNCST e orientar estudantes, educadores, sistemas e redes de ensino, entidades representativas de classe, empregadores e o público em geral acerca desses cursos.

A mais recente versão do CNCST foi disponibilizada a partir da publicação da Portaria MEC nº 413, de 11 de maio de 2016. O MEC busca contribuir para a qualificação da oferta dos CNCST e a formação de profissionais mais aptos a desenvolver, de forma plena e inovadora, as atividades próprias de cada curso tecnológico. Inclui ainda o entendimento de que este profissional deve ter a capacidade para utilizar, desenvolver ou adaptar tecnologias com a compreensão crítica das implicações daí decorrentes e das suas relações com o processo produtivo, o ser humano, o ambiente e a sociedade.

Ressalta ainda em sua *Introdução*, o esclarecimento sobre a equivalência dos cursos ofertados no âmbito civil e militar, “bem como demais cursos ofertados por instituições de educação superior militares, cuja denominação e organização curricular estejam em conformidade com os descritores do CNCST” (CNCST, 2016, p. 8).

O texto aponta a formação dos tecnólogos como uma formação crítica e que envolva a análise do processo produtivo do ser humano, do meio ambiente e da sociedade. Ao submeter esta nova versão do Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia à sociedade

brasileira, a partir da publicação da Portaria MEC nº 413, de 11 de maio de 2016, o MEC contribui para qualificar a oferta dos CST e formar profissionais cada vez mais aptos a desenvolver, de forma plena e inovadora, as atividades próprias de cada curso tecnológico, com capacidade para utilizar, desenvolver ou adaptar tecnologias com a compreensão crítica das implicações daí decorrentes e das suas relações com o processo produtivo, o ser humano, o ambiente e a sociedade.

O CNCST, ao evidenciar também em seu texto introdutório a necessidade de se pensar a formação tecnológica como uma formação focada não somente com o processo produtivo em si, mas em aspectos que extrapolam o ambiente interno das empresas e compreendam os fenômenos sociais e ambientais, posiciona os cursos superiores de tecnologia em um entendimento mais próximo da cadeia de relações entre humanos e máquinas, como sugere o trecho de artigo apresentado acima.

Por fim, neste capítulo elaborado, cabe apresentar de forma concisa no Quadro 1, a seguir, as principais características das edições dos Catálogos Nacionais de Cursos Superiores de Tecnologia, com base no levantamento documental realizado.

Quadro 1 – Comparativo entre as edições do Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia

	1ª Edição	2ª Edição	3ª Edição
Ano de Publicação	2006	2010	2016
Quantidade de Eixos Tecnológicos apresentados	10 Eixos	13 Eixos	13 Eixos
Quantidade de denominações (Cursos)	98	113	134
Descritores apresentados para cada denominação	- Denominação - Carga horária mínima - Eixo Tecnológico - Infraestrutura Mínima	- Denominação - Carga horária mínima - Eixo Tecnológico - Infraestrutura Mínima	- Denominação - Carga horária mínima - Eixo Tecnológico - Perfil profissional - Infraestrutura Mínima - Campo de Atuação - Ocupações CBO relacionadas - Possibilidades de pós-graduação

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Importante ressaltar que as inclusões de eixos e descritores não foram meramente quantitativas, mas refletem um trabalho conjunto e reflexivo em criar ou renomear novos eixos de acordo com a atuação de diferentes atores, como membros da sociedade civil, academia,

entidades de classe e empresários, como apresenta a introdução de cada um dos catálogos. O aumento nos descritores a serem apontados nas diferentes edições denota essa característica de se apresentar nesses documentos uma forma mais esclarecedora das propostas pedagógicas e educacionais a serem desenvolvidas em cada um dos cursos, em busca de facilitar a criação e denominação dos mesmos.

2.2 O Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer

Para facilitar a compreensão deste universo de pesquisa, é necessário focar o olhar no Eixo Tecnológico de Hospitalidade e Lazer. Eixos tecnológicos são agrupamentos de matrizes tecnológicas com base em critérios de coerência e pertinência, representatividade aos objetos de que trata o eixo, entre outros fatores. Assim, pode-se dizer que “cursos que compartilhem um mesmo eixo tecnológico têm nas matrizes [...] a inspiração para concepção de seus projetos pedagógicos, de suas estruturas curriculares, dos processos e de sua avaliação” (MACHADO, 2010, p. 100). Ainda apresenta no mesmo estudo, com base no catálogo nacional de cursos, a composição dos eixos tecnológicos, sendo o eixo tecnológico de hospitalidade e lazer aquele composto em suas matrizes tecnológicas por tecnologias relacionadas aos processos de recepção, viagens, eventos, serviços de alimentação, bebidas, entretenimento e interação.

Como diretrizes às IEs, o MEC aponta que este eixo tecnológico abrange planejamento, organização, operação e avaliação de produtos e serviços inerentes ao turismo, hospitalidade e lazer, integradas ao contexto das relações humanas em diferentes espaços geográficos e dimensões socioculturais, econômicas e ambientais.

Sinaliza, ainda, que a organização curricular dos cursos contempla conhecimentos relacionados à leitura e produção de textos técnicos; raciocínio lógico; historicidade e cultura; línguas estrangeiras; ciência, tecnologia e inovação; tecnologias sociais, empreendedorismo, cooperativismo e associativismo; prospecção mercadológica e marketing; tecnologias de comunicação e informação; desenvolvimento interpessoal; legislação; normas técnicas; saúde e segurança no trabalho; gestão da qualidade; responsabilidade e sustentabilidade social e ambiental; qualidade de vida; ética profissional. Atualmente, o catálogo prevê a oferta de cinco cursos, a saber: Curso Superior de Tecnologia em Eventos, o Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia, Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, Curso Superior de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer e o Curso Superior de Tecnologia em Hotelaria.

Em estudo realizado por Teixeira (2001, p. 18), com o objetivo de compreender o ensino de turismo e hotelaria de nível superior no Brasil esclarece-se:

Além dos métodos tradicionais de ensino, como aulas expositivas, pesquisas bibliográficas e seminários, os respondentes citaram as viagens/ visitas técnicas, as dinâmicas de grupo, o uso de vídeos, os filmes, as palestras, os estudos de caso, a realização de pesquisas e de projetos e a monografia de conclusão de curso. [...] Dentre os métodos inovadores mencionados pelos respondentes, cabe destacar o envolvimento de alunos em pesquisas, a realização de trabalhos interdisciplinares, a participação em estágios internacionais, a participação de alunos em empresas juniores, a criação de agências de turismo no campus, palestras sobre o mercado de trabalho, trabalhos de extensão, **relatórios de visitas técnicas** [grifo nosso] e monografias com produção de material gráfico ou audiovisual.

Especificamente sobre os eventos e turismo, essa extensão de observação acerca das práticas empíricas e da forma como os hábitos proporcionam saberes, observa Fonseca Filho (2007, p.133) tratando:

as viagens, estudos do meio, visitas técnicas propostas pela disciplina são ações positivas no sentido de que o ensino do turismo só se concretiza quando os alunos são levados para fora da sala de aula, compreendendo o meio como local para conciliar a teoria das aulas com as práticas do mundo vivido.

Tal concepção também se reforça por Ferreira (2013, p. 306), quando menciona a importância do dinamismo e a dedicação dos docentes na visão dos alunos dos CSTs. Para os discentes, essas características relevantes à boa qualidade de ensino englobam não só o material didático e de apoio, mas também as visitas técnicas que o professor planeja e organiza. Também se deve considerar a participação do aluno nesse itinerário formativo, conforme relata Martins (2011, p. 175), utilizando das visitas técnicas como construção do conhecimento com “exposições organizadas pelos próprios alunos após a realização de uma visita técnica [...], na qual eles entravam em contato, por meio de apresentações e discussões, com conceitos de Museologia”. Ainda ressalta Falcão (2013, p. 300), o uso de eventos para o desenvolvimento do olhar do aluno ao seu entorno, quando o professor depõe fazer uso de apoios didáticos como “leva material, leva para fazer visita técnica, oferece cursos, oferece oficinas”.

Para a organização das visitas técnicas, entende-se que há diferentes fases e atividades a serem desenvolvidas, como apontado no trecho que segue:

É uma atividade que se realiza fora da sala de aula, mas que tem seu início e seu término nela também, num processo que passa por etapas formuladas por Piza (1992), em que, escolhido o centro de interesse, destacam-se:

a) Primeira etapa: nesta etapa ocorre a primeira fase do processo, que é uma

preparação em classe pelos professores das diversas matérias, dentro de um plano integrado de ensino. É o momento do planejamento propriamente dito;

b) Segunda etapa: nesta fase o aluno vai aos locais observar documentos, entrevistas, experimentar e vivenciar as situações aprendidas teoricamente. É o momento da prática procedimental que se formata numa excursão, visita técnica ou viagem;

c) Terceira etapa: nesta terceira e última fase, de volta à classe, o aluno explorará os resultados por meio da apresentação de suas conclusões e isso pode ocorrer em forma de seminários, relatórios, áudio visuais, dramatizações, portfólios, ou seja, desenvolvendo seu crescimento intelectual e humano juntamente com sua criatividade. É o momento da avaliação (MATOS, 2012, p. 5).

Essa organização das visitas técnicas foi buscada durante o trabalho de campo, tentando separar as principais divisões entre como é planejada (preparada), organizada (prática procedimental) e avaliada (exposições e relatórios produzidos).

3 CENÁRIO DE PESQUISA: O CENTRO PAULA SOUZA E A OFERTA DE CURSOS NO EIXO TECNOLÓGICO DE TURISMO, HOSPITALIDADE E LAZER

O Centro Paula Souza (CPS, 2017) “é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI). A instituição administra 221 ETECs e 68 FATECs. Atualmente, atende mais de 290 mil alunos. Por meio das ETECs e FATECs oferta dois Cursos Superiores de Tecnologia (CSTs) no Eixo objeto deste Estudo, além de 08 cursos técnicos modulares e 03 cursos técnicos integrados ao Ensino Médio – (ETIM). Em 2016 foi publicado um documento intitulado Perfis dos Cursos – 2016 das ETECs e FATECs, que traz orientações das unidades e cidades que ofertam os cursos, bem como o entendimento do perfil profissional do egresso para cada curso do eixo. Vale ressaltar que a pesquisa de campo se refere a documentos institucionais do CPS relacionados à organização curricular dos seus cursos.

Durante o levantamento documental, um dos primeiros documentos analisados foi o Manual do Grupo de Formação e Análise Curricular (GFAC). Ainda que estivesse ligado à Coordenadoria do Ensino Técnico de Nível Médio (CETEC) e não à Coordenadoria do Ensino Superior do CPS (CESU), esse grupo responde pela definição das competências e perfis de formação de todos os cursos técnicos do CPS. Traz nesse documento, uma indicação do que são as competências entendidas para a formação técnica, as quais mais adiante aparecerão também nos planos dos cursos superiores de tecnologia das FATECs.

Conceito de Competências: Capacidades teórico-práticas e comportamentais de um profissional técnico de uma área profissional ou eixo tecnológico, direcionadas à solução de problemas do mundo do trabalho, ligados a processos produtivos e gerenciais, em determinados cargos, funções ou de modo autônomo.

Apresentamos, a seguir, uma relação de verbos que, organizados em categorias conceituais, exprimem ações e capacidades, representando linguisticamente os conceitos relacionados às competências profissionais:

Analisar - Interpretar, contextualizar, descrever, desenvolver conexões, estabelecer relações, confrontar, refletir, discernir, distinguir, detectar, apreciar, entender, compreender, associar, correlacionar, articular conhecimento, comparar, situar.

Analisar/pesquisar - Identificar, procurar, investigar, solucionar, distinguir, escolher, obter informações.

Analisar/projetar - Formular hipóteses, propor soluções, conceber, desenvolver modelo, elaborar estratégia, construir situações-problemas.

Analisar/executar - Utilizar, exprimir-se, produzir, representar, realizar, traduzir, expressar-se, experimentar, acionar, agir, apresentar, selecionar,

aplicar, sistematizar, equacionar, elaborar, classificar, organizar, relacionar, quantificar, transcrever, validar, construir.

Analisar/avaliar - Criticar, diagnosticar, emitir juízo de valor, discriminar (CPS, 2016, p. 20).

Essa classificação das competências expressas em verbos (ações) a serem realizadas pelos profissionais está diretamente ligada ao conceito das disciplinas e das propostas pedagógicas dos cursos, que enfatizam determinadas ações profissionais que devem fazer parte da formação profissional dos alunos. Ainda que essa classificação seja tratada oficialmente na formulação dos cursos técnicos; informalmente, ela aparecerá nos planos de curso, sobretudo no plano do curso de Gestão de Turismo a ser estudado no item 3.2.

Também com base no levantamento documental realizado foi possível elencar no Quadro 2 as declarações do CPS sobre os perfis de formação profissional do Eixo de Hospitalidade e Lazer. Por meio da comparação dessas declarações do Centro é possível traçar a aproximação e a reflexão dos impactos e aplicabilidades do Catálogo de Cursos do Ministério da Educação e sua aplicação pelo CPS.

Quadro 2 - Formações Tecnológicas ofertadas pelo CPS no Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer

Curso	Perfil Profissional
Tecnólogo em Eventos	O profissional atua no planejamento, organização, elaboração e execução dos diversos tipos de eventos. Coordena os aspectos administrativos, financeiros e logísticos envolvidos. Também cuida do planejamento a respeito do entretenimento e da alimentação que serão oferecidos. O mercado é bastante diversificado e está cada vez mais profissionalizado. São Paulo realiza, em média, um evento a cada seis minutos. São 90 mil por ano. A cidade é o maior destino de eventos internacionais das Américas, segundo a Associação Internacional de Congressos e Convenções (ICCA, na sigla em inglês).
Tecnólogo em Gestão de Turismo	O tecnólogo em Gestão de Turismo atua no agenciamento de viagens, planejamento de roteiros turísticos, desenvolvimento de ações para incentivo ao turismo e na captação e administração de recursos financeiros para projetos turísticos. Também trabalha com a administração de patrimônios culturais. Uma lei estadual de 2014 determina que municípios de interesse turístico tenham um Plano Diretor de Turismo, que pode ser feito e gerenciado pelo tecnólogo.

Fonte: (CPS, 2017)

Para esta dissertação foram estudados os cursos de Tecnologia em Eventos da Unidade FATEC Ipiranga e o curso de Gestão de Turismo na unidade FATEC São Paulo. O pesquisador é parte do corpo docente da instituição e de duas das unidades citadas, posição que facilita o acesso às informações, ao corpo docente e ao gestor das unidades para a realização do trabalho de campo.

Dentre o conjunto de documentos que pautam a organização escolar, curricular e dos Cursos Superiores de Tecnologia do Centro Paula Souza, o Projeto Pedagógico do curso tem lugar de destaque. É a partir desse documento que se registram e pactuam variáveis como os objetivos da formação, o perfil profissional e acadêmico a ser desenvolvido, as condições de aprovação, de evolução, de organização da matriz curricular, das disciplinas transversais, entre outros itens que são apresentados por cada um desses documentos. Nessa seção do projeto, serão apresentados os planos de cursos do objeto de pesquisa: do curso superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da unidade FATEC São Paulo e do curso de Tecnologia em Eventos da FATEC Ipiranga, ambas unidades na capital paulista.

3.1 Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Eventos da FATEC Ipiranga

O projeto pedagógico do curso Superior de Tecnologia em Eventos em vigência no ano corrente é datado de 2014, para implementação a partir do ano de 2015. Nessa versão, o curso apresenta uma carga horária total de 2.880 horas, sendo a composição definida como 2.400 horas de atividades, somadas a 240 horas de Estágio Curricular e a 160 horas de Trabalho de Graduação. O documento conta com um total de 38 páginas, divididas pelas subseções:

- Justificativa: apresenta um breve panorama do mercado de feiras e eventos em São Paulo, evidenciando a demanda por profissionais, trazendo dados da procura por eventos em municípios grandes e pequenos, como forma de apontar a absorção desse tecnólogo na economia local. É nesse item que se encontra ainda a definição do tecnólogo em eventos da instituição, apontando que o gestor de eventos, denotado como par ao tecnólogo, “é um profissional de quem se requer capacitação técnica, estratégica e criativa que, como as experiências brasileira e internacional indicam, são requisitos profissionais de um mercado em expansão e exigem profissionalismo e dedicação” (CPS, 2014, p. 2).

- Dados gerais do curso: apresenta a carga horária total do curso, a duração das aulas, o período letivo, o prazo de integralização, o regime de matrícula e a forma de acesso. Essas primeiras informações são dadas como auxílio à organização escolar e à oferta do curso.

Apresenta também nesta subseção as normas legais, relacionando o curso ao Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (segunda versão de 2006), apresentado anteriormente nesse documento, bem como os pareceres CNE/CP nº 03/2002 e a Portaria MEC nº 10 de 28 de julho de 2006, que aprova, em extrato, o Catálogo Nacional.

- Objetivos geral e específicos do curso: nesse item, observa-se a declaração inicial, e um tanto generalista, de que o objetivo do curso “é formar os melhores profissionais da melhor maneira possível” (CPS, 2014, p. 3). Segue apontando que o objetivo desse currículo é atrair estudantes para um bom curso com boa empregabilidade, indicando ainda uma forte relação com a questão do emprego, mais limitada do entendimento do mundo do trabalho, que envolve o empreendedorismo e a prestação de serviços autônoma, como aparece nas linhas seguintes “o espírito de empreendedorismo e inovação” (CPS, 2014, p. 3). Complementa ainda, no mesmo parágrafo, abordar as questões práticas do curso, apresentando em seus objetivos como sendo um curso que deve “incluir o máximo possível e viável de atividades de cunho prático”. Deve-se ainda atentar para o trecho que traz o registro de uma preocupação com o equilíbrio entre o mercado e a academia, como nos mostra a passagem que segue:

Equilibrar o curso entre:

- necessidade de atender ao mercado, o que é obtido por meio de constante pesquisa junto aos empregadores e observação do que é feito por outros cursos, no Brasil e no exterior;
- imperativo de conferir aos estudantes a estatura intelectual que se espera dos formandos por boa faculdade, o que é obtido ao se enfatizar o uso da linguagem, o conhecimento da herança cultural a defender e a cultura relativa ao mundo dos negócios (CPS, 2014, p. 3).

Esse trecho aponta uma das questões a serem tratadas nessa dissertação, que busca o lugar do tecnólogo em relação à formação profissional, entendida como algo que se equilibra entre o mercado, mundo do trabalho e a estatura intelectual de uma faculdade, ou o mundo acadêmico.

- Perfil profissional: nesta seção, o que se apresenta pelo CPS é o mesmo trecho do Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia, porém citando a terceira edição de 2010, em que o tecnólogo em Eventos é aquele que:

atua em instituições de eventos, de turismo e em meios de hospedagem, prestando serviços especializados no planejamento, organização e execução de eventos sociais, esportivos, culturais, científicos, artísticos, de lazer e outros. Domínio dos códigos funcionais e dos processos de interação dinâmica de todos os agentes integrados ao turismo e os variados aspectos culturais, econômicos e sociais da região em que atua, com consciência crítica acerca

das orientações éticas, ambientais e legais, são fundamentais na atuação deste profissional (CPS, 2014, p. 4).

Assim, ao fazer uso das determinações do catálogo para o perfil profissional, o CPS posiciona seu curso dentro do universo de atuação do eixo profissional tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer, tratando da formação com base em conhecimentos ligados à hospitalidade, gestão, tecnologia, línguas, economia, história, geografia, que serão apresentados nas seções que seguem com base na matriz curricular.

- Competências gerais: são apresentadas nove competências gerais desse egresso, associadas umas às outras, com ênfase à Avaliação (04 ocorrências), Compreensão (03 ocorrências), Elaboração (01 ocorrência), Identificação (01 ocorrência), Geração de ideias criativas (01 ocorrência). Tais competências gerais sugerem a formação de um profissional analítico e crítico, focado na avaliação e compreensão de cenários.

- Competências específicas & habilidades: são listadas 13 competências e 07 habilidades. Destaque para o fato de que 12 competências são ligadas à atuação no mundo do trabalho, relacionando, entre outras, a criação, planejamento, organização e avaliação de eventos, enquanto apenas 01 delas indica relação com o mundo acadêmico, apontando a “estruturação de pesquisas técnico-científicas aplicadas à área de eventos” (CPS, 2014, p. 4).

- Mapeamento de competências x componentes: nessa seção, apresenta-se a relação de disciplinas com as competências nomeadas anteriormente. Identifica qual (is) disciplina(s) são responsáveis pelo desenvolvimento de uma competência.

- Organização curricular: aqui se apresenta o indicador percentual de aulas nomeadas como Conteúdos Básicos (20,8%) e Profissionalizantes (79,2%), sendo que não há definição clara do que sejam tais conteúdos ou qual (is) disciplina(s) atende(m) a cada tipo de conteúdo. Nesse item é apresentada a Matriz curricular (Figura 1), primeiramente a genérica, utilizada em qualquer unidade, e na sequência da unidade Ipiranga com a disposição das disciplinas nos semestres de evolução do curso:

Figura 1 – Matriz curricular do Curso Superior de Tecnologia em Eventos da unidade FATEC Ipiranga

1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Projeto Integrador de Eventos I (4)	Projeto Integrador de Eventos II (4)	Projeto Integrador de Eventos III (4)	Projeto Integrador de Eventos IV (4)	Projeto Integrador de Eventos V (4)	Projeto Integrador de Eventos VI (4)
Introdução a Eventos	Gestão do Patrimônio Cultural (2)	Alimentos e Bebidas	Ambientação de	Captação de Eventos	Gestão Ambiental

Fonte: (CPS, 2014, p. 7)

- Componentes Curriculares: quadro que indica sigla da disciplina, nome do componente, quantidade de aulas semanais, carga horária teórica, prática ou autônoma e total da carga horária de cada disciplina. Aqui, cabe elucidar que uma mesma disciplina pode ter sua

previsão de computar carga horária teórica, prática e/ou autônoma, compondo assim a carga horária total final do curso.

- Ementas e bibliografia: trata semestralmente de cada componente, apontando nome da disciplina, seu objetivo, sua ementa e sua bibliografia básica e complementar. Destaque para a descrição genérica do componente “Projeto Integrador de Eventos”, que vai do número I ao VI (do primeiro ao sexto semestre) e apresenta a mesma ementa, sem bibliografia, para todos os semestres. Essa generalização leva a um detalhamento que se apresenta no próximo item.

- Projetos Integradores de Eventos - Recomendações: apresenta-se a concepção dessa disciplina prática, expondo em dois eixos de direcionamento, assim elencados:

Eixo Vertical – abrange as disciplinas de cada semestre proporcionando uma interatividade progressiva do conhecimento. Esse eixo avalia as habilidades do aluno.

- Primeiro semestre – Identificar;
- Segundo semestre – Criar;
- Terceiro semestre – Otimizar;
- Quarto semestre – Planejar;
- Quinto semestre – Implementar;
- Sexto semestre – Gerenciar.

Eixo Horizontal – abrange as áreas do conhecimento durante todo o curso, avaliando as competências do aluno em se relacionar com as áreas de cada semestre.

- 1o momento: competências operacionais
- 2o: competências táticas
- 3o: competências estratégicas (CPS, 2014, p. 36).

Insere-se nesse contexto uma disciplina inovadora, uma variável não definida no eixo horizontal, que são intituladas como “momento”. Não fica claro se a passagem dos momentos do curso ocorre em paralelo aos semestres ou se somente após a passagem de um par de semestres o aluno muda de momento, ou se ainda há a aplicação de momento para antes ou depois de 50% do curso desenvolvido. Percebe-se aqui uma oportunidade para revisão e proposição dessa disciplina de Projeto Integrador, que não apresenta ementa, bibliografia ou relação entre os eixos no plano de curso.

- Equivalência entre as matrizes: o projeto pedagógico do curso se encerra apresentando a equivalência entre as matrizes das diferentes unidades do Centro Paula Souza que oferecem o curso, como forma de facilitar a compreensão e aplicação do curso em novas unidades.

Com base nas seções apresentadas, cabem algumas considerações sobre as concepções da formação do Tecnólogo em Eventos que o Projeto Pedagógico do curso denota. A primeira delas diz respeito à ênfase em uma formação voltada para o trabalho, para a educação profissional, no sentido de não prestigiar em suas habilidades e competências, aquelas

entendidas como acadêmicas, como mostram os itens sobre *Competências gerais* e *Competências específicas e habilidades* apresentado acima. Coloca assim, a formação tecnológica distante da formação acadêmica tradicional, lugar buscado pelos tecnólogos desde suas origens. A ideia de disciplinas “básicas” e “profissionalizantes” também não se evidencia no documento, tampouco se encontra o que se entende por essas definições, mostrando, no entanto, que há um entendimento de que os conhecimentos do tecnólogo podem ser caracterizados e dissociados nesses dois subconjuntos dos elementos que compõem sua formação. Por fim, a proposta atual da disciplina de Projeto Integrador e o item específico que trata do tema no Projeto Pedagógico do curso mostram indefinições sobre a ementa, bibliografia e trajetória da proposta enunciada como “prática” a ser desenvolvida pelos docentes do curso. Indica assim, possíveis entraves para a organização das práticas, bem como sua avaliação e a construção da significação dessa disciplina no contexto da formação superior de tecnologia.

3.2 Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da FATEC São Paulo

Neste item, o olhar sobre o documento Projeto Pedagógico será focado no Curso de Gestão de Turismo da FATEC São Paulo. O documento, datado de 2011, com adequação realizada em 2013, apresenta uma formação de tecnólogo com carga horária total de 2.880 aulas (50 minutos) correspondente a um total de 2.400 horas de atividades, mais 240 horas de Estágio Supervisionado e 160 horas de Trabalho de Graduação. Nessa versão do documento, com 20 páginas, em uso no ano letivo corrente, temos as seguintes seções do documento:

- Justificativa: texto introdutório que apresenta dados sobre a economia do turismo, o *ranking* internacional de competitividade do turismo nacional, bem como dados sobre o mercado de turismo e eventos na cidade de São Paulo. Fala ainda das características da unidade, da disponibilidade de corpo docente e infraestrutura, além de parcerias e termos de cooperação firmados entre entidades do setor e a FATEC São Paulo, para difusão do conhecimento, estágios, trabalhos de campo, entre outras ações. Declara que o curso é voltado para o mercado ao afirmar que “O curso Gestão em Turismo valoriza o mercado do turismo, entrando num ramo que reconhece potencialidades do mercado para a empregabilidade dos profissionais formados” (CPS, 2013, p. 3). Entende-se ainda que o plano de curso terá maior ênfase em conteúdos voltados às empresas e oportunidades de negócios oferecidos pelo turismo.

- Objetivos: este item apresenta a que o curso se destina, apontando que ele é voltado a “planejar, desenvolver, organizar e realizar as funções pertinentes ao exercício da atividade turística, seja no âmbito privado ou público, principalmente no desenvolvimento de ações de gestão de empresas, empreendimentos e localidades com potencialidade turística” (CPS, 2013, p. 4). São observados dois aspectos relevantes para a formação profissional de nível superior de tecnologia em gestão de turismo: o primeiro de que não há menção à esfera acadêmica, à pesquisa científica ou à verticalização e continuidade dos estudos. O segundo denota a formação voltada para “funções” e “gestão de empresas”, mais ligada ao emprego do que à inovação, prestação autônoma de serviços ou ao empreendedorismo.

- Perfil pretendido ao graduado: nesta seção, são apontados os entendimentos sobre o profissional formado, que deverá interpretar culturas e fenômenos socioeconômicos (02 ocorrências) planejar, organizar, conduzir, operacionalizar, compreender e buscar soluções (01 ocorrência). Cabe também enfatizar o uso de verbos que denotam as funções operacionais desse profissional, como “conduzir”, “operacionalizar”, “interpretar”, “organizar” e “compreender”, numa possível aproximação ou ligação com formações de cursos técnicos de nível médio. Enumera ainda em um quadro apresentado nesse item, as competências e habilidades do tecnólogo, exibidas no Quadro 3:

Quadro 3 – Competências e Habilidades do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da unidade FATEC São Paulo

Competências	Habilidades
Identificar e avaliar os meios e recursos disponíveis e as oportunidades de Mercado	Aplicar e adequar conhecimentos e técnicas de relações humanas para o recebimento, orientação, informação e condução do turista
Identificar, avaliar e selecionar informações geográficas, históricas, artísticas, recreativas e de entretenimento, atividades de lazer e eventos, folclóricas, artesanais, gastronômicas, de transporte, de agenciamento e de hospedagem.	Adequar a oferta aos interesses, hábitos, atitudes e expectativas dos turistas, preservando as peculiaridades da identidade cultural e ambiental das localidades visitadas
Identificar, avaliar e selecionar locais e espaços e equipamentos para eventos, recreação, animação artes e cultura	Conduzir a preparação e montagem dos produtos e serviços inerentes a recepção de turistas e o agenciamento de viagens e passeios (<i>tour</i> s)
Identificar e prever serviços pessoais, turísticos e de apoio ao turismo	Articular outros profissionais prestadores de serviços e produtos turísticos
Identificar e avaliar locais com potencialidades turísticas, atrativos turísticos adequados aos diferentes segmentos de turistas	Contatar, negociar e contratar diferentes prestadores de serviços turísticos e de apoio a recepção de turistas nacionais e internacionais
Supervisionar o conjunto ou parte dos serviços de outros prestadores	Receber, orientar, informar e articular a condução de turistas
Coordenar os recursos institucionais financeiros, materiais, o suprimento, a cobrança, a segurança das operações de recepção e dos próprios turistas e serviços auxiliares e de apoio a recepção de turistas	Coordenar e supervisionar serviços de terceiros
Identificar as necessidades e soluções adequadas ao melhor atendimento do turista	Utilizar informações referentes ao turista, ao turismo e aos serviços, contextualizando-os no ambiente da localidade visitada e adequando-os as necessidades e expectativas do turista
Desenvolver visão mercadológica prospectiva, que favoreça a inovação e melhora no processo de recepção de turistas	

Fonte: CPS (2013, p. 5)

Evidencia-se, nesse item, o foco em desenvolver competências relacionadas a serviços, recursos e informações ligadas ao turismo, sendo enfatizada em Identificar (05 ocorrências), Avaliar (04), Selecionar (02), Supervisionar (01), Coordenar (01), Desenvolver visão mercadológica (01). Nas habilidades apresentadas, observa-se a sequência de ocorrências Adequar (02), Articular (02), Coordenar, Receber, Informar, Orientar, Contatar, Negociar, Contratar, Conduzir, essas habilidades aparecem com apenas uma ocorrência. Cabe aqui também o olhar crítico sobre as habilidades e competências apresentadas, mais uma vez voltadas para funções operacionais como “informar”, “receber”, “contatar”, o mesmo que aparece nas competências “identificar”, “supervisionar”, demonstrando uma aproximação maior da formação com o técnico do que com o bacharel, com base no glossário de verbos apresentado no Manual GFAC acima referenciado.

- Matriz Curricular – Normas legais: seção que faz menção às normas legais que pautam o plano de curso. Novamente, como no curso Superior de Tecnologia em Eventos, relaciona o curso ao Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (segunda versão de 2006), apresentado anteriormente nesse projeto, bem como os pareceres CNE /CP nº 03/2002 e a Portaria MEC nº 10 de 28 de julho de 2006, que aprova, em extrato o Catálogo Nacional.

- Matriz Curricular: item que apresenta a matriz curricular do curso. Nesse curso, ofertado no período vespertino, os seis semestres do curso são compostos por disciplinas obrigatórias e optativas. Faz-se aqui um destaque para a ocorrência de Disciplinas de Língua Portuguesa I, II, III e IV (200 aulas), bem como de idiomas como Inglês e Espanhol (somando 320 horas), que parecem atender às competências e habilidades mais operacionais, listadas acima. Na Figura 2, a seguir temos a matriz curricular completa:

Figura 2 – Matriz Curricular do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da FATEC São Paulo

Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo					
FATEC: São Paulo					
1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Dimensões do Turismo (4)		Agência de Viagens e Turismo (4)		Políticas Públicas para o Turismo I (2)	Captação de Eventos e Comercialização (2)
História da Arte (4)	Meios de Hospedagem e a Hospitalidade (4)	Sociologia do Lazer e do Turismo (4)	Gestão de Eventos (4)	Tópicos Avançados em Turismo I (2)	Tópicos Avançados em Turismo II (2)
Geografia (4)	Transportes no Turismo (4)	Inventário da Oferta e Segmentação (4)	História, Memória e Patrimônio (4)	Gastronomia e o Turismo (4)	
	Logística Aplicada ao Turismo (2)		Plano de Negócios (4)	Projeto, Planejamento e Organização do Turismo (4)	
Teoria Geral da Administração Aplicada ao Turismo (4)	Introdução a Demonstrações Contábeis (2)	Gestão Financeira p/ Empr. de Turismo (2)		Estudo de Viabilidade Econômica Aplicado a Empresas de Turismo (4)	
Economia Aplicada ao Turismo (2)	Marketing Aplicado ao Turismo (4)	Gestão de Empresas Turísticas (4)	Gestão de Pessoas em Empr. de Turismo (2)	Planej. e Gerenc. do Patrimônio Cultural	
Método p/ Produção de Conhecimento (2)	Legislação Aplicada ao Turismo (4)	Relações Públicas (4)	Relações Internacionais no Turismo (4)		
Língua Portuguesa I (4)	Língua Portuguesa II (2)	Língua Portuguesa III (2)	Língua Portuguesa IV (2)	Aspectos Ambientais do Turismo (4)	Psicologia Aplicada ao Turismo (2)
Espanhol I (2)	Espanhol II (2)	Espanhol III (2)	Espanhol IV (2)	Espanhol V (2)	Espanhol VI (2)
Inglês I (2)	Inglês II (2)	Inglês III (2)	Inglês IV (2)	Inglês V (2)	Inglês VI (2)
Aulas: Semanais 28 Semestrais 560	Aulas: Semanais 26 Semestrais 520	Aulas: Semanais 28 Semestrais 560	Aulas: Semanais 28 Semestrais 560	Aulas: Semanais 24 Semestrais 480	Aulas: Semanais 10 Semestrais 200
Estágio Curricular: 240 horas, a partir do 4º Semestre - Trabalho de Graduação: 160 horas, a partir do 4º Semestre					
DISTRIBUIÇÃO DAS AULAS POR EIXO FORMATIVO					
Disciplinas BÁSICAS	Aulas	%	Disciplinas PROFISSIONAIS	Aulas	%
Transversais	40	5,4	Transversais e multidisciplinares	400	13,9
Comunicação em Língua Portuguesa	200	6,9	Com. em Língua estrangeira: Espanhol Aplicado	160	5,6
Comunicação em Língua estrangeira: Espanhol	80	2,8	História	160	5,6
Comunicação em Língua estrangeira: Inglês	240	8,3	Logística e Transporte	120	4,2
Administração e Economia	120	4,2	Específicas de Tecnologia do Curso	840	28,2
Geografia	80	2,8	Específicas de Gestão de Tecnologia do Curso	240	8,2
			Outros	360	12,5
TOTAL	760	26,4	TOTAL	2120	73,6
RESUMO DE CARGA HORÁRIA:					
2880 aulas → 2400 horas (atende ao CNCST, ao CEE-SP e às diretrizes do CEETEPS) + 240 horas de Estágio Curricular + 160 horas do Trabalho de Graduação = 2800 Horas					

Fonte: (CPS, 2013, p. 8)

- Ementa das disciplinas com bibliografia básica: são apresentadas as ementas das disciplinas e a bibliografia básica de cada uma delas, apresentadas em ordem alfabética e não de forma temporal, na sequência dos semestres. Não possui item de bibliografia complementar.

- Trabalho de Conclusão de Curso e Estágio – Trabalho de Conclusão de Curso: nesse item são apresentadas as justificativas para a elaboração de uma monografia para cumprir a exigência do trabalho de conclusão de curso, na forma de um estudo “teórico-prático” (CPS, 2013, p. 18). Há também a importância de registrar que o texto aponta para a pesquisa científica, registrando a obrigatoriedade desse produto para a obtenção do grau de tecnólogo.

- Organização dos Estágios: item que versa sobre a importância dos estágios para a formação do tecnólogo em gestão de turismo, embora seu texto aponte para as práticas que tem o “intuito de permitir a observação e a eventual confrontação entre os aspectos teóricos e pertinentes às diferentes áreas do conhecimento administrativo, obtidos a partir da aula, com a prática administrativa vivenciada na organização” (CPS, 2013, p. 19), demonstrando no trecho um enfoque parcial da formação ligado às rotinas administrativas, deixando de demonstrar de que forma os estágios podem ou devem se relacionar ao fenômeno do turismo.

- Documentos necessários à contratação do Estagiário: nesse item são enumerados os documentos e portarias que regem a legislação brasileira de estágios, pouco relevante às discussões desenvolvidas nesse projeto.

Com base nessa estrutura do documento apresentada, percebe-se que há ainda uma dificuldade em posicionar o lugar do tecnólogo em Gestão de Turismo, ainda pautado por competências mais técnicas, distanciado de discussões acadêmicas e científicas, bem como de funções ou competências estratégicas nas organizações.

O documento apresenta também uma discrepância da proposta de estágio com o eixo curricular, bem como não demonstra a relação das disciplinas com as competências, ou aponta para indicadores de disciplinas mais voltadas ao eixo de turismo, hospitalidade e lazer e de outros eixos como gestão de negócios ou idiomas. Vê-se isso, na ausência de disciplinas voltadas ao planejamento de lazer, recreação e entretenimento, presentes, por exemplo, no curso Superior de Tecnologia em Eventos estudado anteriormente e não constantes no curso de Gestão de Turismo. A presença de disciplinas mais abrangentes dentro do próprio eixo pode indicar uma formação mais ampla, do ponto de vista da atuação profissional e do aprofundamento do conhecimento acerca do mundo do trabalho ligado ao eixo tecnológico. Sem as disciplinas que apontem para essa expansão de horizontes de atuação profissional, pode ser que a formação profissional deixe de oferecer ao egresso uma visão mais aproximada das possibilidades de desenvolvimento profissional e pessoal.

A análise dos dois planos de cursos não aponta para a forma como se dão as concepções e práticas educacionais realizadas em sala de aula. Em nenhum dos itens que compõem os Planos de Curso é possível vislumbrar o meio como serão tratados os conteúdos programáticos dentro ou fora da sala de aula. Também não há nesses documentos a indicação de que as aulas tidas como teóricas e práticas devem utilizar de metodologias de ensino voltadas à análise, interpretação, produção, criação ou outras formas de abordar os conteúdos ligados ao eixo de turismo, hospitalidade e lazer.

Assim, surgiu a necessidade de complementar os estudos dos cursos que são objetado por essa dissertação com entrevistas e coleta de informações relacionadas a essa realidade que não pode ser vista nos planos de curso. Essa abordagem metodológica deverá apresentar ao campo de estudos da educação profissional evidências sobre como são trazidos para as rotinas pedagógicas e para os processos escolares os fenômenos socioeconômicos a que se referem tais formações superiores.

3.3 Entrevistas

Para o alcance do objetivo desta pesquisa, foram utilizados como procedimentos metodológicos, além da revisão bibliográfica e pesquisa documental, entrevistas orientadas aos professores das unidades das FATECs São Paulo e Ipiranga, sendo sujeitos da pesquisa somente aqueles docentes (10 entrevistados), coordenadores (02 entrevistados) e auxiliar docente (01 entrevistado) que atuam nos cursos de Tecnologia em Eventos e Gestão de Turismo das referidas unidades. Unidades estas em que o autor dessa dissertação atua como docente, constituindo assim, a amostra dos sujeitos de pesquisa, por conveniência.

Com base nos depoimentos coletados, a partir do roteiro de entrevistas (Apêndice A), foi realizada a análise das respostas, buscando coletar nesses cursos tecnológicos quais as concepções docentes envolvidas em atividades como estudos do meio, visitas técnicas, pesquisas de campo, entre outras. A escolha por esse caminho metodológico é defendida no seguinte entendimento:

um dos maiores problemas da pesquisa em ciências da educação é o de abordar o estudo de ensino de um ponto de vista normativo, o que significa dizer que os pesquisadores se interessam muito mais pelo que os professores deveriam ser, saber e fazer do que eles são, fazem e sabem realmente. Essa visão normativa está alicerçada em uma visão sociopolítica do ensino: historicamente, os professores foram um corpo da Igreja ou do Estado a serviço de causas e finalidades maiores do que eles. De um certo modo, as

ciências da educação assumiram essa visão sociopolítica, dando-lhe porém, uma aura científica, tecnocrática, reformista, inovadora e ao mesmo tempo humanista. A legitimidade da contribuição das ciências da educação para compreensão do ensino não poderá ser garantida enquanto os pesquisadores construírem discursos longe dos atores e fenômenos de campo que eles afirmam representar ou compreender (TARDIF, 2000, p. 12).

Assim, foi possível elaborar um registro dos tipos de práticas docentes (quais são essas tipologias, se por exemplo, são visitas técnicas, viagens técnicas, estudos do meio, visitas a espaços culturais etc.), bem como realizadas entrevistas orientadas para os atores envolvidos (coordenadores, professores, auxiliares docentes etc.) trazendo as justificativas e concepções que os dois cursos tecnológicos estudados (Eventos e Gestão de Turismo) apresentam para o uso dessas práticas de atividades fora das unidades de ensino. Com base nas respostas foi possível apontar similaridades e elementos que possibilitam a compreensão do uso dessa modalidade de aula ou atividade extramuro. Assim, finalizou-se o trabalho de dissertação cumprindo os seguintes componentes do roteiro metodológico:

(1) Produção da revisão bibliográfica e de trabalhos publicados relacionados à educação profissional do eixo tecnológico de hospitalidade e lazer, práticas extraclases e extramuros, educação fora do ambiente escolar, educação pelo lazer, pelo turismo e a prática de visitas técnicas, viagens técnicas, vivências, estudos do meio e outras, como formação complementar;

(2) Realização de entrevistas estruturadas, com base em roteiros pré-estabelecidos (Apêndice A), para conhecer as concepções que levam à organização de atividades fora do ambiente educacional, observando como os docentes relacionam conceitos teóricos às atividades e quais objetivos acreditam atingir com as mesmas;

(3) Apontamento quantitativo de quais são as práticas utilizadas, a partir dos relatos transcritos.

Os resultados obtidos com a pesquisa realizada passam a ser apresentados nos itens a seguir.

3.4 Qualificação dos respondentes

Para validar as respostas como conteúdo expressivo ao estudo realizado seria necessário que todos os entrevistados cumprissem com a qualificação de serem coordenador ou professor ou auxiliar docente dos cursos de Tecnologia em Gestão de Turismo e Eventos, e que

realizassem ou tivessem realizado em semestres anteriores algum tipo de prática extramuro. Assim, foi aplicado um questionário de qualificação aos respondentes, conforme demonstrado no Apêndice B, que coletava os dados nome, cargo e se realiza tais práticas. A amostra de sujeitos de pesquisa foi determinada por conveniência, uma vez que o autor dessa dissertação é parte do corpo docente das duas unidades pesquisadas. Assim, do total de 13 entrevistados, foi possível entrevistar 10 docentes, 01 coordenador de curso (Tecnologia em Eventos), uma Chefe de Departamento (Chefe de Departamento do DAESTUR, que coordena o curso de Tecnologia em Gestão de Turismo) e a auxiliar docente ligada ao Laboratório de Turismo deste mesmo curso. As tabelas 1 e 2 trazem os dados completos dos perfis dos entrevistados (formação, área de pesquisa, tempo de FATEC, cargo na Instituição).

Resumen de Actividades en Encuestas									
Actividad	Fecha	Descripción	Estado	Responsable	Observaciones	Fecha	Estado	Responsable	Observaciones
Encuesta de satisfacción	15/01/2023	Encuesta de satisfacción de los usuarios del servicio de atención al cliente.	Completada	María García	Se realizaron 100 encuestas.	15/01/2023	Completada	María García	Se analizaron los resultados.
Encuesta de opinión	20/01/2023	Encuesta de opinión de los empleados sobre el clima laboral.	Completada	Juan Pérez	Se realizaron 50 encuestas.	20/01/2023	Completada	Juan Pérez	Se analizaron los resultados.
Encuesta de mercado	25/01/2023	Encuesta de mercado para el lanzamiento de un nuevo producto.	Completada	Ana López	Se realizaron 200 encuestas.	25/01/2023	Completada	Ana López	Se analizaron los resultados.
Encuesta de opinión	30/01/2023	Encuesta de opinión de los clientes sobre el servicio de atención al cliente.	Completada	Carlos Rodríguez	Se realizaron 150 encuestas.	30/01/2023	Completada	Carlos Rodríguez	Se analizaron los resultados.

Plan de Qualificação em Engenharia

Ano	Semestre	Disciplinas					Carga Horária	Observações
		1	2	3	4	5		
1	1	Matemática I	Física I	Química I	Introdução à Engenharia	60		
1	2	Matemática II	Física II	Química II	Projeto de Engenharia I	60		
2	1	Mecânica dos Fluidos	Mecânica dos Sólidos	Termodinâmica	Projeto de Engenharia II	60		
2	2	Mecânica das Vibrações	Mecânica dos Fluidos II	Mecânica dos Sólidos II	Projeto de Engenharia III	60		
3	1	Mecânica dos Fluidos III	Mecânica dos Sólidos III	Termodinâmica II	Projeto de Engenharia IV	60		
3	2	Mecânica dos Fluidos IV	Mecânica dos Sólidos IV	Termodinâmica III	Projeto de Engenharia V	60		
4	1	Mecânica dos Fluidos V	Mecânica dos Sólidos V	Termodinâmica IV	Projeto de Engenharia VI	60		
4	2	Mecânica dos Fluidos VI	Mecânica dos Sólidos VI	Termodinâmica V	Projeto de Engenharia VII	60		

Fonte: Engenharia de 2010

Todos os entrevistados passaram por concurso público para a ocupação do cargo de docente ou auxiliar docente e vem acumulando experiência na graduação tecnológica a partir da atuação nas unidades pesquisadas.

Para poder participar da pesquisa, todos os professores das unidades pesquisadas e dos cursos pesquisados que foram selecionados deveriam realizar ou ter realizado visitas técnicas no curso em estudo. Além dessa comprovação de condicionantes do universo de pesquisa, foi possível trazer outras informações relevantes, como a prevalência de professores que possuem tempo entre 5 e 10 anos de atuação na FATEC (11 dos 13 entrevistados), bem como a concentração da área de estudo estar na área de Humanas (12 dos 13 entrevistados), sendo possuidores de mestrado na área de Humanas (9 dos 12 entrevistados, somente um na área de Gestão e Negócios e outra na área de Biologia, a auxiliar docente que não possui o título de mestre). Somente uma das entrevistadas possui doutorado na área de Saúde Pública.

3.5 Resultados obtidos

As 13 entrevistas foram realizadas no período entre 23 de novembro e 13 de dezembro de 2018, sempre nas sedes das FATECs objeto de estudo e com a gravação integral de seu teor. Foram realizadas nas salas dos professores, laboratório de turismo e sala de apoio didático, com duração variada em torno de 20 minutos, até as mais extensas com duração aproximada de 45 minutos.

Durante as respostas dos entrevistados, o pesquisador permaneceu sem oferecer opinião direta sobre o teor das respostas, objetivando assim não influenciar no conteúdo das respostas, em busca de extrair as concepções de cada profissional com base em suas próprias narrativas e entendimentos das práticas extramuros realizadas.

A síntese das respostas, considerada aqui como trechos que transmitem a mensagem principal dos respondentes, será apresentada no quadro abaixo e nos demais quadros correspondentes às demais questões aplicadas. Para facilitar a compreensão, a numeração que antecede cada síntese está ligada aos respondentes e identificada na transcrição de cada entrevista no Apêndice D:

Quadro 5 – Trechos das respostas à questão 1 do roteiro de entrevista

Pergunta realizada	Número do Entrevistado/ Síntese das respostas
<p>Quais são as práticas extramuros realizadas na sua disciplina ou nas disciplinas que você ministra atualmente?</p>	<p>1 - "Visitas técnicas [...] aos centros de convenções".</p> <p>2 - "visitas técnicas, a órgãos públicos, ONGs".</p> <p>3 - "as visitas técnicas, que alguns professores realizam, e visitas de estudos do meio [...] eventos que são realizados também fora da instituição, sob a supervisão dos professores".</p> <p>4 - "saídas que poderiam até ser encaradas como aulas externas, porque ocorrem dentro do período de aula, que são: Parque da Luz, Pátio do Colégio e o Mercado Municipal de São Paulo". "são saídas específicas de roteiros culturais, edificações etc."</p> <p>9 - "visitas técnicas a monumentos, um turismo cultural".</p> <p>10 - "atividades externas visitando eventos com os alunos. Esse semestre, por exemplo, fomos no Revelando São Paulo, na Feira Expo Abav".</p> <p>13 - "extramuros vai muito além da visita técnica acompanhada de professor. Então, eu tenho primeiro o programa de imersão num hotel. [...] Depois de estabelecer a temática, a gente faz uma lista dos atrativos e eles fazem a visita com o roteiro para essa visita. Isso também é extramuro e eu não estou acompanhando porque seria impossível acompanhar cada grupo ao seu atrativo. Fazemos a visita técnica na Equipotel, na ABAV, na feira e congresso da ABAV, e depois tem uma visita na rede hoteleira, em hotéis de luxo, de quatro ou cinco estrelas, que os alunos fazem também não acompanhados pelo professor com o roteiro do que devem elaborar".</p> <p>6 - "levar os alunos em um ambiente onde eles possam observar a hospitalidade, o aproveitamento do espaço para eventos. Com a disciplina de cerimonial, quase sempre a gente vai a algum tipo de evento acontecendo para que eles possam fazer o levantamento dos aspectos do cerimonial; e para ambientação do espaço físico, a partir desse semestre, eu tenho procurado levá-los a um espaço onde está sendo preparado a forma de ambientação".</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Com base nos extratos apontados acima, é possível perceber que, além das visitas técnicas a empresas, órgãos e entidades ligadas à hospitalidade e à temática da disciplina, aparecem visitas a monumentos, atrativos turísticos, ambientes de recepção de público em

geral, imersão em meio de hospedagem, participação e observação em eventos, visitas a meios de hospedagem, considerando até a realização das práticas extramuros sem a presença do professor, com alunos orientados a partir de um roteiro de observação previamente preparado.

Esse é o resultado do levantamento quantitativo proposto nessa dissertação, que aponta as tipologias de práticas extramuros realizadas. Percebe-se a predileção por práticas em que o professor esteja acompanhando o grupo de alunos, ainda que a maioria narre experiências realizadas em conjunto com o grupo (docente e discentes juntos).

Na sequência, o entrevistado era indagado sobre a importância que acredita estar relacionada às visitas técnicas e práticas extramuros. Essa segunda questão do roteiro tinha como objetivo extrair das palavras dos praticantes as justificativas que levam a tais práticas, como forma de apontar as concepções direcionadas ao planejamento e realização dessas visitas.

Quadro 6 – Trechos das respostas à questão 2 do roteiro de entrevista

Pergunta realizada	Número do entrevistado - Síntese das respostas
<p>Essas práticas são importantes? Por quê?</p>	<p>1 - "Eu acho que são muito importantes, porque eu acho assim, turismo tem toda uma parte conceitual, que cada vez mais se estrutura, mas eu acho que o turismo é um tipo de atividade que você tem que ter uma noção da prática, de como fazer, como é que acontece".</p> <p>2 - "Apesar de escassas, elas são importantes porque, além de exemplificar a parte conceitual e teórica da sala de aula, permite o contato com a realidade, que é um pouco discrepante do lado teórico. [...] ajuda numa formação crítica e também até de valorização da carreira para o mercado de trabalho, desperta mais interesse no aluno para aquilo que ele está estudando".</p> <p>3 - "Quanto mais estudos de meio você tiver no curso de tecnologia, ou seja, ver como as coisas realmente acontecem fora da sala de aula, nos ambientes reais, acho que vai ser um ganho muito maior para o aluno, porque sai da teoria para ir para a prática, que é exatamente o perfil do curso de tecnologia".</p> <p>4 - "O que eu consigo fazer para mostrar para o aluno na prática aquilo que a gente vê em teoria, são essas saídas técnicas".</p> <p>6 - "Você encontra coerência com toda teoria que você desenvolve em sala de aula e a sua aplicação na prática. Então, é extremamente importante você oferecer aos alunos esse tipo de experiência, vivência. Até para que você possa estabelecer links com aquilo que trabalha em sala de aula".</p>

	<p>7 - "São importantes porque elas propiciam ao aluno vivenciar algumas situações que dentro de sala de aula eles não têm. E muitos deles vêm com uma prática cotidiana de vida, uma experiência intelectual que não os leva a alguns lugares".</p> <p>9 - " Importantíssimas, porque eles têm contato com o mercado, tem relacionamento com os fornecedores, e é uma ferramenta que vai ajudar a entender toda a harmonização dos fornecedores, a harmonia que tem de ter entre os fornecedores, para que seja elaborado um roteiro turístico de qualidade".</p> <p>11 - "Muito importante. Porque uma coisa é a gente trazer para dentro da sala de aula toda parte teórica. [...] Eles tiveram uma aula extremamente extracurricular, que dificilmente dentro do nosso projeto pedagógico estaríamos contemplando. É exatamente o chamado currículo oculto, eu diria inclusive, não apenas o currículo oculto, mas essa prática é real e legítima metodologia ativa. Eu levo o aluno a vivenciar o que ele vai enfrentar no mercado de trabalho".</p> <p>13 - "Eu diria que, na sala de aula, você trabalha muito bem a parte conceitual. Para você formar um aluno e deixá-lo competente, ele precisa provar essas habilidades e até enxergar pra ver se aquelas habilidades encaixam no perfil dele. [...] na minha opinião, é fundamental, principalmente nos cursos de tecnologia, onde são associados os saberes, os conhecimentos dos saberes, mas o saber fazer também".</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

A síntese das respostas dos entrevistados aponta que o emprego das atividades extramuros e visitas técnicas aproxima a teoria da prática e permite a aproximação com o mundo do trabalho por meio do contato com rotinas e profissionais da área de hospitalidade, processos e do contexto socioeconômico em que estão inseridos. Alguns professores também apontam o caráter motivacional das visitas, bem como o da formação das competências a partir das experiências vivenciadas fora da sala de aula, sobretudo as competências e a proposta curricular dos cursos superiores de tecnologia, alinhando conhecimentos às práticas de mercado. Em todas as respostas, a importância das visitas técnicas e atividades extramuros foi enfatizada, demonstrada como algo fundamental para a trajetória acadêmica dos cursos superiores de tecnologia em estudo.

Em síntese, pode-se dizer que a visita técnica é mais do que uma aula dialogada, ela permite ao aluno adquirir experiência (pessoal e profissional) com o curso, com a área que escolheu para a graduação tecnológica, numa perspectiva em que a empresa, o empregado, o

visitado assume o papel de validador de conceitos, de provocador de novos olhares e perspectivas, e o aluno pode, ainda que de forma rápida, experimentar o mundo do trabalho.

A terceira pergunta tinha como objetivo compreender as referências pessoais dos respondentes em relação a tais práticas. Aqui, acredita-se registrar o que legitima em cada praticante essas atividades, com base em suas experiências educacionais e profissionais, para fazer uma ligação entre o que se pratica e o que foi vivenciado em sua própria formação acadêmica. A unanimidade das respostas trouxe elementos de que as visitas estiveram presentes ora no ambiente profissional vivido pelo respondente, ora na formação acadêmica, sendo essas vivências em estudos do meio, visitas técnicas, visitas a feiras e eventos, viagens técnicas, entre outras. Assim, entende-se que tais práticas tem o condão de tocar a forma de conhecer, de aprender dos docentes, quer seja em sua experiência como aluno ou já como profissional de mercado, fazendo com que retorne em suas práticas, como elemento decisivo para o processo de ensino.

A quarta pergunta buscou conhecer o planejamento dessas atividades extramuros. Assim, os respondentes puderam apontar como cada um cria, registra, planeja roteiros e condições de realização para que seja possível o acontecimento de tais aulas externas. Não houve consenso na forma como se dá essa fase das visitas, conforme aponta o quadro que segue.

Quadro 7 – Trechos das respostas à questão 4 do roteiro de entrevista

Pergunta realizada	Número do entrevistado - Síntese das respostas
Como são planejadas as atividades extramuros?	<p>5 - "A maioria das visitas nascem, digamos assim, por uma necessidade da disciplina".</p> <p>2 - "É um pouco burocrático, porque tem de reservar horário e espaço. Se tiver essa disponibilidade toda, superadas essas fases, em políticas públicas, eu me resumo a, com os alunos, me dirigir até a Câmara Municipal para a gente acompanhar essas audiências de aprovação de projetos de lei, entre outros".</p> <p>4 - "A origem delas foi: eu precisava de um lugar onde eu pudesse fazer cálculo de capacidade de carga e pudesse fazer estudos da paisagem. Para isso eu escolhi o Parque da Luz pela proximidade física. Não tem custo nenhum, o aluno chega para a aula, se houver a necessidade, ele pode até ter as duas primeiras aulas da tarde".</p> <p>7 - "Então, você tem um esqueleto, um entendimento dela básico, mas os detalhes vão sendo alterados de semestre para semestre, em virtude dos elementos, dos alunos que vão compor a turma. Às vezes, você tem alunos que têm mais experiência ou menos experiência, alunos que são mais concentrados ou menos concentrados, tem um ritmo de visitação. Existe um diagnóstico que � feito nas aulas anteriores � saída para poder permitir uma</p>

	<p>adequação melhor da saída da turma específica”.</p> <p>8 - "Primeiramente, recebemos calendários e nesses calendários temos de colocar, pelo menos, duas visitas técnicas. Você encaixa, avisa o seu coordenador ou o Laboratório de Turismo, que coloca os dias para não bater com os outros professores da disciplina. E entregamos, lógico, todos os projetos também".</p> <p>9 - "Geralmente, no planejamento da disciplina, a gente já agrega as visitas ou viagens técnicas que vão compor a estrutura curricular do curso".</p> <p>11 - "Ao longo dessas práticas fui conhecendo alguns profissionais e aí eu olho para o calendário do semestre, faço contato e pergunto – é possível, na época de montagem dessa feira, vocês podem viabilizar a visita dos meus alunos? [...] Quando eu vou planejar, o expositor organizador já fala: ‘professora, seus alunos precisam estar munidos de EPI. Eles me dão todas as regras, eu repasso aos alunos e aí a gente empresta para os alunos no dia da visita os capacetes. O planejamento tem que mover não só o agendamento da data, mas todos os requisitos que o receptor, aquele que vai nos receber, exige da gente".</p> <p>13 - "[...] quando eu comecei no Centro Paula Souza, e aí eu vou ter que fugir um pouquinho das Fatecs e ir mais nas Etecs, [...] Isso há mais de 20 anos atrás (sic). Quando a gente foi montar esse plano de curso, na época, tinha-se Viagens Técnicas Obrigatórias. [...] Foi onde eu criei o primeiro documento, que é um documento que eu uso até hoje e muitos professores usam, tanto nas Etecs quanto nas Fatecs. É um projeto onde você descreve tudo o que vai ser feito, como o aluno vai ser avaliado, quais são as competências que você pretende desenvolver no aluno, e esse projeto tem que ser protocolado no departamento antecipadamente, antes de a atividade acontecer".</p> <p>12 - "O laboratório de turismo tem uma auxiliar docente, uma responsável pelo laboratório, que em conjunto com o corpo docente e com o colegiado do curso, faz o planejamento das visitas, relacionando essas visitas com as disciplinas, procurando dentro de cada disciplina o que o professor que leciona percebe que pode ser interessante e pode agregar valor na formação do aluno".</p> <p>6 - "[...] trago isso como uma proposta do nosso calendário acadêmico. A partir daí, eu gosto muito de observar o perfil da turma para a escolha da atividade prática que a gente vai visitar, da qual vamos participar. É bem interessante essa observação e, algumas vezes, me leva a modificar um pouco o planejamento para levar os alunos a uma experiência que seja mais adequada ao perfil de toda a turma".</p>
--	---

Com base nas respostas, percebe-se que o planejamento das atividades para uns está mais ligado à relação das disciplinas ministradas com a seleção do local e o roteiro a ser desenvolvido, enquanto para outros a concepção da atividade está muito ligada à organização dos fluxos de alunos, agendas dos visitados e dos visitantes, proximidade com a unidade escolar, calendário do curso, etc. Vale salientar um aspecto revelado nessa pergunta, em que dois dos professores abordados apontam um diagnóstico da turma como fator determinante para a seleção do local a ser visitado, bem como do tipo de visita e roteiro a serem executados. Esse aspecto, do conhecimento do grupo, da definição do perfil como fator influenciador da escolha do local da visita técnica, poderia ser ampliado aos demais praticantes como um facilitador para o processo de aprendizagem do grupo.

Na sequência, temos a pergunta sobre como é organizada a visita, num aspecto da própria agenda do encontro e da relação dos participantes com o local e o roteiro pré-estabelecido. Nos relatos dos professores, percebe-se que há a predominância de participação de palestras e explanações acerca do local por funcionários e representantes, havendo ou não um roteiro pré-estabelecido para os alunos, mas sempre a relação da disciplina com a visita. O que se privilegia é a observação do meio e dos métodos do empreendimento, para futuramente serem discutidos e abordados em sala de aula. Assim nos sintetiza uma das professoras respondentes: *É sempre colocar profissionais do local, seja do espaço específico ou da cidade, para conversar com esses alunos, para falar da experiência, e depois segue o roteiro. Faz a visita nesse local, fazendo sempre um link com o que a gente vê na sala de aula, com o que estão vendo ali.*

A sexta pergunta do roteiro de entrevista questiona sobre como são avaliadas as visitas técnicas e práticas extramuros. Aqui, os respondentes trouxeram principalmente elementos de avaliação sobre os conhecimentos técnicos e tecnológicos aprendidos. Há ainda a fala de alguns professores que traz a avaliação de itens como a postura profissional e o perfil do aluno para definir sua área de atuação.

Quadro 8 – Síntese das respostas à questão 6 do roteiro de entrevista

Pergunta realizada	Número do entrevistado - Síntese das respostas
Como são avaliadas?	13 - "eles trabalham um pouco com análise Swot, pontos fortes encontrados, pontos fracos encontrados. E, em todos os casos, eu coloco o que mudou na percepção desse aluno, antes de ele fazer a visita técnica e depois. Então, aí é uma avaliação pessoal".

<p>12 - "Pode estar atrelada a uma discussão que vai gerar dali questões que irão ou não para uma avaliação escrita".</p> <p>11 - "[...] procuro saber da sala de aula o antes e o depois. Como era o antes de eles terem ido à visita técnica e como está a visão e os conhecimentos deles pós-visita técnica. O que eles de fato observaram que acrescentou no seu conhecimento".</p> <p>10 - "eu aplico um relatório de campo, que aí eles têm que fazer esse relatório depois da visita. [...] Eu peço as impressões para eles avaliarem, por exemplo, com relação à infraestrutura, a programação, como foi o Revelando São Paulo, para eles olharem a edição do evento – porque no site tinha informações diferentes do local, a questão de segurança, se tem ambulância, bombeiro, para eles observarem tudo isso e verem o quanto é fundamental ter isso na hora de fazer o evento deles. E nas viagens como elas são muito amplas, abrange todos os semestres, não há uma avaliação específica. Fazemos um encontro pós-viagem para eles conversarem e explanarem as impressões, o que eles gostaram o que viram de diferente".</p> <p>8 - "Sempre à base de relatórios. Nós sempre pedimos aos alunos. Nesses relatórios, pode ter perguntas sobre as atividades para nós discutirmos em sala de aula".</p> <p>7 - "As visitas não são avaliadas, as visitas não têm o objetivo de avaliação. Elas são, na verdade, um conjunto de conhecimentos que vão ser agregados a outros, que vão propiciar uma futura avaliação".</p> <p>5 - "Eu acho que a avaliação além da disciplina, acho que ela vem na postura do aluno. Ele muda. É a percepção que eu tenho, que ele amadurece mais a cada vez que ele faz uma atividade extramuro".</p> <p>4 - "o que eu peço para os alunos que, para paisagem, eles façam um retrato da paisagem que mais chamou a atenção deles, não precisa ser uma só. [...] que eles destaquem atributos e destaquem detraturas. Eles apresentam uma imagem, [...] explicam por que aquilo valorizou ou desvalorizou para eles. Fazemos em uma rodada, eles trazem em power point, [...] eles apresentam e a gente pode discutir".</p> <p>1 - "Em sala de aula a gente conversa, conversa outras coisas, eles podem expôr as ideias e dependendo do que eles colocam, eu conto um pouco sobre a história de eventos".</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Pela síntese das respostas apresentadas no quadro acima, percebe-se a prevalência da avaliação realizada em conjunto, após a visita, com discussões e apresentações das opiniões dos alunos, tendo o professor o papel de mediador dos conceitos e impressões observadas. Interessante observar o que apontam alguns professores em suas narrativas, afirmando não haver avaliação, mas sim, uma construção pessoal e do repertório dos alunos, buscando o que subjetivamente foi modificado com a visita, no olhar, nas reflexões, no que se estuda *versus* o que se vê durante as visitas. As mudanças apontadas nos alunos chegam além dos conhecimentos adquiridos relacionados à disciplina e atingem sua "postura" e na forma como observam fenômenos semelhantes dentro e fora da instituição de ensino.

Esse caminho da mudança do indivíduo é o que busca compreender a sétima questão do roteiro de entrevista. Saber o papel do aluno nessa prática pedagógica e como se espera que ele participe do processo de visita técnica (planejamento, realização, avaliação) foi uma abordagem também considerada. A seguir, a síntese das respostas nos aponta principalmente um aluno participativo e integrante da experiência da visita.

Quadro 9 – Síntese das respostas à questão 7 do roteiro de entrevista

Pergunta realizada	Número do entrevistado - Síntese das respostas
Qual o papel do aluno nessas práticas realizadas?	<p>13 - "A pesquisa de gabinete. Porque eles sempre têm que fazer a pesquisa antecipadamente, tanto na imersão quanto na visita do atrativo, como na visita do hotel de luxo, a pesquisa gabinete é fundamental e é algo que ele tem que fazer antes da visita. Após a visita, montar a apresentação".</p> <p>12 - "Se envolver, engajar, participar, sugerir outros lugares. Falar do que gostou ou do que não gostou. Trazer o olhar que ele tem, de como aquilo acrescentou ou não, sua expectativa. Eu particularmente já tive visita onde eu tinha uma expectativa e o aluno teve outra totalmente diferente".</p> <p>11 - "[...] interessante sua pergunta professor, que eu tenho notado que alguns alunos que aparentemente são apáticos durante uma ministração de aula, mais numa visita técnica são os que elaboram perguntas extremamente com perspicácia".</p> <p>10 - "[...] a gente foca muito que não é para ele “curtir”, no caso da viagem, é para ele entender que estamos indo com foco, para ele entender que estamos indo para conhecer e agregar conhecimento do que ele viveu em sala".</p>

	<p>9 - "O papel dele é ter interesse e vontade de aprender a aprender, senão não adianta nada".</p> <p>4 - "Para todo aluno é fundamental, se ele estiver vestindo a camiseta da disciplina e gostar da área, a visita vai render muito mais resultados do que se ele estiver fazendo como uma atividade só para passar para ter o diploma, digamos assim".</p> <p>2 - "O aluno deve vincular, linkar os conceitos com o que acontece na prática, despertar o interesse pela disciplina e pelo curso, fazer um currículo, um networking no mercado de trabalho, e perceber a discrepância entre a realidade e a teoria nos casos em que isso acontece".</p> <p>1 - "O papel dele (do aluno) não é simplesmente eu dou aula ele obedece, eu quero a visão crítica deles. Quero que analisem, percebam, apresentem as discussões, vocês podem falar os prós e contras, nós estamos aqui para isso. Se você disser 'foi tudo lindo, maravilhoso', não foi bem assim".</p> <p>6 - "O aluno é um agente ativo desse tipo de trabalho e desse tipo de abordagem".</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Pelo conteúdo do quadro acima, percebe-se a prevalência da ideia do aluno como agente ativo do processo de visita técnica e que se espera a partir das práticas, muito mais do que apenas acompanhar um roteiro pré-estabelecido de visita. Há evidências de que ele participa através de pesquisas prévias, discussões com os pares, montagem de sínteses e documentos de avaliação, relação dos conhecimentos teóricos com o objeto da visita, e para alguns, é o tipo de prática que tira o aluno da posição passiva de estar em sala de aula recebendo informações e o coloca no protagonismo em espaços e equipes profissionais onde ele pode questionar modelos, processos, sugerir novos locais, roteiros e outras possibilidades de envolver o aluno no processo de aprendizagem.

Complementando a pergunta anterior, sentiu-se a necessidade de associar a pergunta na sequência "Como o aluno é avaliado por essas práticas?". Embora pareça redundante em relação à avaliação da visita, tinha-se a ideia da necessidade de trazer as respostas mais específicas em relação ao tipo de método de avaliação que os professores utilizam para avaliar o rendimento dos alunos em relação às visitas. Percebeu-se que há o uso de avaliações formais ao aluno - relatórios, questões, relatos, registros - e avaliações mais informais, sobre o *feedback*, as impressões, as visões e observações de cada um. Os dois tipos de avaliação são complementares

e buscam apontar como o aproveitamento da atividade se dá em cada aluno, e como o conhecimento é construído a partir da vivência extramuro.

Na pergunta nove, foi possível buscar a relação das práticas extramuros com as competências formativas do curso. Na visão dos pesquisados, quais são as competências e sua relação com as propostas das atividades realizadas fora da sala de aula. No Quadro 10, temos a síntese das respostas.

Quadro 10 – Síntese das respostas à questão 9 do roteiro de entrevista

Pergunta realizada	Número do entrevistado - Síntese das respostas
<p>Qual a relação dessas práticas com as competências formativas do curso?</p>	<p>13 - "[...] aprendi a montar currículos a partir de competências, eu vejo que os objetivos estão diretamente ligados às habilidades e competências".</p> <p>4 - "[...] se for o caso a gastronomia, desenvolver ali o entendimento de como combinar pratos e não usar vinho, por exemplo, até quando você vai para o meio ambiente como no Parque da Luz, por exemplo, saber o que você tem ali no parque de práticas de sustentabilidade. Isso tem a ver com as competências esperadas naquela disciplina e que lógico tem a ver com o curso".</p> <p>11 - "Percebo que essas visitas técnicas têm colaborado para a formação desse tecnólogo em eventos, porque o curso pode ficar 100% na teoria, mas a gente tem procurado levar essa prática".</p> <p>10 - "Eu entendo que englobam todas as competências do curso. O curso de eventos, o aluno tem que visitar, tem que participar de eventos, independente da tipologia, tem que ver para fazer essa ligação do que a gente fala em teoria na prática. É fundamental. Eu entendo que é fundamental a visita técnica".</p> <p>7 - "Então, a questão do reconhecimento de patrimônio material e imaterial que a gente tem na cidade de São Paulo é muito importante que eles percebam e comecem a trabalhar com esses patrimônios materiais e imateriais de maneira a agregar na sua área em eventos. Então, deve tanto pensar em determinados eventos que serão relacionados ao patrimônio imaterial quanto o material".</p> <p>4 - "Todas elas. Temos uma lista enorme de competências e grande parte delas se resvala na questão de sustentabilidade, na questão de gerir um turismo de baixo impacto, na questão de fazer um correto planejamento do turismo no longo prazo. Essas atividades são elementos para compor essas competências. Eu</p>

	<p>quero que meu aluno saia daqui capaz de fazer o planejamento de turismo que envolve a comunidade".</p> <p>6 - "O aluno consegue estabelecer conexões com tudo aquilo que é visto na faculdade, na universidade, com o mercado de trabalho".</p> <p>2 - "A palavra que eu defino é pertinente, por várias razões: pelo aluno perceber a discrepância, aluno se formar dentro do conceito dado em sala de aula, aluno ter mentalidade crítica, aluno ter o currículo dele aditivado por isso, melhorado por isso, e outras propostas mais [...]".</p> <p>1 - "[...] talvez, não tenham tido oportunidade de circular pela cidade. As famílias não levavam, eles também não têm interesse. Mas eu digo para eles, especialmente, em termos de eventos, o cliente quando tiver conversando com você, você já tem que visualizar dois, três alternativas de espaço, tem que conhecer esses lugares. Você tem que conhecer, você tem que ir. Se trabalha com isso, você tem que conhecer os cinemas, os teatros, os espaços para eventos, as baladas, as feiras, onde tem feira de food truck, enfim. É fundamental que você conheça".</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Percebe-se que para os docentes as visitas técnicas cumprem a finalidade de aproximar o aluno ao mundo do trabalho, com base na experiência extramuro que é proporcionada durante a visitação. Além disso, as competências apontadas estão relacionadas a analisar, avaliar, conhecer, desenvolver visão crítica, planejar e organizar recursos de forma sustentável, gestão de patrimônio, bem como a relação desses conteúdos com eventos e turismo.

Na pergunta 10, os entrevistados puderam reforçar as concepções que levam à organização das visitas técnicas, apontando o que acreditam ser o objeto do aprendizado dos participantes. Assim, a síntese das respostas apontada no Quadro 11 abaixo, nos exhibe as seguintes respostas:

Quadro 11–Trechos das respostas à questão 10 do roteiro de entrevista

Pergunta realizada	Número do entrevistado - Síntese das respostas
O que se aprende nessas práticas?	<p>13 - "Eu acho que é mais um entender como funciona, como as práticas acontecem. Por exemplo, como você enxerga um atrativo. Uma coisa é você ir com a função de um profissional de turismo, olhar para um atrativo e conseguir medir o valor".</p> <p>12 - "Ele (o aluno) aprende o que está acontecendo na realidade. [...] Tanto é aluno e será profissional da área como também usuário. Vai aprender a cobrar também. Vejo uma infinidade de possibilidades.</p>

<p>Estou citando uma, mas existem muitas formas de trazer contribuição de enriquecimento para o aluno".</p> <p>11 - "Eu acho que o aluno consegue em um primeiro momento diferenciar a teoria e a prática, e, ao mesmo tempo, se sente capaz de associar a teoria com a prática".</p> <p>"Talvez o respeito seja a primeira coisa que eles aprendem, e se permitir conhecer outros colegas da turma, porque já teve situação de a turma não se dar bem na sala de aula, fazer uma visita técnica e voltar uma turma completamente diferente, integrada, todos se ajudando".</p> <p>9 - "A realidade de mercado, como é a atuação do mercado, os diversos fornecedores que tem no segmento turístico".</p> <p>7 - "Muito mais do que aquilo que a gente ensina. Eles aprendem coisas que às vezes a gente não tem noção. Já tive turma que, na saída, agradeceu porque aprendeu a andar na cidade porque entendeu quais são os referenciais de norte, sul, leste e oeste dentro do município, no Centro velho, quando aquilo não fazia parte do objetivo."</p> <p>4 - "Mas entendo que ele saia com um instrumental básico para fazer o planejamento de turismo que respeite o meio ambiente".</p> <p>3 - "O aluno aprende sobre o mundo real, fora da sala de aula. Eu sempre penso na escola como o espaço do erro. Aqui eles podem errar e acertar. Na prática, fora desse mundo ideal da escola, eles sabem que não vão poder falhar e essas visitas mostram como funciona a realidade distante dessa sala de aula".</p> <p>1 - "O aprendizado de estar no espaço, o aprendizado de ter sido bem recebido, isso é fundamental em qualquer atividade, mas, principalmente, no turismo de você ouvir o cliente, ser receptivo, cumprimentar. [...] Então, eu acho que essas visitas, como se diz, trazem o chão para eles. Um chão para eles verem como é a realidade. [...] Eu acho que eles aprendem a importância do horário, a importância da pontualidade, a importância da equipe vir, a importância de participar, às vezes, um fica mais tímido e pede para o outro fazer a pergunta, eu acho que essa vivência é muito rica".</p> <p>6 - "é muito comum receber comentários do tipo 'Eu nunca tinha imaginado isso. Ah, eu não sabia que a hospitalidade se aplicaria dessa maneira. Eu nunca imaginei que uma feira, uma convenção demandasse toda uma preocupação de um projeto arquitetônico, com base na forma de ocupação'. Isso muda completamente o comportamento do aluno com relação à disciplina e com relação a aprendizagem-abordagem-teórica em sala de aula".</p>

Com o propósito de reforçar a ideia de que as visitas técnicas permitem relacionar teoria e prática e levar o aluno dos cursos de tecnologia a uma maior aproximação da postura profissional, do contexto dos agentes que atuam no mercado - profissionais, empresas, propostas de eventos, atrativos turísticos, dos serviços de hospitalidade, etc. Além do aprendizado dos conteúdos técnicos as das disciplinas do curso, os professores observam que as visitas permitem ainda que o aluno aprenda sobre a importância do respeito ao próximo, pontualidade, bem-receber, parafraseando um dos respondentes, aprende-se "muito mais do que a gente ensina", colocando a prática das visitas como algo que permite ir além das limitações de matrizes curriculares e bases tecnológicas propostas, funcionando assim como ferramenta para a disciplina, mas sobretudo, de forma geral, para todo seu repertório e formação.

A última pergunta buscou elencar sugestões de melhoria nas práticas pedagógicas das disciplinas, sobretudo nas visitas técnicas realizadas. A síntese das respostas aponta para sugestões de melhorias na forma como essas práticas são previstas no plano de curso, deixando de ser uma prática isolada de alguns professores, mas estendida formalmente às disciplinas do curso. O quadro 12 apresenta a síntese das sugestões de melhoria.

Quadro 12 – Trechos das respostas à questão 11 do roteiro de entrevista

Pergunta realizada	Número do entrevistado - Síntese das respostas
<p>O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje?</p>	<p>13 - "Eu penso que essas práticas extramuros precisavam ser previstas dentro da carga horária do curso. Se elas fizessem parte, como, por exemplo, no currículo dos técnicos, que você tem tantas horas teóricas, tantas horas práticas. Essas horas práticas podem acontecer num laboratório físico como a gente conhece mesmo, mas ela pode acontecer também num laboratório de rua, num museu de rua, que já é reconhecido como museu de rua. Na visita a um hotel, lavanderia ou restaurante. Eu penso que, se nós tivéssemos isso estabelecido, talvez fosse mais fácil as pessoas entenderem que isso não é passeio".</p> <p>12 - "[...] às vezes, tem a dificuldade até de conseguir a dispensa. Tem visita que precisa da aula seguinte e essa negociação poderia ser um pouco mais fácil. Vejo que não é tão simples a negociação. Nem todo mundo se engaja, falta engajamento também do corpo docente".</p> <p>11 - "[...] acho que seria mais bacana ter uma roteirização dessa visita técnica. Acho que talvez se obtivesse um maior comprometimento do aluno. Acho que isso seria um ponto que eu poderia estar aprimorando para as próximas visitas técnicas".</p> <p>10 - "Ajudaria muito a aderência maior dos alunos se tivesse, pelo</p>

	<p>menos, não sei nem se cabe nessa resposta, é um auxílio financeiro. Não sei como viria isso, por exemplo, por conta de um ônibus".</p> <p>9 - "Um projeto interdisciplinar e um apoio logístico da universidade".</p> <p>7 - "Uma organização de cursos que permitisse essas saídas durante o semestre, algumas vezes até para fazer uma comparação, e durante o curso, que possibilitasse a eles fazer releituras e perceber as mudanças na análise deles do início e daquele momento em que estão. Acho que isso seria uma coisa importante".</p> <p>4 - "Eu vou falar do ideal. O ideal é que nós tivéssemos a possibilidade financeira e de tempo de fazer visitas mais longas. Seria muito adequado que um aluno, que é formado em gestão de turismo no Brasil, conhecesse o Pantanal. Isso pode acontecer ou não, porque fica a critério do aluno".</p> <p>3 - "Os professores poderiam levar os alunos aos grandes eventos para discutir, acompanhar, mas precisariam de apoio institucional. Como é que eu posso exigir que você deixe uma família num sábado à tarde para acompanhar os alunos? Acho que tem uma questão também da instituição apoiar e, de alguma forma, nos ajudar nisso. A gente ficar com toda a responsabilidade em cima dos ombros eu acho que não é justo".</p> <p>1 - "[...] entre os professores pudéssemos ter uma reuniãozinha, de meia hora, sei lá, para podermos compartilhar essas experiências. O que foi bom e o que não foi bom. Eu acho que valeria a pena para eu não ficar tão isolada. Eu não sei se os professores fazem isso, por incrível que pareça eu não sei. Vamos lá, como foi sua visita? Como foi a visita, eu sei que no primeiro semestre eles fazem a visita lá no centro da cidade e tal, eu fui uma vez e foi muito legal, então eu acho que compartilhar seria interessante".</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Nessa última pergunta, as sugestões focaram principalmente em aprimorar a estrutura da instituição - mudanças das estruturas curriculares dos cursos para apresentar formalmente as atividades extramuros, bem como aporte financeiro para organização das viagens, pagamento aos docentes pelas horas extras. Percebeu-se ainda sugestões para aumentar o engajamento dos alunos para organizar as visitas, além da forma como internamente se trabalha com as informações e avaliações do que foi vivenciado, para que todos os docentes pudessem ter acesso ao que ocorreu durante a visita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as concepções sobre a graduação tecnológica não é assunto que se encerra, mas que se problematiza e renova a cada descoberta no campo de estudo. Foram estudados nessa pesquisa, a discussão do mundo do trabalho e das novas relações e estruturas de hierarquização nas empresas, com o novo sujeito esperado, aquele que atende aos panoramas. A busca pela aproximação da formação com o mundo do trabalho se evidencia nos planos de curso e nas propostas pedagógicas da instituição. Ao considerar as práticas realizadas nos cursos de Tecnologia em Eventos e Gestão de Turismo das unidades FATEC São Paulo e FATEC Ipiranga, alguns apontamentos foram possíveis, tais como o entendimento da educação tecnológica como aquela ligada à formação profissional e sua necessidade de maior aproximação com os setores produtivos, a aproximação dos estudantes e participantes do trabalho em desenvolvimento, a partir da imersão ou da visita ao ambiente onde os serviços de hospitalidade se desenvolvem. É também na concepção dos organizadores das visitas técnicas que se percebe a valorização dadas a essas práticas, tornando-as como a principal forma de demonstrar a relação da teoria com a prática, de descobrir o que é feito no mundo do trabalho, de desenvolver as competências que legitimam a prática profissional, sobretudo as de relacionamento com o mercado, com os colegas e com as populações locais durante as visitas. A educação profissional e tecnológica tem o desafio constante, dentro e fora da sala de aula, de oferecer aos alunos conteúdos, discussões e reflexões sobre trabalho, economia, sociedade e inovação, elementos esses presentes nas práticas de visitas técnicas propostas pelos docentes pesquisados.

O Eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer possui a peculiaridade de lidar com cursos de formação voltados para serviços intangíveis, ligados à economia da experiência. Dessa maneira, ao pretender formar profissionais para essa área de atuação é necessário permitir o contato com os serviços de alimentação, recepção, hospedagem, entretenimento e eventos, entre outros, uma vez que possuem características da intangibilidade e assim, necessitam de uma imersão do educando para poder compreender, analisar e aprender sobre sua área de estudo. Parte das respostas dos entrevistados demonstram essa demanda por experiências extramuros, como algo que a sala de aula e o modelo educacional tradicional, amparado somente pelas práticas intramuros, não conseguem proporcionar. Deve-se ainda considerar que muitos dos serviços ligados ao eixo de turismo, hospitalidade e lazer está diretamente ligada a padrões internacionais, a modelos de empresas estrangeiras (hoteis, organizadoras de eventos, agências de viagens, entre outros) e que a pesquisa e as publicações acadêmicas nessa área não

conseguem alcançar com o mesmo dinamismo do mercado. Não raro, vêm-se surgir tendências na gastronomia, em eventos sociais e empresariais, nos meios de hospedagem e nas experiências de viagem que abarcam grandes fatias de consumidores, mas que ainda não possuem instrumentação acadêmica para ser trazida à formação de ensino superior. Pode-se citar aqui, alguns atrativos de turismo de experiência, como jantares secretos, *enlopment weddings*, *walking tours*, cicloturismo, *flash mobs*, festas de coletivos alternativos de cultura, serviços de bar e restaurante, entre outros, que não encontram estudos aprofundados em meio acadêmico para sua aplicação na educação profissional e tecnológica. É em busca de observar as características de serviços como esses citados, que alguns professores, trazem consigo a motivação de realizar as visitas técnicas.

As visitas técnicas também são consideradas como uma forma de permitir a esse ingressante um preparo para os desafios das empresas, agentes econômicos e da própria carreira do indivíduo.

Com base nos relatos levantados durante o trabalho de campo dessa dissertação, a maioria dos entrevistados aponta as visitas técnicas como uma ferramenta para aproximar a teoria da prática e os ensinamentos de sala de aula à realidade do mercado. Assim, aproxima o entendimento do docente organizador do evento extramuros ao de politécnia, em que os estudos nos cursos superiores de tecnologia vão se debruçar sobre as tecnologias e práticas profissionais do mundo do trabalho.

As fases de planejamento (concepção das visitas), organização (realização) e avaliação foram evidenciadas. Pelas narrativas, percebeu-se o papel dos docentes no planejamento, buscando por locais e empreendimentos que se aproximem ao tema de suas disciplinas, bem como o agendamento e organização da turma para as visitas. Na sequência, são realizadas entrevistas, com roteiros previamente estabelecidos, com alunos em papéis de observadores e, em alguns casos, assistentes na organização dos serviços das viagens. Na fase de organização das visitas, apareceu ainda um número menor de respondentes que colocam o aluno como parte do processo de organização das visitas, viagens, roteiros e afins, criando um processo de aprendizagem participativa, feito com o trabalho de professores e alunos.

Por fim, a avaliação em sala de aula, por meio de diálogos, relatórios de visita técnica, exposições dialogadas por matriz SWOT ou ainda relatos da viagem, mostra como se deu para a turma a evolução de conhecimentos relacionados ao curso, à disciplina e muitas vezes até sobre o mercado de trabalho e à realidade social observada. Na avaliação, uma curiosa divergência sobre o entendimento de que ela é fundamental como meio formal (através de relatórios, apresentações, seminários, etc) e de outro lado, docentes que acreditam não haver a

necessidade de uma avaliação formal sobre as visitas e que o mais importante é trazer para a sala de aula o feedback, a troca de impressões e a exposição do ponto de vista pessoal dos participantes sobre o universo visitado.

Também foi possível registrar a importância dada a essas práticas, não só como forma de garantir o aprendizado dos conteúdos técnicos, mas também da formação crítica, analítica e contextualizada que deve ser levada ao ensino superior de tecnologia. Para muitos dos entrevistados é a partir dessas práticas que o aluno aprende desde o respeito ao próximo, a formação para a cidadania, até as mais diferentes formas de organização do espaço para a hospitalidade, eixo tecnológico estudado nessa dissertação. O trabalho em equipe, a pesquisa dos locais visitados, a produção de conhecimento em grupo e as discussões que são propostas em cada uma das visitas - roteiros, atrativos, eventos, empreendimentos, locais de discussão de políticas públicas - são tidos pelos envolvidos (professores, coordenador de curso, chefe de departamento, auxiliar docente), como fundamentais para situar o aluno em sua nova condição de profissional e estudante de nível superior na área de turismo ou eventos.

Na mesma direção foi possível perceber que os alunos aprendam durante as visitas algo que está além das propostas da disciplina que a organiza. Aclarar esse currículo oculto proposto pelas aulas externas e formalizar sua relação com a graduação tecnológica é um desafio. De um lado, as avaliações informais e os relatos dos alunos compõem os registros - nem sempre documentados - dessas ricas experiências. De outro, relatórios de visitas e avaliações do tipo “pergunta e resposta” podem restringir o entendimento de todo o fenômeno da visita, como algo que permite ao aluno ter maior participação na construção do conhecimento e principalmente dispor de seu repertório pessoal - ou a falta dele - para se igualar entre os demais do grupo.

Como apontado por um dos respondentes, nem sempre a família proporcionou a ele a experiência do turismo, da hospedagem, do evento, e é na instituição de ensino que lhe será permitido igualar-se em relação ao repertório de conhecimento que os demais têm. Além disso, quando as visitas ocorrem, o aluno possui alguma base conceitual relacionada ao objeto visitado, sendo então sua oportunidade de aprimorar, questionar, relacionar, confrontar e tangenciar os conhecimentos que foram transmitidos pelo docente.

Outro fator levantado a partir das respostas foi a relação das competências dos tecnólogos com as práticas de visitas técnicas. A maioria dos respondentes não só acredita em tais práticas como uma maneira de garantir essa formação das competências, mas acreditam também que são nessas ocasiões extramuros que os alunos compreendem as dimensões da hospitalidade, seus processos de receber, alimentar, entreter e hospedar, como usuário e como observador profissional. Também é possível perceber na fala de alguns respondentes o quanto

o conceito da própria hospitalidade é expandido, pois muitos começam a ter novas perspectivas a partir da observação que, muitas vezes, o referencial teórico tratado em sala de aula não conseguiria alcançar.

Os professores e demais agentes entrevistados também apontam oportunidades de melhorias para as práticas dentro das FATECs. Destaque para a ideia de expandir as práticas para mais disciplinas, a formalização das visitas e demais tipologias nos planos de cursos e na ementa das disciplinas, a melhoria do apoio institucional e da gestão escolar para custeio das visitas (transporte, alimentação, horas extras de professores envolvidos, seguro viagem, entre outras). Também sugerem que os resultados das visitas sejam tratados nas reuniões de planejamento e aperfeiçoamento pedagógico, dentro e fora da instituição. Aqui, meu endosso a essa urgente necessidade de se estudar tais práticas não só no contexto da unidade de ensino, mas de todo o Centro Paula Souza - oportunidade para conhecer as múltiplas práticas realizadas e replicá-las, trazendo esse ideal de aproximação com o mundo do trabalho a mais alunos e docentes no Estado de São Paulo.

Durante os roteiros de visita, além dos elementos que compõem os serviços de hospitalidade, tais como os processos e materiais ligados ao alimentar, entreter, hospedar e receber, o aluno pode olhar o espaço geográfico sob uma nova lente. A lente do saber, a lente do saber profissional que lhe é emprestada pelo corpo docente durante sua trajetória no curso. É com essa lente que ele pode então recontar histórias, rever práticas, propor intervenções, criar novas oportunidades para si e para o mercado. É assim que ele é desafiado, em sua própria trajetória pessoal e profissional, mas, sobretudo, perante o mercado que ele pode observar em operação, em construção, desconstrução, ausências. É quando ele vê o mundo de trabalho com as imperfeições, assim como as melhores práticas, as tecnologias, as técnicas e as componentes humanas. Num mosaico de formação e informação, experienciado, senão aprendido; mas proposto e sentido por estar e fazer parte daquela viagem, daquele evento, daquela palestra, daquela observação. A proposta de realização das entrevistas trazia consigo o anseio de conhecer as concepções docentes e a forma como praticam essas visitas, proposta esta alcançadas por esse estudo, que mostra, com base nas respostas dos entrevistados, como são concebidas, planejadas, organizadas e avaliadas essas práticas.

A realização das entrevistas trouxe um panorama abrangente, mas que não esgota a discussão de tais práticas pedagógicas na formação tecnológica. Um dos caminhos a serem explorados em outros estudos é buscar pelos professores que não fazem visita técnica e quais práticas são realizadas para cumprir com a formação tecnológica tal qual se preconiza - a formação para o mundo do trabalho. A realização das entrevistas trouxe, além das respostas ao

roteiro orientado de perguntas, uma série de outros questionamentos, tais como a falta de uma política institucional do Centro Paula Souza que oriente e formalize essas práticas e sua relação com as competências propostas pelos cursos estudados, a necessidade de ampliação das mesmas, bem como a forma como essas entrevistas podem ser trazidas em discussões e aprimoramento das próprias unidades estudadas.

Fica também a oportunidade de estudar no aluno essa experiência - expectativas, impactos, relação com sua formação pessoal e profissional, entre outros caminhos; de estudar os docentes que não praticam as visitas e saber suas razões e concepções para a educação profissional e tecnológica. Estudar a administração e as áreas de gestão e elaboração de currículo, para compreender como e por que tais práticas são deixadas à parte dos planos de curso, das propostas pedagógicas formalizadas nos documentos. Fica ainda a oportunidade de buscar as memórias dos egressos de cursos profissionalizantes - tecnólogos ou técnicos - sobre como essas práticas tocaram sua atuação profissional, suas carreiras e suas vidas, pois de fato se percebe nos relatos registrados, é que esses docentes buscam ir além da sala, para um lugar que transfira o aluno não somente para uma nova técnica ou abordagem profissional, mas para um lugar em que ele se encontre como profissional, como forma de se tornar, acima de tudo, mais humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. Trabalho, capitalismo global e “captura” da subjetividade: uma perspectiva crítica. In: SANT’ANA, Raquel Santos (org.), *et al.* **Aveso do Trabalho II**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular. 2010

ANTUNES, R. A corrosão do trabalho e a precarização estrutural. In: LOURENÇO, Angela de Souza; NAVARRO, Vera Lúcia. **O Aveso do trabalho III: saúde do trabalhador e questões contemporâneas**. 1ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

BATISTA, S. S. S. Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: entre a continuidade e a ruptura. In: CARVALHO, Maria L. M (org.). **Cultura, saberes e práticas: Memórias e História da educação Profissional**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº6/2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 28 ago. 2017.

_____. **Portal do MEC - Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (CNCST)**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=44501-cncst-2016-3edc-pdf&category_slug=junho-2016-pdf&Itemid=30192 - Acesso em: 22 out. 2017.

_____. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**. 1ª ed, 2006. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/cec/files/2013/06/catalogo_superior.pdf. Acesso em: 15 fev 2018.

_____. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**. 2ª ed, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7237-catalogo-nacioanl-cursos-superiores-tecnologia-2010&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 fev. 2018.

_____. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**. 3ª ed, 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=44501-cncst-2016-3edc-pdf&category_slug=junho-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 fev. 2018.

BORRALHO, A; FIALHO, I. **Aprendizagem no Ensino Superior: Relações com a prática docente**. Universidade de Évora, 2012. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/7015/1/Aprendizagem%20no%20ensino%20superior%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20com%20a%20pr%C3%A1tica%20docente%20C%20pp.%20984-996.pdf> – Acesso em: 20 out. 2017.

BRUNO, L. Educação e Desenvolvimento Econômico no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48. set-dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000300002. Acesso em: 17 ago. 2017

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TÉCNICA E TECNOLÓGICA PAULA SOUZA. **Perfis dos Cursos 2016** - Etec/Fatec. Disponível em: <http://www.cps.sp.gov.br/publicacoes/perfis-de-cursos-etecs-fatecs/2016/2016-perfil-cursos-cps-miolo-site.pdf>; Acesso em: 18 jul. 2017.

_____. **Missão, Concepções e Práticas do Grupo de Formulação e Análises Curriculares (GFAC)**. Disponível em: <http://www.cpsctec.com.br/cpsctec/arquivos/2014/missao.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018.

_____. **Perfil e Histórico**. Disponível em: <http://www.cps.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico/>; Acesso em: 21 jul. 2017.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso de Tecnologia em Eventos**. 2014.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo**. 2013

CIAVATTA, M; FRIGOTTO, G; RAMOS, M. A Gênese do Decreto N. 5.154/2004 - um debate no contexto controverso da democracia restrita. **Revista Trabalho Necessário**. Universidade Federal Fluminense. ano 3, n. 3, 2005. Disponível em: http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_03/TN3_CIAVATTA_M_FRIGOTTO_RAMOS.pdf - Acesso em: 28 ago. 2017.

FALCÃO, S. M. **Comunicação e educação ambiental na construção de sentidos urbanos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-30012014-113513/pt-br.php>. Acessado em: 20 out. 2017.

FARIA, L. M. S. **Excursões Educativas** - caminhos que ensinam. MEC-INEP-CBPE. 1973. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/me001773.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

FERREIRA, C. M. L. **A educação tecnológica no terceiro milênio: implicações do pensamento complexo de Edgar Morin**. 2013. Tese (Doutorado em Educação na Universidade de São Paulo). Disponível em: www.teses.usp.br. Acesso em: 01 dez. 2016.

FERRETI, C. Considerações sobre a apropriação das noções de Qualificação Profissional pelos estudos a respeito das relações entre trabalho e educação. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 87, p. 401-422, maio/ago. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 17 out. 2017.

FERRETI, C; SILVA JR, J. R. Educação profissional numa sociedade sem empregos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 109. Março/2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n109/n109a03.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2017.

FONSECA FILHO, A. S. **Educação e Turismo: um estudo sobre a inserção do turismo no Ensino Fundamental e Médio**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação da Universidade de São Paulo). Disponível em: www.teses.usp.br. Acesso em: 01 dez. 2016.

FREIRE, E. Tecnólogo e Mercado: uma relação a ser revisitada. In: ALMEIDA, Ivanete; BATISTA, Sueli. S. S. **Educação Tecnológica: Reflexões, teorias e práticas**. Jundiaí: Paco

Editorial, 2012.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 28 jan. 2019.

KANE, L. Educators, learners, and active learning methodologies. **International Journal of Lifelong Education**. v. 23, n.3, p. 275-286. Informa UK Limited. 2004. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0260/37042000229237?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 01 maio. 2017.

LINHART, D. O indivíduo no centro da modernização das empresas: um reconhecimento esperado, mas perigoso. Tradução: Maria Laetitia Corrêa e Fernando Fidalgo. In: **Revista Trabalho e Educação**. Belo Horizonte, n. 7, jul/dez, 2000.

LÓPEZ-RUIZ, O. J. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**. Capital humano e o empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

MACHADO, L. R. S. O profissional tecnólogo e sua formação. In: BUENO, Maria Sylvia; ALVES; Giovanni (org.). **Trabalho, Educação e Formação Profissional: perspectivas do capitalismo global**. Campinas. 2008. Autores Associados. Disponível em: <http://www.mestradoemgsedl.com.br/wp-content/uploads/2010/06/O-profissional-tecn%C3%B3logo-e-sua-forma%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 21 out. 2017.

_____. Organização Curricular da Educação Profissional e Tecnológica por Eixos Tecnológicos. **Revista Linhas Críticas**. Brasília. 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/1458/1090>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil: atores e cenários ao longo da História**. São Paulo: Paco Editorial, 2016.

MARTINS, L. C. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. 2011. Tese (Doutorado em Educação da Universidade de São Paulo). Disponível em: www.teses.usp.br. Acesso em: 01 dez. 2016.

MATOS, F. C. Turismo Pedagógico: o estudo do meio como ferramenta fomentadora do currículo escolar. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Semintur. Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/01/01_Mattos.pdf. Acesso em: 26 jan. 2019.

MOREIRA, A. F. B. O processo curricular do ensino superior no contexto atual. In: VEIGA, Ilma P.; NAVES, Marisa Lomônaco P. (orgs.). **Currículo e avaliação do Ensino Superior**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2003.

RUBIM, I. Novas interfaces entre cultura e educação: a implantação dos centros juvenis de ciência e tecnologia. **XI ENECULT**. 2015. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult/>.

Acesso em: 28 abr. 2017.

SACIOTO, J. V. **A educação profissional na agenda de políticas públicas de educação no Estado de São Paulo e a expansão do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza**. 2016. Tese (Doutorado em Educação da Universidade Estadual de Campinas). Disponível em: <http://www.unicamp.br/anuario/2016/FE/FE-tesesdoutorado.html>. Acesso em: 20 maio.2018.

SACRISTAN, J. G. **Educar e Conviver na cultural global**. Tradução: Ernani Rosa. São Paulo: Artmed Editora, 2002.

TARDIF, M. Saberes Profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr. 2000. Ano 13. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/rbe/files/rbe_13.pdf - Acesso em: 19 out. 2017.

TEIXEIRA, R. M. Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil: Um Estudo Exploratório. **Revista Turismo em Análise**. São Paulo: Ed. 12, 2001.

VASCONCELLOS, J. **O Ensino da História da Arte nos Lyces e as Excursões Escolares**. Porto. 1908. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/24844/24844-h/24844-h.htm>. Acesso em: 28 jan. 2019.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo. Cia das Letras. 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro para entrevistas – Dissertação de Mestrado	
Pesquisador	Douglas Alexandre Dias
Orientador	Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista
Título	CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA: UM ESTUDO A PARTIR DE VISITAS TÉCNICAS REALIZADAS EM CURSOS DO EIXO TECNOLÓGICO TURISMO, HOSPITALIDADE E LAZER

Perfil dos Respondentes
Professores, coordenadores de curso, auxiliares docentes que participem do planejamento e organização das visitas técnicas, viagens técnicas, city tour, estudos do meio, pesquisas de campo e outras atividades extramuros nos cursos de Tecnologia em Eventos e Tecnologia em Gestão de Turismo.

Como a pesquisa será feita?
A pesquisa será realizada presencialmente, sem a apresentação prévia do roteiro, gravada e/ou transcrita na íntegra, como forma de registrar as concepções dos atores, considerando respostas de no mínimo 03 docentes e no máximo 05 docentes em cada unidade, bem como do coordenador do curso e do auxiliar docente, quando houver esta última função.

Questões
<ol style="list-style-type: none"> 1) Quais são as práticas extramuros realizadas em sua disciplina/curso? 2) Essas práticas são importantes? Por quê? 3) Quais são as referências de práticas similares que você reconhece em sua formação ou em outros espaços? 4) Como são planejadas as atividades extramuros? 5) Como são realizadas e coordenadas? 6) Como são avaliadas? 7) Qual o papel do aluno nessas práticas realizadas? 8) Como o aluno é avaliado por essas práticas? 9) Qual a relação dessas práticas com as competências formativas do curso? 10) O que se aprende nessas práticas? 11) O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje?
Outras solicitações
Você poderia nos fornecer registros das atividades extramuros, como (se houver), fotos, roteiros, planos de visita, avaliação e o calendário semestral/anual dessas atividades realizadas no curso?

APÊNDICE B

Roteiro para qualificação dos entrevistados	
Pesquisador	Douglas Alexandre Dias
Orientador	Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista
Título	CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA: UM ESTUDO A PARTIR DE VISITAS TÉCNICAS REALIZADAS EM CURSOS DO EIXO TECNOLÓGICO TURISMO, HOSPITALIDADE E LAZER

Perfil dos Respondentes
Professores, coordenadores de curso, auxiliares docentes que participem do planejamento e organização das visitas técnicas, viagens técnicas, city tour, estudos do meio, pesquisas de campo e outras atividades extramuros nos cursos de Tecnologia em Eventos e Tecnologia em Gestão de Turismo.

Como a pesquisa será feita?
A pesquisa será realizada presencialmente, sem a apresentação prévia do roteiro, gravada e/ou transcrita na íntegra, como forma de registrar as concepções dos atores, considerando respostas de no mínimo 03 docentes e no máximo 05 docentes em cada unidade, bem como do coordenador do curso e do auxiliar docente, quando houver esta última função.
Questões
<ol style="list-style-type: none"> 1) Nome completo 2) Cargo 3) Curso em que atua na FATEC 4) Área de Formação – Graduação 5) Área de Formação – Pós-Graduação (Lato-Sensu) 6) Área de Formação – Mestrado 7) Área de Formação – Doutorado 8) Área de Formação – Outras (que julgue relevante para a atividade no curso) 9) Tempo de atuação na FATEC 10) Disciplina(s) que leciona no curso pesquisado

APÊNDICE D

Transcrição das entrevistas gravadas em áudio	
Pesquisador	Douglas Alexandre Dias
Orientador	Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista
Título	CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA: UM ESTUDO A PARTIR DE VISITAS TÉCNICAS REALIZADAS EM CURSOS DO EIXO TECNOLÓGICO TURISMO, HOSPITALIDADE E LAZER

Nome do Entrevistado: 1

Sou eu, Douglas Dias, estou aqui com a professora **1**, que é professora do curso de gestão de turismo da Fatec São Paulo. Vou iniciar a aplicação do meu questionário de pesquisa, do meu trabalho de mestrado ‘Concepções e práticas de formação profissional nos cursos de graduação tecnológica: um estudo a partir de visitas técnicas realizadas em curso do eixo tecnológico, turismo, hospitalidade e lazer’. Vou iniciar, então, o meu roteiro de perguntas.

Quais são as práticas extramuros realizadas na sua disciplina ou nas disciplinas que você ministra atualmente?

Eu promovo uma visita técnica no curso de captação de eventos. Em geral, eu levo os alunos aos centros de convenções. Costumo levar muito ao Centro de Convenções Rebouças porque trabalhei lá por oito, nove anos. Já fomos ao Center Norte, já fomos ao Anhembi, todo semestre a gente procura variar um pouquinho o ambiente, e os alunos gostam. Nós preparamos algumas perguntas, itens que precisam ser observados, como espaço, arrumação, como fomos recebidos no local. Sempre eu marco uma conversa com o gerente do local ou ele designa alguém para explicar o histórico do centro, o mercado, o processo de captação, os controles, como fazem a locação das salas. E os alunos gostam.

Fazemos um projeto, uma proposta de visita e depois eu realizo um relatório de visita onde sintetizo os pareceres de cada um. Eu peço que cada um me apresente uma página, uma forma, a apreciação da visita. Deixo assim um pouco livre, mas aí sintetizo os principais itens e mando uma cópia para cá e uma cópia para o centro.

Essas práticas são importantes? Por quê?

Eu acho que são muito importantes, porque eu acho assim, turismo tem toda uma parte conceitual, que cada vez mais se estrutura, mas eu acho que o turismo é um tipo de atividade que você tem que ter uma noção da prática, de como fazer, como é que acontece. Por exemplo,

se estivesse dado aula de aviação ‘vamos até o aeroporto para saber como despacha bagagem’. Enfim.... As pessoas sentirem e verem como é o check-in do passageiro, para eles verem na realidade. Como eu tive muita experiência também na parte de administração hoteleira, quando os alunos entravam numa cozinha eles começavam a ver na prática os cortes da cebola, os cortes da batata, a importância do gratinado e do grelhado, tudo isso faz parte do conhecimento técnico do nível tecnológico. Eu acho assim fundamental. Penso assim: ‘eles têm que sair daqui, pelo menos, se não souberem emitir um bilhete aéreo, pelo menos os itens que compõem, o que ele precisa perguntar para o cliente. Mesmo se ele vá vender passagens, se vender um serviço alguma coisa, ajudar o cliente a definir o que ele quer. Aí você definindo, objetivando a necessidade do cliente, você vai montar o programa dele, a viagem e vai ajudá-lo a realizar o sonho. Acho que é fundamental a parte prática.

Quais são as suas referências de práticas similares que você reconhece em sua formação ou em outros espaços do trabalho, da educação?

Educação da formação profissional?

É. De práticas de visitas técnicas, quais são suas referências?

Eu trabalhei, antes da FATEC, eu trabalhei no SENAC – aqui na Avenida Tiradentes. Aqui era um curso profissionalizante mesmo, então a gente visitava os cabeleireiros, coisas de cozinha (garçons, cozinheiros). Essa parte eu ajudava alguns alunos a fazerem umas entrevistas. Eu falava ‘olha, agora vocês querem trabalhar no mercado, então vocês têm que fazer um currículo, tem que ter uma boa prática, ter boa apresentação, se comprometer, dávamos orientações de trabalho. Depois fui para o SENAC, na rua Dr. Vila Nova, e lá em 78, 79 foi fundado o Centro de Estudos de Administração Hoteleira, o CEATEL, que deu origem aos cursos de administração hoteleira do SENAC. Nessa ocasião, o SENAC tinha convênio com duas escolas. Tinha com a escola de Hotelaria de Lausanne e Escola de Administração Hoteleira da Universidade de Cornell. Eu coordenei um projeto com a Escola de Administração Hoteleira, os rapazes foram e fizeram um treinamento lá na Suíça, para pequena e média empresa hoteleira. Quando eles voltaram escreveram um manual operacional para a área de governança, área de bebidas, recepção, hospedagem, enfim...Eles tiveram que vivenciar na prática e eu acompanhei também.

Você está perguntando também a questão de...

De referências que você tem de práticas similares, de visitas técnicas.

Fui para a Suíça e aí uma parte do programa fomos assistir as aulas com o pessoal na escola (maravilhosa!) e parte do programa nós saímos e visitamos vários hotéis na Suíça. Depois eu também fui para um congresso com diretores de Escola, na Bélgica. Lá, em um banquete atrás do outro, mas visitamos várias escolas de hotelaria, mas era técnica mesmo. Por exemplo, na Bélgica tinha uma escola que tinha convênio com o mercado, então todos os docinhos e os bombons, as coisinhas que eles faziam, eram colocadas para venda. Muito interessante.

Depois, quando teve o convênio com a Escola de Cornell, eu também fui. Eles ofereceram como parte do contrato dois professores do SENAC fossem para lá. Eu aproveitei a oportunidade e fiz então dois cursos: um de verão, de gerenciamento de RH, com histórias maravilhosas, e outro que era comercialização de restaurantes. Como você administrava restaurantes comerciais? Muito interessante essa tecnologia e estrutura desse curso. Foram duas semanas e eram só 10 alunos. E nós tivemos que fazer duplas. Na primeira semana, o professor discutiu conosco planejamento, safra, você coordenar safra de é mais barato, cálculo de receita, enfim uma porção de coisas técnicas da cozinha.

Na segunda semana, cada dupla cozinhou o seu cardápio. Parte da parte prática tinha de ‘bolar’ um cardápio. Na outra semana, se fosse eu e você, por exemplo, íamos gerenciar as outras quatro equipes. Uma equipe era de sobremesa, uma da salada, uma do prato quente e do dia seguinte trocava, de maneira que todo mundo aprendia a gerenciar e a circular por alguns setores. Foi na assim ‘A Prática’. A aula acabava, mais ou menos uma época da prática, era umas 14h, 14h ou 14h30, eu ia para cama, porque a gente não está acostumada. (risos). Mas foi bom para vermos a estrutura, como é que você serve, é uma semana muito concorrida lá na Universidade de Cornell, e os professores sabiam que os temperos eram diferentes. Muito gostoso.

Depois eu trabalhei no Sheraton, fui gerente de treinamento por pouco período, trabalhei na Rede Eldorado de Hotéis, alguns meses na área de vendas, departamento de vendas. Fiquei horrorizada porque eu disse ‘Meu Deus do céu, mas os vendedores saem para vender os hotéis, mas não têm nenhum instrumental. De repente vai vender o Rio de Janeiro e acha que o hotel está na praia, não, está em outra avenida em pé. Então, eu desenvolvi lá umas fichas técnicas de apresentação de cada hotel. Eu tenho essa experiência, essa bagagem.

Ah, depois, na prática, eu trabalhei no Convention Bureau, quando o Convention Bureau começou, ainda não tinha computador nem salário para pagar os funcionários, e foi uma experiência magnífica e maravilhosa trabalhar com a Convention Bureau. Depois trabalhei no

Centro de Convenções Rebouças fazendo a captação de eventos e organização etc.

E as atividades extramuros aqui no curso? Como é que você planeja essas atividades?

Para o curso?

É, para o curso, falando da sua disciplina especificamente.

Eu, por exemplo, da captação de eventos, planejo basicamente uma visita por semestre, porque a gente depois tem que acomodar com o professor que vem em seguida. E eu procuro na bibliografia e literatura existente, hoje em dia já tem muita coisa em português sobre organização eventos, mas eu acho que de captação pouca coisa. Eu procuro textos e dar atividades para eles discutirem. Eu confesso que eu não faço muitas atividades extraclasse. Faço mais para captação.

Em tópicos avançados, é um trabalho que a gente apresenta para os alunos do TAT 1 o mercado nacional, e o TAT 2 a gente abre para o mercado internacional. Eu começo assim: ‘você conhecem o mercado de turismo?’. Você já ouviram falar da ABVE? Já ouviram falar da ABEH (Associação Brasileira de Estudos da Hemocultura)? Então, é importante que você conheça turismo, mas é importante que você conheça como é que é o sistema aí fora. Tem todos os empresários, donos das agências de turismo, que lutam para que o Brasil tenha condições de desenvolvimento disso. Então, eu faço lá, eles escolhem, tem uma lista enorme de entidades e eu dou um roteiro, daí, sim, eu planejo um roteiro. Como é que apareceu, se eles promovem eventos, se eles publicam boletins, se fornecem estatística, se eles dão oportunidades de estágio, quantos sócios tem. Enfim...eu digo: ‘leia, não é só para você simplesmente chegar e dizer – olha a entidade tem 50 sócios’. Não. Por trás dessa atividade, porque eu faço nacional e internacional, é você ampliar o conhecimento das oportunidades da área de turismo, você leia-se uma entidade de classes também por oferecer estágio, então é um portão de entrada. E também com essa variedade de áreas, você poder decidir um pouco melhor, dentre as inúmeras possibilidades, aquela que mais se interessa. É um trabalho muito interessante, eu acho muito interessante, e os alunos gostam. Eles também trazem novas entidades, novas revistas. Você conhece alguma revista de turismo? ‘Ah, a Viagem Bem Panrotas’ Bom, e aí? Então, a Análise em Turismo, a Rosa dos Ventos, a Radar Santa Catarina, Cultura, tem várias. Então, eu faço entidades e publicações. O que precisa para publicar lá, qual o teor dos artigos que eles trazem, tipo de assunto que eles discutem. Aí peço para eles fazerem uma análise, essa revista que revista que é? É uma revista de referência, é uma revista de análise, de estudo crítico de turismo? É uma publicação de estatística, por exemplo, Observatório de Turismo, enfim....E a outra que

é comercial, está vendendo o destino, fotografias. Falo 'vocês têm que conhecer o mercado'. E eles gostam, porque aí dou o roteiro, eles vão apresentando, não é só simplesmente fazerem o que está no roteiro, criem em si. Eles costumam gostar desse trabalho. Dou liberdade para eles escolherem a entidade.

Não sei se respondi.

Respondeu um pouco sobre o planejamento, mas me satisfez já a resposta. Agora, queria saber no detalhe como são realizadas, no caso, essa visita ao Centro de Convenções, como é que ela é realizada e coordenada? Que tipo de roteiro vocês executam no local?

Eu tenho aqui. Eu vou te dar uma cópia do último.

Eu te agradeço. Deixa só eu falar para ficar gravado. Ela vai me entregar o relatório de atividade de aula externa, que é um documento que se envolve com o trabalho.

Primeiro eu faço uma proposta, quer dizer, se eles estão trabalhando com eventos a primeira coisa que tem que pensar é a dimensão do evento e a adequação do espaço. Não dá para visitar tudo, então eu tenho facilidade de acesso ao Rebouças, escrevo para o gerente operacional. Digo 'Cláudio, estou querendo levar os alunos, as datas viáveis são essas, essas, xyz'. E ele dá uma resposta. Mediante essa resposta eu termino a proposta original, porque qual é o objetivo? Conhecer em primeira mão um Centro de eventos, conhecer como é gerenciado um centro de eventos, como são captados os eventos que vão para esse espaço, qual é o tipo de público que atende. Eles agora começaram, depois da grande reforma, atender público empresarial. Antes era só medicina. Como é que eles administram o pessoal? Como é que discutem e administram os fornecedores do evento? Eu faço assim um pequeno roteiro do que a gente vai ver, aspectos de um evento, captação, atividades, tipos, espaço para o público e espaço de bastidores. Eu gosto que visitem também os bastidores. Eu marco o horário, começa no horário da aula, e já marco de todos se encontrarem lá. Nos encontramos no ponto do metrô etc. Chegamos e em seguida, em geral, vamos para uma sala e lá eles fazem uma apresentação do histórico, do crescimento, dados estatísticos, a projeção de crescimento, enfim...dão um histórico, em geral, eu peço para eles mostrarem um sistema que eles desenvolveram de controle das salas, de locação (se está usada ou não) Eu digo isso porque uma vez nós fomos a um outro Centro, enquanto o Rebouças já estava com esse negócio encaminhado, nós fomos a outro centro aqui em São Paulo. Quando a gente foi conversar sobre sobre essas coisas, eles mostraram um caderno assim, aquele papel mais que A4, aquele A3, sei lá que tamanho, um caderno cheio de quadradinho que era o mapa de salas. Uma coisa de louco!

Eles podem ver não só isso, mas esse programa que eles têm, mostram desde que o cliente manda o briefing do evento e como eles divulgam as necessidades do evento de acordo com os setores do centro. Para eles (alunos) verem o planejamento, a organização, a sistematização etc. Eles gostam. Depois a gente costuma fazer uma visita em todas as salas, todos os espaços. Depois dessa palestra os alunos ficam abertos para fazer perguntas. Aí eu digo para eles: 'olha, vocês aqui na sala não fazem perguntas, mas lá, por favor, façam perguntas'.

Claro, aproveita a oportunidade.

Depois quando se despedem já vão, eu não faço um roteiro, deixo um pouco livre, mas aí depois eu digo 'vocês na aula seguinte vão me trazer um relatório da sua preciação, do que você gostou, uma visão crítica do espaço'. Depois eu consolido essas respostas e coloco no relatório.

Como você avalia essa visita técnica, no caso? Que tipo de avaliação eles fazem? Então, é essa construção de relato de prós e contras? Esse é o método de avaliação?

Esse é o método de avaliação que eu faço. Em sala de aula a gente conversa, conversa outras coisas, eles podem expôr as ideias e dependendo do que eles colocam, eu conto um pouco sobre a história de eventos. Eu digo 'olha, os eventos começaram assim de uma forma mais sistematizada aqui em São Paulo, a partir das Feiras do Alcântara Machado. Era lá no Ibirapuera, depois veio para cá, construiu o Anhembi'. Eu converso muito com os alunos o seguinte, graças a Deus, finalmente, São Paulo está mais estruturado do ponto de vista do turístico. No Rio de Janeiro nunca teve muito esse problema porque todo mundo ia para lá, mas aqui, depois que o Convention Bureau começou, depois que o SP Turis foi melhor estruturado, que o Caio de Carvalho passou a chefiar, eles começaram a conversar e um ajuda o outro, e conquistaram os agentes do mercado, conquistaram os hotéis, eles viram que todo mundo tem que trabalhar juntos. Isso é um histórico.

É um momento que, de certa forma, a gente precisa direcionar o olhar deles, porque eles só estão vendo o agora.

Exatamente. Neste sentido aqui, eu também dou um texto para eles, não sei se você conhece esse texto do Caio Luiz de Carvalho 'Consolidação de um destino turístico'.

Não, não conheço.

É antigo o texto, ele publicou na Análise em Turismo, e o texto é antigo, as estatísticas antigas,

mas mais do que isso ele está colocando o que foi feito e hoje nós vemos coisas que já foram feitas da consolidação do Anhembi. Primeiro mudou para Anhembi tira SP Turismo, as estatísticas, a imagem, a segmentação do público, você tem segmentos de várias áreas aqui em São Paulo - cidade de negócios.

O City Tour.

Eu posso até te mandar depois esse texto.

Tá bom.

A data é antiga, mas o que quero que vocês percebam no texto é um planejamento turístico e hoje o resultado.

E a concepção de planejamento que continua a mesma, não é?

Exatamente. Eu sinto, Douglas, que os alunos têm dificuldade de abstração. A gente pode reconstruir o Observatório de Turismo, não sei se a FGV ainda tem um Centro de Estudos do Turismo.

Tem, ainda tem. Só que o deles é o nacional. O Observatório de Turismo de São Paulo tem o foco na cidade.

Sim, tudo bem. É que eu acho fantástico a FGV faça pesquisas e ajude as pesquisas. Por exemplo, eles tem uma pesquisa maravilhosa de cruzeiros marítimos. Então, a gente vai 'cavar' tudo isso.

A Abremar, não é?

Ele vai colocando tudo isso. Não sei se respondi.

Sim, da avaliação sim. Próxima pergunta. Qual é o papel do aluno nessa prática que você realiza?

Eu acho que ele tem que ter uma atitude absolutamente ativa. Ele que vai construir a visita dele, quer dizer eu dou as coordenadas. Teve alguns que não foram, ficaram sem nota, isso é problema deles. Se for algum problema pessoal 'professora, não pude ir'. Tá bom. Eu também não vou ficar correndo atrás. Eu digo: 'olha, é uma oportunidade. Vocês querem ir, vocês observem, vocês escrevam, façam perguntas, você vai ganhar aquilo que você investir'. Das três disciplinas, eu deixo eles um pouco livres para correrem atrás das entidades, da revista, o que eles querem. Uma lá apareceu com uma associação de três históricos, enfim. O papel dele (do

aluno) não é simplesmente eu dou aula ele obedece, eu quero a visão crítica deles. Quero que analisem, percebam, apresentem as discussões, vocês podem falar os prós e contras, nós estamos aqui para isso. Se você disser 'foi tudo lindo, maravilhoso', não foi bem assim. Inclusive nas disciplinas que eu faço, todas as atividades que eu peço escrita, eles devem colocar três linhas ao final do trabalho o que significou fazer essa atividade. Você aprendeu alguma coisa nova? Você descobriu um autor interessante? Você encontrou uma área nova do turismo que achou uma chatice? Desenvolva uma opinião crítica sobre aquilo que você está fazendo. Gostou? Não gostou? Por que gostou?

Eu acabei de dar um trabalho para captação e dois alunos fizeram em dupla, eu digo 'vocês leram o texto, me indiquem assim os principais pontos'. Copiou e colou. Eu digo 'Mas aonde está sua percepção, sua crítica, por que você escolheu?' Tem que refazer.

Como eu disse, não posso opinar muito para não ficar tendenciando a resposta. Estou só te ouvindo neste momento.

Para redundante essa pergunta, mas queria saber como o aluno é avaliado nessas práticas. Gostaria que você detalhasse um pouco esse processo como SEB e como avaliação sem estrutura.

De todas as coisas da disciplina.

Dessa prática extramuros. Ele foi lá e, como você falou, ele produz um relato. O que você avalia desse relato?

Eu avalio o que ele colocou, as ideias que ele escreveu, eu discuto depois tudo em sala depois com eles: as ideias, se está bem formatado, está bem escrito, se consiste, se está consistente com a visita, qual foi o aproveitamento que ele fez se foi positivo. Depois lá, eu também observo como é que foi vestido, que se fez pergunta, se acompanhou o grupo, eu também observo, porque eu digo 'olha, a gente vai visitar um espaço e vocês estão representando a FATECE tem que ir, ninguém precisa fazer vestido novo, mas tem ir de uma forma apresentável. Nada de bermuda, não acho adequado nem bermuda nem chinelo nesses centros.

Concordo.

Então é uma parte escrita e uma parte também de observação, neste caso, da coisa subjetiva, mas para mim o mais importante de tudo...eu quero receber o feedback deles. Qual foi a apreciação, se valeu a pena. Eu digo 'Se vocês não se manifestarem, eu não sei se eu vou organizar novas visitas'.

Qual a relação dessas práticas extramuros com as competências formativas do curso de gestão de turismo, no seu caso?

Eu acho que, em primeiro lugar, é o aluno conhecer um atrativo, um local, um espaço, alguma coisa que está ligada ao turismo, no caso, o turismo de eventos. É importantíssimo que ele visite, que ele vá. Eu fico às vezes pensando, alunos que moram em São Paulo por circunstâncias, talvez, não tenham tido oportunidade de circular pela cidade. As famílias não levavam, eles também não tem interesse. Mas eu digo para eles, especialmente, em termos de eventos, o cliente quando tiver conversando com você, você já tem que visualizar dois, três alternativas de espaço, tem que conhecer esses lugares. Você tem que conhecer, você tem que ir. Se trabalha com isso, você tem que conhecer os cinemas, os teatros, os espaços para eventos, as baladas, as feiras, onde tem feira de food truck, enfim. É fundamental que você conheça.

E o que você acredita que se aprende com essas práticas? O que o aluno aprende quando está lá?

Alguns eu percebo que ficam assim deslumbrados com o espaço, talvez, por nunca terem tido oportunidade de visitar um espaço bonito, um espaço organizado, um espaço equipado, com condições. O aprendizado de estar no espaço, o aprendizado de ter sido bem recebido, isso é fundamental em qualquer atividade, mas, principalmente, no turismo de você ouvir o cliente, ser receptivo, cumprimentar. Às vezes, eles ficam um pouco inibidos, ficam assim 'pode, não pode', mas eles perguntam durante as caminhadas para visitar os lugares, vão fazendo perguntas, entende? Então, eu acho que essas visitas, como se diz, trazem o chão para eles. Um chão para eles verem como é a realidade. Um lugar que o Cláudio não nos leva para visitar é o escritório, que é um lugar mais fechado, mas ele visita todos os espaços das reuniões, o pessoal está lá. Eu acho que eles aprendem a importância do horário, a importância da pontualidade, a importância da equipe vir, a importância de participar, às vezes, um fica mais tímido e pede para o outro fazer a pergunta, eu acho que essa vivência é muito rica. No fundo, às vezes, quando eles voltam na aula seguinte: 'queremos mais, professora!'. De maneira geral eles gostam muito.

Estamos na última pergunta já. O que você acredita que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje. O que poderia melhorar na estrutura, no curso, o que poderia oferecer para melhorar essas práticas?

Eu acho que o laboratório faz um trabalho legal, porque eles estão compilando para elaborar o calendário das atividades. Isso é muito interessante. Tem o roteiro, pelo menos imagino que

seja um roteiro padrão, para todas as visitas. Talvez, é uma coisa assim, que a gente mesmo entre os professores pudéssemos ter uma reuniãozinha, de meia hora, sei lá, para podermos compartilhar essas experiências. O que foi bom e o que não foi bom. Eu acho que valeria a pena para eu não ficar tão isolada. Eu não sei se os professores fazem isso, por incrível que pareça eu não sei. Vamos lá, como foi sua visita? Como foi a visita, eu sei que no primeiro semestre eles fazem a visita lá no centro da cidade e tal, eu fui uma vez e foi muito legal, então eu acho que compartilhar seria interessante. A professora Fernanda sugere que se faça um pequeno boletim do curso e eu acho uma ideia boa, e seria nesse lugar talvez que a gente pudesse fazer um apanhado, um relato da atividade. Implementar. O que estou falando? Um meio de comunicação e troca de experiências.

Bom, professora, para terminar a gravação vou pedir para você me fornecer, se puder, os registros. Você já me ofereceu o projeto. Se você tiver fotos, plano de visita ou algum outro documento que ache relevante dessa prática e se quiser me enviar por e-mail ou me trazer, eu agradeço.

Em geral, nessa última visita, a Lorraine foi também. Ela sempre queria visitar o centro e ela que tem as fotografias. Esse é um defeito que eu tenho, não sou muito boa fotógrafa.

Eu sou péssimo também, compreendo.

Está aqui o documento.

A professora está me entregando um relatório de aula externa, visita técnica, deste semestre de 2018.

Professora vou encerrar a gravação.

Entrevistado 2:

Bom dia, sou eu, o Douglas, pesquisador, estou aqui aplicando o questionário de pesquisa do apêndice A do meu projeto de mestrado. Estou aqui com o professor 2, que é professor do curso de Tecnologia em Eventos, aqui da Fatec Ipiranga. Vou iniciar meu questionário de pesquisa, a minha sequência de perguntas aqui para ele.

Professor Roni, quais são as práticas extramuro que você realiza ou já realizou na sua disciplina, aqui no curso de Tecnologia em Eventos?

Como as minhas disciplinas são mais conceituais e de formação de bacharelado, elas limitam-se a, no máximo, visitas técnicas, a órgãos públicos, ONGs e, muito raramente, a empresas do setor privado. É mais visita mesmo.

Essas práticas são importantes? Por quê?

Apesar de escassas, elas são importantes porque, além de exemplificar a parte conceitual e teórica da sala de aula, permite o contato com a realidade, que é um pouco discrepante do lado teórico. Então, ajuda numa formação crítica e também até de valorização da carreira para o mercado de trabalho, desperta mais interesse no aluno para aquilo que ele está estudando. Então, eu reputo importante.

Quais são as referências de práticas similares que você reconhece na sua formação, em outros espaços do trabalho ou de educação?

Na minha formação, que é de curso jurídico, praticamente o que nós tínhamos no curso de Direito era também visitas supervisionadas, visitas técnicas, audiências simuladas, que eu de pouca aplicabilidade no curso de eventos. Então, dentro do que é possível compatibilizar numa adaptação, eu faço. Isso se resume, praticamente, em visitas supervisionadas.

Como você planeja ou planejava essas atividades extramuros?

Vai muito de cada disciplina. Por exemplo, Direito aplicado a eventos, quando o calendário permite, em razão do cronograma do semestre, que pode ser prejudicado por fatores externos, como greve, transporte, enchente, problemas de cidade grande, quando o calendário me permite, eu consigo atingir aquele ponto do conteúdo programático. No caso do Direito aplicado a eventos, eu tenho duas possibilidades: visitar o Procon ou visitar uma palestra de Direito do Consumidor quando o departamento de eventos e palestras da OAB disponibiliza algum tema congênere. Então, nessa disciplina eu tenho essas duas possibilidades.

Em Políticas Públicas, quando tem audiência pública, principalmente, na Câmara dos Vereadores, que também compatibiliza com o cronograma da Fatec Ipiranga e com a agenda da Câmara, nós conseguimos agendar mutuamente e comparecer. É um pouco burocrático, porque tem de reservar horário e espaço. Se tiver essa disponibilidade toda, superadas essas

fases, em políticas públicas, eu me resumo a, com os alunos, me dirigir até a Câmara Municipal para a gente acompanhar essas audiências de aprovação de projetos de lei, entre outros.

O que eu sinto que não consegui ainda, por falta de adequação, é em Relações Internacionais e Geopolítica, mas aí tento trazer pessoas de fora para dar palestra aqui, como eu trouxe o adido cultural da Alemanha. Ele ia falar do curso Ciência sem Fronteiras, que, coincidentemente, na mesma semana, por conta da mudança de governo com o impeachment, foi suspenso. Mas existia todo um projeto de nós encaminharmos alunos para isso. Visitar consulados e embaixada é difícil, mas eles podem vir para cá e mostrar o que eles têm de propostas e aproveitam para dar palestras sobre o panorama mundial no país deles e oportunidades de empregos ou de cursos lá fora para os nossos alunos.

Como é que são realizadas e coordenadas essas atividades extramuros, as visitas técnicas?

Por mim, no início do semestre, em decorrência do conteúdo que eu tenho que desenvolver. O curso de Direito Aplicado a Eventos, por ser uma disciplina dogmática, é bem tranquilo. Agora, o curso de Políticas Públicas sofre, sim, algumas mudanças de conteúdo programático, em razão dos acontecimentos externos, e aí eu tento contextualizar, semestre a semestre, uma visita que seja pertinente.

Em Relações Internacionais, mais ainda. Há semestres em que houve, no panorama mundial, crises migratórias, então esse foi o enfoque que abordamos. No semestre que foi a Copa do Mundo no Brasil, a gente trouxe a visão da oportunidade de negócios internacionais aqui no Brasil e a expressão geopolítica disso. Neste semestre, a questão das guerras na Coreia e na Síria é o tema do momento e a gente está tentando contextualizar. E aí fica um pouco remota a possibilidade de visita técnica nessa área, não tem o que fazer.

Como é que você avalia essas visitas técnicas?

Bom, eu sou suspeito. Em termos de interesse para os alunos, é cativante. Eles gostam de sair do espaço formal da sala de aula. Tem uma questão de dificuldade da parte deles também, do transporte, de compatibilizar o horário para onde a gente está indo e de onde a gente vai sair, para eles chegarem no trabalho. Isso é um pouco dificultoso, mas acho que, em termos de cabimento, não só pelo interesse, como eu dizia, mas de pertinência mesmo, eu acho válido. Se existissem outras práticas que pudessem atender a um lado de uma disciplina puramente de bacharel e teórica com o mercado tecnológico, obviamente, eu me disporia. Mas não vejo outra alternativa a não ser essa de visita *in loco*, supervisionadas, ou então de palestras de pessoas de fora dessas áreas para o nosso campus.

Qual o papel do aluno nessas práticas realizadas?

Interessante... Primeiro, acho que após a assimilação conceitual em sala, ver a aplicabilidade e

a contextualização desses conceitos com a visita supervisionada, com a visita técnica. Ver se ele concebe linkar e vincular isso. Segundo, perceber as discrepâncias entre a realidade e a teoria. Terceiro que, até mesmo para o currículo deles eu acho interessante.

O aluno deve vincular, linkar os conceitos com o que acontece na prática, despertar o interesse pela disciplina e pelo curso, fazer um currículo, um networking no mercado de trabalho, e perceber a discrepância entre a realidade e a teoria nos casos em que isso acontece.

Como você avalia o aluno por essas práticas?

Por relatório. E aí, no relatório, pra ser chato mesmo, vai desde a articulação sistemática da escrita até a proposta, que a gente deixa clara antes de fazer a visita. Aí, eu coloco para ele: “Olha, nós aprendemos em sala de aula, por exemplo, quais são os direitos e deveres do consumidor. Nós vamos ver no Procon como isso é trabalhado pelo mediador, principalmente, em termos de prova desses direitos e deveres. A gente sabe que no direito de consumo o ônus da prova é invertido, mas que, às vezes, a parte hipossuficiente também não sabe nem quais os direitos ela pode alegar. Então, eles vão perceber isso.

Em Políticas Públicas, quando eu chamo a atenção para uma audiência pública, eles já saem da sala de aula com o conceito do que são políticas públicas, quem são os atores de políticas públicas, quais são os alcances de políticas públicas, quais são os objetivos de políticas públicas, quais são as etapas da procedimentalização de uma política pública e aí é que entra a importância da visita técnica, principalmente, nessa etapa da visita a uma Câmara Municipal. Eu até gostaria de ir a uma Assembleia também, mas é complicado. Nas etapas da discussão da política pública, uma delas é a audiência pública e eles vão para perceber o jogo de forças entre o poder público, a iniciativa privada e o cidadão.

No relatório, eu cobro que eles relatem esse embate, acho bastante válido. Eles são avaliados nessa aptidão e capacidade que eles têm de captar e transcrever esse momento para o papel. A gente sabe que a reedição da palavra oral para a escrita perde muito detalhe, mas eles são avaliados nisso e são advertidos quanto a isso também.

O que se aprende nessas práticas?

Olha, a minha proposta é um pouco ousada, seria mais o que se desconstrói, se eu puder chamar a desconstrução de um conceito como aprendizado. É mais ou menos instigar que nem tudo aquilo que a gente vê como redondinho é funcional. Então, acho que se aprende, primeiro, a ter uma postura ética, se aprende um pouco de empatia, porque nós estamos lidando com disciplinas que têm conteúdo via intersubjetividade, como o Direito, que é puramente intersubjetivo. Sou eu e o outro em conflito, então, às vezes, você precisa se colocar no lugar do outro. Valoriza-se muito aqui o papel do mediador.

O aluno de Eventos é diferente do aluno de Direito. O aluno de Direito é um aluno de conflito, a formação básica do aluno de Direito é por conflito. Não que o aluno de Eventos seja um aluno “festeiro”. Às vezes, ele tem que ter uma postura austera, firme. Mas como ele lida com a austeridade, a seriedade... o Direito ameaça isso com a sanção, com a sisudez. O aluno de Eventos com a composição. Então, acho que ele aprende muitos valores de flexibilização... O curso, eu falo para os meus alunos tanto daqui quanto do curso de Direito: o mesmo conteúdo é dado de maneira diferente em função dos alunos que compõem uma classe.

Então, lá na faculdade, quando eu falo de crimes contra a relação de consumo, é outra a postura minha de docente. Aqui, no curso de Eventos, quando eu falo de crimes contra o consumo, em razão do público-alvo, é uma outra postura minha e dos alunos também.

Aqui eles desenvolvem esses valores, no curso de Direito. Eu considero os alunos do curso de Políticas Públicas, talvez até porque não contaminados pelos dogmas do Direito, muito mais receptivos, muito mais críticos. Eles desenvolvem uma sagacidade, quando vão assistir a uma audiência pública falam: “nossa, aquilo que você falou vai dar nisso.” Parece que eles têm a visão daquilo que vai acontecer durante uma audiência. O aluno de Direito fica esperando o conflito acontecer, para depois ele tomar uma iniciativa de retransa ou de estimular mais conflito. O aluno daqui ele já se antecipa a um problema. Isso me instiga muito mais, eu gosto muito mais. Ele se antecipa e fala: “puxa, se você fizer isso vai evitar tal problema. Se aquele grupo de forças abordasse, levasse a discussão por esse caminho, se comporia muito mais.”

Então, eu acho que o aluno daqui, como eu dizia, por não estar contaminado pela formação dogmática do Direito, ele é mais esperto. Mas é aquela boa esperteza, não é esperto no sentido de ardiloso, de má-fe, mas no sentido de sagaz.

O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje?

Olha, eu posso estar dando um tiro no pé, mas o meu coordenador sabe disso. Eu vou me permitir, se for o caso, até fugir um pouco da pergunta. Acho que nós precisaríamos ser um pouco menos burocráticos, enquanto curso, instituição. Isso eu ousaria dizer até em nome dos meus outros colegas, que, às vezes, ficam um pouco insatisfeitos com algumas questões que vêm pra gente resolver, como a questão desse tabulamento de rendimento no final de semestre. Às vezes, tem uma responsabilidade que não nos cabe, isso nos frustra, nos desmotiva.

Peço até, com toda a licença, com toda a vênia, à sua orientadora que está ouvindo isso, mas acho que ela também faz parte da estrutura. Acho que, talvez, uma proposta mais informal de discussão de matriz curricular, baseada menos em Excel e mais em “plantel”. Sabe, vamos ouvir os nossos professores antes de tabular todo mundo com um cifrão, porque tem um lado

motivacional que também se frustra. Isso tem um lado também que a gente não sabe o retorno. O retorno que a gente sabe a gente também se sente acuado porque não tem ferramenta. Foge da nossa autonomia, e até mesmo da nossa formação, mudar as conclusões burocráticas que a gente vê quem vêm de cima. É a minha modesta opinião.

Acho que, talvez, uma maior flexibilidade nessa parte, né? Isso porque, aqui pra nós, aqui nesse campus é muito tranquilo. Eu vim de outros que, nossa, era uma patrulha: “você tá levando? fazendo o quê?” Então, acho que, às vezes, essa parte burocrática atrapalha um pouco.

Eu tinha falado com o coordenador também aqui de a gente ter um apoio psicopedagógico. Porque nós temos alunos com problemas, e também vou pedir permissão para fugir um pouco do tema... O que nós tivemos esse semestre de alunos que entraram com pedidos de atestado por depressão, por síndrome do pânico... Eu ousaria dizer até de outra instituição privada onde eu leciono que é a mesma coisa. Não sei se é o momento do País ou do mundo, está todo mundo, se não insatisfeito, com medo, desinteressado pela vida. Acho que isso está refletindo no andamento psicopedagógico do curso, das disciplinas. Eu tive outros colegas que também reclamaram.

Não que a gente queira fazer uma salinha de plantão de assistente social e de Psicologia aqui, a proposta não é essa. Mas ver o que isso, sem o ranço, como falei, da burocratização de tudo, pode repercutir nos egressos, nos ingressos e nos que estão cursando. Inclusive, nós, professores. Mas, pelo amor de Deus, sem tabulação, sabe? Que fosse uma coisa mais light, mais humanizada e menos “tecnicizada”.

Acho que, talvez, a divulgação, agora, tentando responder a sua pergunta. Olha, a gente não faz esses seminários no começo de semestre, aqui pra nós, de formação de professores. Talvez viesse um pedagogo e falasse: “Olha, a proposta pedagógica do curso é esta e o que a gente tem de práxis tecnológicas são estas. Então, tentem vocês. Na sua formação, na sua disciplina, o que você pode oferecer além disso que você já faz?” Então, isso daria uma formação pra gente também, mas que seja de uma maneira leve.

Eu sei que a gente é motivado a fazer disso, depois, comprovação para a evolução funcional, né? Mas que a gente não seja só por esse ponto instigado a fazer. Me perdoe a sinceridade, não quero constranger ninguém aqui, sabe? A gente é colega.

De jeito nenhum, você tem a liberdade para falar e, de novo, o meu trabalho tem o foco de buscar as suas concepções, não são as minhas, tá? Agora, sim, a última pergunta: qual é a relação dessas práticas extramuros com as competências formativas do curso, na sua visão?

Para ser sincero, quando eu cheguei aqui, até por ter vindo da formação que eu vim, eu

desconhecia um pouco da proposta tecnológica, né? E aí, conversando com os meus colegas, principalmente, com um dos professores de Preservação ao Patrimônio Público, ele me falou: “Olha, eu faço visitas para conhecer museus...”

Eu falei: “Olha, o que eu posso fazer, no momento, talvez, seja levar para uma palestra num órgão de classe, numa ONG, numa Fiesp, numa secretaria de Estado.” Aí, a coisa foi meio que, do improvisado, gradativamente se formatando. Então, eu desconheço outras práxis. Até aceitaria que nos fossem passadas algumas.

Mas acho que tudo o que sai um pouco daquele formalismo positivista da formação clássica brasileira que a gente herdou, como na fundação de uma USP, por exemplo, já ajuda hoje em dia. Acho que a gente tem de ter uma visão de mundo mais holística, mais plural, não tão cartesiana. Acho que tudo o que viria fora disso e com boa vontade das três partes, instituição, alunado e corpo docente, seria bem-vindo.

Eu sou receptivo. Você mesmo me falou: “Olha, Roni, você pode pedir aos seus alunos pesquisarem em sites o que tem sobre políticas públicas.” Eles fazem isso. Além dessas que eu tento fazer, queria deixar bem claro que, nos últimos dois anos, eu não fiz tanto em Políticas Públicas porque o País parou. A pauta legislativa foi congelada, do nível federal ao municipal, por conta desses escândalos todos de Lava Jato, de pauta bomba, de jogo de forças, de interesses e polarização mesmo da sociedade, do Judiciário, do Legislativo e do Executivo. Então, parou. Não tive tanta chance de fazer isso. Sobrou um pouco, talvez, em Direito e menos ainda em Relações Internacionais porque a gente não tem tanto acesso. Mas em Políticas Públicas estagnou porque parou, o Legislativo parou. Então, não tem muito o que fazer.

Bom, então a relação dessas práticas com as competências...

Eu acho ótimo, acho que tem que ter. Inclusive outras que possam vir a ser sugeridas, tá? A palavra que eu defino é pertinente, por várias razões: pelo aluno perceber a discrepância, aluno se formar dentro do conceito dado em sala de aula, aluno ter mentalidade crítica, aluno ter o currículo dele aditivado por isso, melhorado por isso, e outras propostas mais que, às vezes, a gente assim, na hora de uma entrevista, nem se lembra de conectar, mas acho que são bem-vindas. Às vezes, você tirar um aluno daqui da sala e levar para a biblioteca para fazer uma pesquisa eu já acho uma prática extremamente salutar que, às vezes, a gente não faz. Fica aí no Powerpoint maçante, na lousa, mas isso é uma coisa que tem que ser feita também, sair, né? Parece que só de trocar de ambiente de sala já motiva, né? Acho válido.

Entrevistado 3:

Oi, boa tarde, sou eu aqui de novo, Douglas Alexandre Dias, pesquisador, estou com o professor 3, que é coordenador do curso de Tecnologia em Eventos, da Fatec Ipiranga, e vou iniciar a aplicação do meu roteiro de perguntas, que é apêndice A do meu projeto de pesquisa de mestrado e o professor 3 vai iniciar as respostas.

A primeira pergunta, professor, é: quais são as práticas extramuros realizadas no curso de Tecnologia em Eventos hoje?

Bom, hoje, nós temos como extramuros as visitas técnicas, que alguns professores realizam, e visitas de estudos do meio, como faz o professor Pompeu, que são para reconhecer o Centro de São Paulo, por exemplo. E as atividades externas também, a gente pode colocar o estádio, como atividade externa que é feita, e alguns eventos que são realizados também fora da instituição, sob a supervisão dos professores. Aí, teve no semestre quais? Luzes da Cidade, que foi feito no Parque da Água Branca, o do pessoal do terceiro semestre que foi o Dia das Crianças do Padre Chico. São essas as atividades que são feitas hoje.

Essas práticas são importantes? Por quê?

Acho as visitas técnicas importantíssimas para o tipo de curso que a gente tem. Na verdade, se você pensar que um curso de tecnologia é diferente de um curso de bacharelado, ou de um curso de licenciatura, porque prevê formar pessoas que vão atuar no local de trabalho, nem sei como explicar isso, não estou falando que eles vão ser operários, mas serão pessoas que vão colocar a mão na massa de fato.

Não que os outros níveis não vão fazer isso, mas eu sempre penso no bacharelado também como uma formação de pesquisador. Quando a gente pensa no curso de tecnologia está pensando na formação de alguém que vai executar e talvez nem tanto numa pessoa que vai gerar novos conhecimentos, ainda que gere, não temos que ter esse tipo de preconceito, mas estou pensando em classificação. A licenciatura é para a pessoa que vai transmitir o conhecimento. Então, faço bem essa divisão. Quanto mais estudos de meio você tiver no curso de tecnologia, ou seja, ver como as coisas realmente acontecem fora da sala de aula, nos ambientes reais, acho que vai ser um ganho muito maior para o aluno, porque sai da teoria para ir para a prática, que é exatamente o perfil do curso de tecnologia.

Quais são as referências de práticas similares que você reconhece na sua formação ou em outros espaços do mundo do trabalho ou em outros locais que aconteçam?

Se você pensar em visitas técnicas, o estágio é isso. Ele ocorre obrigatoriamente hoje em todos os cursos. Ou seja, o médico que vai para um hospital fazer residência médica vai aprender na prática, ou seja, o professor que vai fazer estágio de observação e regência numa sala de aula

vai vivenciar situações que realmente acontecem no dia a dia na formação profissional dos professores. Então, é sair da teoria. O teórico é fundamental. Se você fizer um bom embasamento, quando você vai para uma visita técnica, por exemplo, você tem condições de observar, aproveitar essa visita muito melhor. Se não você chega lá sem ter nenhum conhecimento do que está acontecendo ali e é a mesma coisa que sair para passear no shopping, né? Você vai repetindo, vai achar tudo bonito, mas não vai comprar nada. Então, acho que o embasamento teórico é fundamental para preparar essa visita técnica, para que os alunos possam aproveitar de fato. Se não, para mim, é passeio.

Na minha formação, na verdade, eu não tive quase a vivência do estágio, nem da visita técnica, pelo tipo de formação que eu tive, a formação de bacharel USP, que é aquela formação francesa, de discussão e pouca prática mesmo. Então, o máximo que a gente teve foram algumas visitas com o professor de Literatura Brasileira sobre o começo do século 20, foi um ano bastante rico em exposições, como a do Modernismo Brasileiro, e ele acompanhou a gente em visitas e a gente fazia relações entre literatura e pintura. Foi o professor Augusto Massi. Então, na minha formação, que eu me lembro, foi isso. Não fiz estágio pra docentes porque acabei caindo no Ensino Superior diretamente, sem terminar a minha licenciatura. Então, na minha formação isso não aconteceu. Ou aconteceu, de alguma forma, porque eu caí na sala de aula e quando você cai na sala de aula, com a vivência prática, você acaba tendo que voltar às teorias que você tinha lá atrás para poder colocar em prática e buscar novos conhecimentos.

Como são planejadas as práticas extramuros do curso de Tecnologia em Eventos hoje?

Hoje, a maior parte das atividades são dentro dos planos de disciplina e alguns professores que planejam isso. Para o semestre que vem tem algumas atividades que já vão passar para a competência também do LDE. Tivemos uma reunião na LDE e, principalmente, as atividades com relação ao projeto integrador vão ser discutidas pelo LDE, para evitar sobreposição de atividades, para evitar desgaste em relação aos alunos e sobrecarregar os alunos com relação a uma série de atividades. Então, isso vai ser colocado na reunião agora de fechamento do semestre, com o estabelecimento de um calendário de atividades também. Uma das reclamações que se faz é que um professor pede uma coisa e o outro também, na mesma semana. Então, nós vamos elaborar um calendário para que todo mundo tenha, desde a semana de planejamento, no semestre que vem, e saiba mais ou menos quais atividades cada disciplina vai pedir, para a gente fazer isso de uma forma mais inteligente e não dispersar energia.

Como essas atividades são realizadas hoje e coordenadas?

São coordenadas pelo professor. Eu tenho a participação na parte de autorizações. Eu autorizo a saída, autorizo o ponto do professor, fico morrendo de medo de que aconteça alguma coisa

durante essa visita, mas os professores é que tomam a frente disso. Mas elas tem que ter coerência dentro da proposta da ementa e no plano de ensino do professor. A Magali, por exemplo, este semestre fez uma visita para verificar a montagem do Equipe Hotel. Fez uma visita antes e uma visita depois, dentro da disciplina de Logística. Isso é bastante interessante para o desenvolvimento dos alunos. Você fez a da Sala São Paulo, que a gente sabe que não é só uma sala de música, é um centro de eventos bastante importante que realiza um monte de coisas. Para a sua disciplina, por exemplo, eu acho importantíssimo levar à Sala São Paulo. Ou, como você já fez também que é a visita ao Hotel Jaraguá, que foi feita algumas vezes, eu lembro. Antes de ser coordenador eu já sabia dessas visitas, acho que elas têm coerência com essa disciplina. É o que eu falo: passeio a gente pode fazer em outros horários. Muitas vezes eu saí com os alunos, saía mais antes, quando não estava com todas essas obrigações, a gente ia ver exposições. Para mim, isso não é visita técnica. É uma atividade em que acompanho os alunos. Os alunos terão ganho, sim, de qualquer forma, porque essa vivência com exposições, com arte, vai ser bastante importante, principalmente, para o pessoal de eventos. Eu vejo uma falta de repertório nesse pessoal. Eles não têm repertório, às vezes, até para criar uma ambientação. Se eles não têm o mínimo de conhecimento do desenvolvimento da arte pictórica, por exemplo, de onde eles vão tirar referências para fazer qualquer coisa. Da Globo? Do SBT? Esse tipo de visita a gente fazia, às vezes era até difícil, a gente tinha que sair, mas eu achava que valia a pena mostrar outros mundos, ainda que não tenham ligação com a minha disciplina. Achava importante, mas não considero isso uma visita técnica, eu estava acompanhando os alunos, graciosamente, para o desenvolvimento da cultura geral deles e não da cultura específica. Eu acho que a visita técnica, como você está colocando, ela tem a ver com a disciplina, com o desenvolvimento dos conteúdos da sua disciplina.

Quais são os métodos de avaliação que os professores usam para avaliar essas visitas?

Você me pegou agora... Bom, eu sei do caso do Pompeu, especificamente, porque essas visitas dele se transformam logo depois em vídeos e, de alguma forma, elas refletem, os vídeos refletem o que foi feito, então, dá para você avaliar a importância ou não dessas visitas. Os projetos integradores também, como atividades externas, não necessariamente visitas técnicas, têm uma avaliação, os relatórios que são feitos também. Então, todos os professores que participam da organização acabam fazendo a sua avaliação. Nas visitas técnicas, os professores devem pedir um relatório, eu acredito que sim. Se você sai com o aluno para fazer uma visita e não vai pedir nada, mais uma vez, você está fazendo um passeio. Não vou falar que é “matação de aula” porque seria desumano e descortês com os meus colegas. Mas, muitas vezes... A gente tem que evitar esse tipo de coisa. Mais uma vez, vou falar uma coisa do próximo semestre.

Essas atividades, principalmente, do Projeto Integrador, a intenção nossa é que façam parte da avaliação em todas as disciplinas.

Por exemplo, eles vão fazer um evento aqui no Chico Science. Os relatórios vão ter que contemplar a disciplina de Inglês, de Português, Espanhol, para que haja uma integração e todos os professores possam participar da vida do curso, entender o que está acontecendo no curso. Porque, se todo mundo trabalhar cada um na sua pecinha aqui jogada, como se fosse um quebra-cabeça, a gente nunca vai ter uma figura coerente. Vamos começar a trabalhar nesse próximo semestre para desfragmentar.

Na sua visão, qual é o papel do aluno nessas práticas?

O papel do aluno é ter uma posição ativa em busca do conhecimento. Não pode esperar também que tudo caia no seu colo, tem que buscar, inquirir, questionar, ter dúvidas, tem que, muitas vezes, não gostar. A partir dessa posição crítica dele é que ele pode construir algum conhecimento. Se ele assumir uma posição em que o professor também vai trazer tudo para ele, o conhecimento vai ser praticamente nulo. Muitas vezes, a gente não gosta que o aluno pergunte demais ou critique demais, mas essa é a função dele e é assim que se aprende, sendo “cri-cri”.

Como o aluno é avaliado por essas práticas?

Eu acredito sempre que qualquer visita tem que trazer um ganho e esse ganho tem que transparecer de alguma forma. Eu não acredito que seja numa prova que ele tem que aparecer, mas nas práticas que ele vai desenvolver a partir dessa visita. Se ele realmente observou alguma coisa interessante, ele vai transparecer isso. Na forma como ele se põe num evento, na postura dele em relação ao atendimento de uma área específica, ou se ele viu alguma coisa interessante, por exemplo, para A e B, ele vai colocar num evento que ele realiza aqui dentro ou fora. Então, tem que ter esse trânsito entre o que ele observa e o que ele produz. A partir disso, acho que dá pra avaliar que ele captou alguma coisa.

Acredito que isso seja muito mais efetivo do que você, por exemplo, fazer uma prova e perguntas sobre o que é observado. Ele responder automaticamente não quer dizer que ele tenha absorvido alguma coisa e que essa informação que veio transformou alguma coisa ao ponto de transformar e modificar uma atitude dele. Acho que é fundamental essa mudança de atitude em relação ao que ele aprendeu, observou, inclusive em relação ao que ele gostou. Tem que ter sempre uma mudança de atitude a partir do que ele vivenciou nessa visita, atividade, no que seja.

Qual é a relação dessas práticas com as competências formativas do curso?

São fundamentais. Mais uma vez: penso no curso como um curso de tecnologia, para formar pessoas que vão realizar o trabalho, não teorizar sobre o trabalho. Então, essas visitas têm essa

vertente de trazer o mundo real e colocar eles nessa vivência. Eu acredito que poderia até ter mais.

Mais visitas?

Eu acredito que sim, acho que há possibilidade de trazer para outras disciplinas também. Por que não a Administração observar uma empresa de turismo funcionando no dia a dia para explicar algumas técnicas, né? Ver a contratação de um curso de RH. Poderia ter mais.

O que se aprende nessas práticas?

O aluno aprende sobre o mundo real, fora da sala de aula. Eu sempre penso na escola como o espaço do erro. Aqui eles podem errar e acertar. Na prática, fora desse mundo ideal da escola, eles sabem que não vão poder falhar e essas visitas mostram como funciona a realidade distante dessa sala de aula. Aqui eles erram e a gente perdoa, passa a mão na cabeça e ensina. No mercado de trabalho, vai ser completamente diferente, você é punido por cada situação de erro. Não é que tirando nota não seja uma punição, mas é muito diferente você punir e ensinar, tentar levantar. Então, acho importante que eles tenham essa vivência do que é o mercado de trabalho a partir dessas visitas de observação.

Chegamos à última pergunta: o que poderia melhorar ou aprimorar nessas práticas no contexto da graduação tecnológica?

Bom, algumas coisas que poderiam melhorar, como falei, talvez compor uma carga horária de 70-10, estipular 70 horas de sala de aula e 10 horas de visita técnica. Mas, para você colocar isso, tem que ter algum apoio institucional. Porque colocar a responsabilidade em cima do professor de organizar tudo isso e jogar ele também não sei se seria viável.

A maior parte dos professores acaba sacrificando, às vezes, coisas importantes na vida para acompanhar os alunos, mas, mesmo assim, acho que a gente precisaria ter um apoio institucional para que isso realmente acontecesse de maneira efetiva e constante. E que isso se estendesse mesmo para outras disciplinas. Eu adoraria fazer uma visita técnica, pegar os meus alunos e levar a Buenos Aires para ir treinar línguas. Tô pensando aqui do lado que é mais barato (risos). Mas, para eu fazer isso, preciso de apoio institucional. Um setor que possa dar apoio aos cursos para que isso aconteça de fato. Não sei, mas precisaria.

Acho que isso é fundamental. Os professores poderiam levar os alunos aos grandes eventos para discutir, acompanhar, mas precisariam de apoio institucional. Como é que eu posso exigir que você deixe uma família num sábado à tarde para acompanhar os alunos? Acho que tem uma questão também da instituição apoiar e, de alguma forma, nos ajudar nisso. A gente ficar com toda a responsabilidade em cima dos ombros eu acho que não é justo.

Entrevistado 4:

Olá. Sou eu, Douglas Alexandre Dias, estou aqui com a professora 4, ela é professora do curso de gestão de turismo daqui da Fatec São Paulo. Vou iniciar a aplicação do meu roteiro de perguntas, que é parte do meu projeto de pesquisa, que está nomeado no apêndice A do projeto que foi aprovado pela banca de qualificação.

Gostaria que falasse quais são as práticas extramuros que você realiza na sua disciplina aqui no curso de gestão de turismo, na Fatec São Paulo.

A gente tem algumas saídas que poderiam até ser encaradas como aulas externas, porque ocorrem dentro do período de aula, que são: Parque da Luz, Pátio do Colégio e o Mercado Municipal de São Paulo. Essas acontecem quase todos os semestres, eventualmente eu faço alguma variação. Já fiz alguns testes para ver outras possibilidades, mas essas são as mais adequadas. Nós temos uma visita ao Aquário de São Paulo, que acontece ou na Semana de Turismo ou na Semana do Congresso, e que acaba sendo uma demanda dos próprios alunos porque eles têm vontade de conhecer o Aquário e o custo dessa visita, para a Fatec, acaba sendo mais baixo. Faço um recorte daquilo que me interessa na disciplina, então o Aquário acontece quase todo semestre, mas não é uma aula externa, é uma atividade dentro de um evento da Fatec. E fizemos duas vezes Paranapiacaba e uma vez Ilha Anchieta com Paraty.

Essas visitas: Ilha Anchieta com Paraty e Paranapiacaba foram viagens técnicas, são mais longas, e elas são muito boas e muito melhores para os meus objetivos dentro da disciplina de aspectos ambientais, mas elas têm um custo alto, o deslocamento é maior e exige que o aluno tenha tempo para participar desta atividade. Essas atividades não ficam dentro da disciplina, acabam sendo alguns extras que a gente não faz todo semestre.

Essas práticas são importantes? Por que?

Muito. Muito importantes. Em teoria eu não deveria trabalhar meio ambiente na sala de aula. Em teoria não deveria ser teoria, deveria ser muito prático. Eu entendo assim, eu comecei a trabalhar nos cursos de turismo em 2010, no Instituto Federal de São Paulo, no Bacharelado de Turismo que eles têm lá, com as disciplinas ambientais. Até este momento eu era uma bióloga da área ambiental que eventualmente perpassava pelo tema turismo, porque nós estamos muito próximos, mas não era o meu foco e o meu objetivo. Neste período no Instituto Federal, eu percebi que o ótimo para um curso de turismo seria que o aluno fosse comigo para o Pantanal, fosse comigo para o Amazônia, fosse comigo para o Nordeste, fosse para o pampa gaúcho, para o Atacama, para o Salar de Uyuni, para o Vale Nevado, e que tudo aquilo que é meio ambiente fosse muito concreto na formação dele. Este curso de turismo não existe, acredito que nenhum lugar do mundo, certamente, seguramente, nenhum lugar do Brasil porque esse curso teria um

custo altíssimo e alguns podem pensar: ‘esse custo altíssimo seria um custo que não seria revertido na graduação’, mas aí eu discordo. Ele seria um custo altíssimo que formaria um profissional extremamente capacitado para atuar na área de meio ambiente e essa área de meio ambiente, dentro do turismo, é uma das áreas que mais cresce, e o turismo é uma área econômica que não sofreu com crise. Então, seria importante ter essa formação, mas o custo de formação do aluno seria um custo muito elevado, entendo que não pode ser feito. Como não podemos ir para o Pantanal, para a Floresta Amazônica, eu trago o máximo de exemplos em imagens e vídeos, para a sala de aula nas aulas teóricas. O que eu consigo fazer para mostrar para o aluno na prática aquilo que a gente vê em teoria, são essas saídas técnicas. Tem alguns elementos eu preciso ter dentro de um curso de meio ambiente no turismo; capacidade de carga – meu aluno precisa sair do curso capaz de executar cálculos de capacidade de carga; o sistema nacional de unidade de conservação; menos, mas ainda importante, o estudo de impacto ambiental e relatório de impacto ambiental. Ainda que não seja o EIA RIMA do processo de licenciamento, meu aluno tem que ser capaz de fazer um diagnóstico ambiental e uma avaliação de impactos ambientais, e aí vou estar formando um gestor de turismo que consegue atuar dentro do que eu entendo que é o turismo da conservação. Porque a gente fala muito de turismo predatório, essa é uma imagem que vem com a gente desde os anos 70, aquelas imagens das praias de Santos, São Vicente, a Caverna do Diabo. O turismo de exploração totalmente baseada no desenvolvimento de renda, mas sem nenhum aspecto ambiental ou social envolvido.

Hoje esse turismo não acontece mais, se acontecer, é pontual aqui e ali. Todo mundo entende que para eu ter esse recurso no futuro tenho de ter uma gestão correta. São instrumentos do planejamento de turismo os instrumentos ambientais. Não tenho como falar de capacidade de carga só na teoria, o ideal seria o aluno ir comigo e medir. A gente fez essa experiência em um semestre, a capacidade de carga me tomou um mês, no primeiro dia eu dei um instrumental teórico para o aluno saber o que ele estava fazendo e entender o que era capacidade de carga, e trabalhamos só com capacidade de carga dos cipientes. Então no primeiro dia foi aula teórica, na segunda ou terça-feira nós fomos para o Parque da Luz, e fizemos as medições na trilha que tem lá. Não é uma trilha muito grande, mas ela tem vários problemas, então foi possível identificar os fatores de correção. No terceiro dia de aula viemos para sala e fizemos os cálculos aqui, em grupo pequenos grupos de dois ou três alunos que são mais funcionais. E no quarto dia, discutimos os nossos achados. Foi o ideal, foi o ótimo, mas não teve esse tempo todo, então a gente reduz um pouco. Mas sem nenhuma visita externa, sem nenhuma possibilidade de medir, eu acho que o curso seria muito empobrecido. Outra visita que a gente faz com frequência regular é do Pátio do Colégio, porque eu vejo aluno muito preocupado com o

impacto ambiental que o turismo causa e isso é adequado, mas eu percebo que o aluno não entende que o impacto ambiental causado pela sociedade afeta o patrimônio, conseqüentemente, afeta o turismo.

Na visita ao Pátio do Colégio a gente tem as duas dimensões do impacto: o impacto que o turismo causa e o impacto que acaba afetando o turismo, decorrente de outras atividades. A gente tem lá, no Museu do Pátio, a experiência terrível de uma Virada Cultural que o palco montado ali perto, na São Bento, a vibração do palco acabou derrubando algumas imagens de santos que ficaram sem conserto. São imagens que estão perdidas, os fragmentos guardados, porque no futuro pode ser que tenha uma metodologia melhor, uma técnica melhor de restauro, mas com o que existe hoje não é possível restaurar. São imagens do século XVI, um grande prejuízo. Do outro lado, a ação humana, o metrô. A gente desce na cripta, coloca a mão na parede da cripta e sente a vibração do metrô. A cripta também é do século XVI, não deveria estar sofrendo uma ação humana sobre ela. Então, no Pátio do Colégio é muito importante porque isso fica muito claro para o aluno. Ele tem esse componente ‘o turismo causa impacto’, mas não percebe que controlar impacto é também em benefício para o patrimônio que ele usa no turismo. E a visita ao Mercado Municipal é porque eu percebo que biodiversidade é um conceito empírico para o aluno. Ele tem um pacote único de preservação da natureza, biodiversidade e não sei o quê...

E quando se fala dessa diversidade biológica ele pensa no mico leão de cara dourada, que é muito bacana, que é certo, mas a gente tem que pensar nas centenas de batatas, milhares de milhos, ou eu posso estar trocando milhares de batatas, centenas de milhos dos incas, que nós já perdemos. Isso é perder diversidade biológica, e o que isso representa para a atividade turística e para eventos gastronômicos – que estão muito fortemente relacionados com turismo também.

Tento mostrar essa diversidade biológica num aspecto mais amplo e neste sentido o mercado municipal me auxilia bastante. Sem essas visitas eu ficaria numa aula teórica muito chata. Eu posso trazer quantos slides eu quiser de todas as batatas, mas é à tarde, a aula começa às 14h30, o aluno almoçou, o metabolismo dele baixa, para que a projeção do slide fique melhor, a gente acaba reduzindo a luz e é pedir demais que ele fique desperto e atento. Então, essa aula dá uma chacoalhada que eu preciso ter. Elas são fundamentais.

Quais são as referências de práticas similares que você reconhece na sua formação ou em outros espaços do trabalho ou de atuação profissional?

Eu me formei em 91, já tenho muito anos de formada, mas, sim, houveram esses momentos. Nós tivemos uma visita em Anchieta, dentro da disciplina de Ecologia, que em uma visita você

aprende muito mais do que, talvez, num semestre inteiro de aula expositiva. Tivemos uma visita para Ponta Grossa, na disciplina de Paleontologia, e a gente ficou de ver o recorte dos horizontes de solo e os fósseis. Esses elementos, apesar de ter tipo vários desde 91, estão muito vívidos em minha formação. Acredito que as aulas teóricas ficaram um pouco esmaecidas com o passar do tempo.

Na minha formação, apesar de muito distante no tempo, essas experiências práticas, que na época da graduação ficaram como um passeio 'ah, vai a turma toda, você viaja para o Paraná', o aspecto passeio existiu e talvez naquele momento ele tenha sido mais importante, mas enquanto elemento formativo, hoje identifico como fundamental. É algo que eu tenho muito vívido, como eu falei para você, na minha prática de trabalho. E aí depois, durante toda a carreira, a gente vai para congressos, hoje eu percebo que já não acontece com a mesma frequência, mas na época em que fiz mestrado e doutorado, eu conclui mestrado em 2000, e doutorado em 2005, ainda existia muito uma política de que o aluno que tivesse seu resumo aprovado no congresso tinha os custos pagos pela USP para viagem. Isso possibilitou que eu fizesse muitas viagens para congressos e que é uma das coisas que eu lamento que não exista mais na USP, talvez em nenhuma outra instituição de ensino superior. Ter esse suplemento financeiro para poder ir é importante. O aluno de mestrado e doutorado, normalmente, está vivendo, às vezes, com bolsa e com recursos limitados e ter a experiência do congresso, encontro com os colegas, traz muito além disso. Os congressos na área de biologia e meio ambiente são muito no Pantanal. Tive a oportunidade de fazer muitas visitas e muito além daquilo que a gente discutiu, debateu e apresentou no congresso, essa experiência prática de vivência também eu carrego comigo na minha atividade formativa.

Eu brinco com os alunos dizendo que sou bióloga de formação e turismóloga do coração, e eles riem. Porque também, talvez, eu seja uma turista de coração. Eu adoro viajar, mesmo que seja uma viagem de lazer com a sua família, ela traz elementos que você carrega com você para a sala de aula. Toda experiência prática de vivência, eu acho que ela agrega e é importante.

Como são planejadas as atividades extramuros na sua disciplina?

Como eu falei para você, agora elas já estão acontecendo automaticamente. A origem delas foi: eu precisava de um lugar aonde eu pudesse fazer cálculo de capacidade de carga e pudesse fazer estudos da paisagem. Para isso eu escolhi o Parque da Luz pela proximidade física. Não tem custo nenhum, o aluno chega para a aula, se houver a necessidade, ele pode até ter as duas primeiras aulas da tarde. Normalmente, eu faço uma combinação com professora Maria Ângela, ela cede aulas para mim depois eu cedo aulas para ela. Então, acabo tendo a tarde toda. Mas se não houvesse essa possibilidade ainda assim a visita poderia acontecer. A gente caminha, vai a

pé, nesta caminhada como um dos objetivos é paisagem - a gente já vai discutindo um pouco sobre a paisagem urbana de ter tratores e atributos. Essa conversa no caminho já é parte da aula e aí no Parque da Luz, pela proximidade e facilidade de acesso, a gente tem feito esses dois conteúdos. A paisagem de tratores e atributos e capacidade de carga. O mercado municipal a gente também vai caminhando, é uma outra experiência que a gente tem a oportunidade de discutir paisagem urbana e todo o arcabouço possível dentro de uma cidade. Fazemos a caminhada descendo pelo metrô Tiradentes, é bem interessante a caminhando porque a gente vai ter prédios históricos, vai ter impactos ambientais humanos dos mais diversos, muito acúmulo de lixo, eventualmente, depois de dias chuvosos, água empossada e depois a gente pode discutir aspectos maiores. Não adianta ficar colocando areia no potinho de planta se a gente vai ter água empossada depois de um dia de chuva, porque o urbanismo está mal planejado. Chegamos no Mercado Municipal, aí o mercado ainda traz alguns componentes históricos e eles acabam fazendo link com outras disciplinas, e a gente tem a oportunidade de ver essa diversidade biológica para peixes, para mamíferos, com uso para a gastronomia, às vezes, tem sensibilidades que precisam ser preparadas antes, alunos veganos eu já faço um preparo em sala de aula porque para o gastrônomo, uma quantia lá pendurada é um elemento interessante, mas para o aluno vegano aquilo é muito chocante. Mas a gente já faz um preparo antes e tem dado certo. Então, podemos ver essa diversidade e a diversidade mais óbvia que é a fruta, e que também rende uma discussão. Antes a gente tinha frutas do cerrado, agora é muito difícil encontrar Cambuci, aração no mercado municipal, mas encontro as frutas importadas, que também rende uma outra discussão. Isso poderia ser um aliado da preservação da biodiversidade, mas como existe uma procura por frutas importadas, as frutas nacionais nem sempre estão docinhas, cambucis são azedinhos, não são comercializadas. É possível fazer essa discussão. Planejamos para ver a diversidade biológica, perfeito e ideal, seria irmos até o sítio das frutas Sales, no interior de São Paulo, mas isso ia requerer ônibus e a gente faz o que é mais possível fazer.

E a nossa visita ao Pateo do Colégio, como te falei, para ver os impactos ambientais, pela facilidade de ir. É o custo de uma passagem de metrô ida e volta. De lá, às vezes, eu já libero os alunos. A gente saí daqui e de lá ele já pode ir para aonde ele quiser. Os elementos foram: a possibilidade de ver na prática os elementos teóricos, que são o objetivo daquela saída e a possibilidade concreta por conta de custos, distância, tempo gasto na visita.

Como elas são realizadas e coordenadas, a partir do momento que você chega no local da visita ou quando ela inicia, no caso aqui da caminhada?

Elas são mais complexas do que elas parecem. Para visitar o Parque da Luz, primeiro tem que

pedir uma autorização para a Secretaria do Verde e Meio Ambiente, mando um e-mail da carta-ofício da Fatec, em papel timbrado e assinado pela profa. Maria do Carmo, pelo responsável pelo laboratório de turismo e por mim, normalmente, vem uma autorização rápida. Chega a carta e já autorizam. Aí eu tenho que levar a carta impressa ao gestor do parque e combinar com ele dia e hora, e assino um termo de compromisso que as imagens feitas no Parque da Luz serão usadas apenas para fins didáticos e da disciplina, que são serão veiculadas em nenhum meio outro de divulgação ou nenhuma mídia. O aluno talvez não enxergue esse lado atrás da visita, mas tem todo um preparo anterior. No mercado municipal também tenho de pedir autorização para o gerente/administrador do mercado, tem uma pessoa responsável pelas visitas ao mercado, que recentemente era a Maria Aparecida, mas parece que mudou e agora é um rapaz chamado Bruno. Essa pessoa responsável combina comigo o dia, qual é o objetivo da nossa visita, na nossa chegada o mercado municipal sempre tem a apresentação de um vídeo institucional, que acontece no mezanino numa sala reservada para cursos de gastronomia e outros. A gente tem esse vídeo curto, de 5 a 10 minutos, com a apresentação do teatro, aspectos históricos e arquitetônicos, e esse administrador que nos recebe também responde perguntas dos alunos. Depois é que a gente faz a descida. A descida, como o mercado está funcionando e não para o nosso objetivo, eu tenho de combinar em cada banca que eu vou visitar, que eu vou chegar com os alunos e que a gente precisa de uma pessoa que nos receba e que dê uma aula sobre o assunto. Na banca de peixes, eu não vou lembrar o nome agora, mas é uma banca que fica logo na entrada, tem um vendedor de peixes que se chama Jair, que é uma pessoa que deveria ter feito teatro porque ele fala muito bem, apresenta todos os peixes nacionais, amazônicos, os peixes importados. Ele fala sobre o pescado, o IBAMA, sobre o peixe para estar ali que precisa de autorização, fala sobre os crustáceos, então ele dá uma super aula para a gente. E aí a gente vai para a barraca que se chama Porco Feliz, nesta barraca tem um profissional formado em gastronomia e está ali para atender aos restaurantes, mas como uma gentileza dele, ele nos recebe e dá uma verdadeira aula sobre gastronomia em carnes, carnes vermelhas e aves. Apresenta tudo, a gente só não consegue fazer degustação. Ele apresenta as carnes mais caras, tem uma paca que custa R\$1200 o quilo, então faz toda apresentação das carnes. Nas barracas de frutas, a gente tem variado pouco porque as frutas vendem muito e os donos das barracas não gostam muito de perder esse tempo, porque eles ficam cercados, as turmas são grandes, e acaba inibindo a chegada do consumidor. Mas variando um pouco as barracas de frutas temos feito isso. Tem uma barraca de pimentas, que apresenta toda a diversidade de pimentas. Sempre é combinado com as barracas e com a administração do mercado e, aí depois finalizado, normalmente, os alunos querem comer pastel de bacalhau ou sanduiche de

mortadela, e aí fica livre. Quem quiser ir embora, pode ir. Quem quiser ficar mais um pouco, pode ficar também.

Como você avalia essas visitas depois?

A visita de paisagem a gente consome mais uma aula, eu não entendo que estamos perdendo tempo, entendo que estamos ganhando, o que eu peço para os alunos que, para paisagem, eles façam um retrato da paisagem que mais chamou a atenção deles, não precisa ser uma só. Depois desta paisagem, que eles destaquem atributos e destaquem retraturas. Eles apresentam uma imagem, depois aquilo que valorizou a paisagem e aquilo que desvalorizou a paisagem em destaque, e explicam por que aquilo valorizou ou desvalorizou para eles. Fazemos em uma rodada, eles trazem em power point, e cada um deles, alguns semestres em turmas maiores em duplas ou trios, eles apresentam e a gente pode discutir. Às vezes, o que valoriza para alguns desvaloriza para outros. Então, um banco meio quebradinho de madeira para algum aluno pode ‘ah, mas eu acho que tem um lado histórico que me atrai. Não acho que desvaloriza’. Outros ‘ah, isso tá quebrado’. Temos a oportunidade de discutir um pouco o que valoriza e desvaloriza. A capacidade de carga fazemos as medições, os cálculos, vai ser o exercício completo. A avaliação é pelo exercício. A diversidade, a gente fazia assim, gostaria que fosse assim sempre, mas não tem sido feito. A ideia seria que o aluno trouxesse os elementos, e gente fizessem uma degustação, discutisse sabores, mas a pedida era que sempre fosse frutas nativas e, por conta de dificuldade de encontrarem frutas nativas, a gente não tem feito com essa degustação. Temos feito mais um debate mesmo em círculo e os alunos comparam. ‘Achei superinteressante um peixe congelado que veio da Amazônia’. Enfim...

Paranapiacaba e o Parque da Ilha Anchieta a gente faz na prática com o Sistema Nacional de Unidade e Conservação. Peço para eles um relatório mais formal com três imagens, passo para eles o roteiro do relatório e a nota é dada pelo relatório numa avaliação mais formal e concreta.

Qual é o papel do aluno nessas práticas realizadas?

Ele é fundamental também. Percebi que tem turmas que gostam muito de Meio Ambiente, tem turmas que já não gostam muito. Para a turma que gosta muito, a trilha moderada em Paranapiacaba é uma maravilha, ele adora, está se divertindo junto. Para a turma que não gosta, o aluno escorrega, reclama. Teve um aluno que aflição de aranhas, aí ele entrou na trilha e já começou a ficar nervoso. Tive que caminhar ao lado dele, tentar manter ele calmo, acho que era o começo de uma fobia. Ele estava com muito medo, assustado, não queria encostar em nada, então o aluno que não pensa em áreas naturais como algo que possa ser profissão, a visita técnica acaba não sendo tão proveitosa. Esses outros elementos, o medo de escorregar, medo de cair, a aflição de se sujar com barro, que fatalmente irá acontecer, em alguns semestres medo

de mosquito *Aedes Aegypti* – que é um medo importante. A gente fala ‘vá com protetor solar’. Sempre tem uma instrução prévia de uso do protetor solar, repelente, roupas adequadas, chapéu, levar água, isso já é feito antes. Mas para alunos que não tem essa interface ambiental na vida deles, na carreira também não haverá. A visita técnica é menos frutífera, menos produtiva, porque a gente acaba tendo esses outros elementos que dispersam a atenção. Quando a gente tem turmas que gostam bastante, aí a visita técnica é maravilhosa. O debate já começa no local. Para todo aluno é fundamental, se ele estiver vestindo a camiseta da disciplina e gostar da área, a visita vai render muito mais resultados do que se ele estiver fazendo como uma atividade só para passar para ter o diploma, digamos assim.

Como o aluno é avaliado por essas práticas? O que você avalia no aluno?

Individualmente, se ele conseguiu atingir o objetivo. Ele é capaz de fazer o cálculo de capacidade de carga física, real e efetiva? Ele consegue fazer este cálculo, se ele tiver que fazer na carreira? Ou ele identifica corretamente elementos que possam valorizar ou desvalorizar uma paisagem? A teoria é super bacana, mas por que a gente estuda paisagem? É para você, como gestão de turismo, quando, idealmente, e eu acredito que isso vá acontecer no futuro, as prefeituras comecem a contratar os gestores para que eles façam a gestão do turismo municipal, você seja capaz de aprovar um folder. ‘Olha, essa paisagem está perfeita para mostrar o lugar’. E que isso não seja ‘ah, eu escolhi o ângulo certo (é tudo horrível), mas escolhi o ângulo certo, na luz certa e fiz uma fotografia bonita. Não, porque isso em um primeiro momento atrai o turista e na sequência vai repelir, porque ele é o maior porta-voz do seu destino. Ele vai chegar e falar ‘olha, era horrível, a imagem foi tirada do ângulo X, de helicóptero, mas quando você chega lá’...

Ele é capaz de aprovar esse folder quando ele for gestor de uma secretaria de turismo? Corretamente? O aluno identifica detratores e atributos de forma correta? Eu explico para eles, detrator e atributo é aquela curva normal da estatística. Uma grande maior parte da população está concentrada no meio da curva, o que atrai a um, atrai a todos. O que repele um, repele a todos. E você vai ter os extremos, que são as pessoas que se sentem atraídas por algo que a maior parte da população repele ou as pessoas são repelidas por algo que a maior parte da população atrai. Ele consegue identificar esses elementos?

Quando a gente trata de biodiversidade. O meio ambiente é vendido como ideologia. Não é um problema ser uma ideologia, mas é que meio ambiente tem um aspecto técnico, que profissionalmente é o que a gente usa. Profissionalmente a gente não usa ideologia. O aluno consegue entender que biodiversidade é diversidade biológica de elementos que podem ser usados no gustativo, olfativo, tátil, naqueles aquários que você pode colocar a mão? Ele enxerga

isso? Ou continua com um discurso uniforme proteção da biodiversidade, proteção da natureza, proteção do meio ambiente, que eles juntam em um pacote que ele não sabe para quê serve.

Eu tenho objetivos específicos para cada uma das visitas e a avaliação é: ele atingiu este objetivo. Além das avaliações que a gente faz das visitas técnicas, eu faço duas provas tradicionais. Os alunos falam: ‘é Fuvest?’. Eu falo: ‘é Fuvest’, porque a maior parte dessas atividades são feitas em conjunto e eu preciso saber se, individualmente, aquela pessoa entendeu ou se no grupo ele foi levado a chegar naquela resposta. Então, fazemos duas provas, P1 e P2, com 10 questões dissertativas de testes ainda por cima. É o clássico do clássico, mas eu acho que o conjunto de todos esses elementos me ajudam a avaliar corretamente o aluno, individualmente e a dinâmica dele no grupo.

Qual a relação dessas práticas com as competências formativas do curso de gestão de turismo?

Todas elas. Temos uma lista enorme de competências e grande parte delas se resvala na questão de sustentabilidade, na questão de gerir um turismo de baixo impacto, na questão de fazer um correto planejamento do turismo no longo prazo. Essas atividades são elementos para compor essas competências. Eu quero que meu aluno saia daqui capaz de fazer o planejamento de turismo que envolve a comunidade, que é lento, que é no longo prazo. Esses elementos vêm com cor, não é só a minha disciplina, vai ser o conjunto das disciplinas. Toda legislação hoje, a mais moderna, trata de meio ambiente e turismo aliados. Como um objetivo do Sistema Nacional de Unidade e Conservação, eu tenho lá que é um objetivo do snuc que eu tenha uma atividade turística, que respeite a diversidade biológica, a diversidade cultural, as características da população local, das comunidades tradicionais. Esses elementos, dentro das disciplinas, da minha em específico, serve para compor junto com as outras disciplinas essas competências que são amplas. Não vão ser atingidas apenas com a disciplina de Meio Ambiente.

O que o aluno aprende nessas práticas?

Os resultados me mostram. O que eu enxergo dos resultados... Eu tenho alunos que chegam ao final do curso, lamentavelmente, não sei se foi uma falha da minha comunicação, são 10% ou menos, não me preocupo tanto, se fosse muita gente eu ia ficar apavorada, mas assim, tive a experiência de ter uma aluna, que a gente fez um semestre o Sistema Nacional de Unidade de Conservação como seminário. Então, dividi uma unidade de conservação para cada aluno, era uma turma pequena, e eles tinham de escolher uma unidade de conservação em qualquer lugar do Brasil e apresentar esta unidade. Eu separo as duas que não tem permissão de uso para o turismo e as outras 10 eles podem escolher. Aí uma aluna que escolheu reserva extrativista falou em extração de ouro, que eu fiquei com ‘urticaria’. Eu falei: ‘gente, eu tô a um semestre aqui e

a gente pensa que está discutindo muito e não chega a lugar nenhum’. Como o objetivo não é reprovar, eu retomei com essa aluna, sentei separado com ela, expliquei de que a reserva extrativista é a castanha-do-pará, é látex para a borracha, não é extração mineral, que é muito devastador, e de altíssimo impacto ambiental, e exige a EIA RIMA para ser feito.

Permite que ela reapresentasse o seminário. Eu fiz essa reapresentação do seminário para que na turma não consolidasse a informação equivocada, mas para que ela não se sentisse, na hora da apresentação, reprimida. Ou pensasse: ‘não, não está errado’. E eu disse: ‘olha, tem alguns pontos que precisam ser melhor trabalhados, vou conversar com você’, e ela reapresentou o seminário para todos da turma. Eu acredito que para a turma tenha ficado ok, eu ainda retomei no final do seminário para todos entenderem e para ela também. Depois falei ‘olha, não vou te dar um 10, mesmo que esse próximo seminário fique perfeito’, mas ela foi aprovada com nota 6 naquele seminário.

Eventualmente vai ter alunos que ao final de um semestre, com todas as visitas técnicas, eu não sei por qual caminho, ele acabou não chegando lá. Classicamente a gente reprova esse aluno, mas eu entendo que nessa disciplina meu objetivo maior é que ele suba degraus de uma escada, então, se eu puder ajudá-lo a subir os degraus da escada, e eu perceber que ele chegou nesse patamar mínimo, não tem porque eu reprová-lo.

No grosso modo, a grande maioria dos alunos saem daqui um pouco surpresos. Uma das surpresas que eles têm é que turismo não uma atividade predatória. O turismo é bem-vindo em todos os setores de meio ambiente. É só dentro do turismo que eu vejo pessoas falando que o turismo vai acabar com o planeta. Todo mundo entende polo petroquímico ou turismo? Turismo. Ferrovias ou turismo? Turismo. Não importa o setor econômico que você escolha, o turismo é benéfico. O turismo te permite fazer educação ambiental não formal. Ninguém quer dar uma aula de educação ambiental para o turista, mas ele vai lá e vê a baleia, e quando falam que estão extinguindo a baleia isso passa a ser pessoal para ele. A gente protege o que a gente conhece.

A primeira surpresa é essa: turismo não é do mau. O turismo é do bem. A gente está do lado do certo. A segunda coisa são coisas mais práticas: o turismo não só causa impacto ambiental. Ele causa, por isso temos de planejar corretamente, mas não é apenas isso. Ele também sofre com impactos ambientais de outros setores de atividades econômica, que depredam o patrimônio – que é o que o Ecoturismo usa. O controle do impacto ambiental é também importante para que a gente consiga ter, dentro do conceito de sustentabilidade, para as próximas gerações, esse patrimônio. Isso eu percebo que, grosso modo, esmagadora maioria dos alunos entende e compreende.

A gestão de populações tradicionais, dentro de um turismo étnico, também acho que sai bastante bem discutido e o aluno sai preparado. Não tenho dúvida de que o aluno que cursou a disciplina saiba administrar uma população tradicional e turismo étnico.

Tem a capacidade de carga, que eu falo 'gente, isso é o básico'. Tudo na nossa disciplina poderia ser resumido a isso. Ou a gente podia fazer uma disciplina só para capacidade de carga. Ela é o nosso maior instrumento. Tem críticas? Tem críticas. É um número? É um número. É um número para adolescentes e idosos? Sim, mas podemos melhorar. Como a gente melhora? Precisamos fazer TCC's, tem que fazer mestrados, doutorados, aprimorando o que foi proposto pelo cifuentes. Mas entendo que ele saia com um instrumental básico para fazer o planejamento de turismo que respeite o meio ambiente.

Meu celular tocou mais uma vez. Vou retomar agora com a professora 4, estamos na última pergunta do apêndice A do meu projeto de pesquisa, que é o que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje.

Eu vou falar do ideal. O ideal é que nós tivéssemos a possibilidade financeira e de tempo de fazer visitas mais longas. Seria muito adequado que um aluno, que é formado em gestão de turismo no Brasil, conhecesse o Pantanal. Isso pode acontecer ou não, porque fica a critério do aluno. Dentro do curso, se nós tivéssemos a possibilidade de levar o aluno para o Pantanal, pelo menos uma vez, eu acho que agregaria muito ao curso e, no patamar do ideal, para ao aluno. Outro elemento que eu acho muito importante é que ele conhecesse a Floresta Amazônica, ao vivo, todas as imagens, todos os vídeos, se eu trouxer as folhinhas para eles sentirem o perfume, ainda assim, não tem o mesmo impacto de ir até lá. Eu acho que o que poderia melhorar é se nós pudéssemos ter visitas mais distantes e mais longas. O que eu vou falar, também dentro do ideal, é tempo e ser possível fazer, se eu tivesse um pouquinho mais de tempo nas aulas teóricas, talvez, a gente conseguisse fazer mais. O nosso tempo é relativamente curto para acomodar as aulas externas, as viagens técnicas e o conceitual teórico. Fazer aula externa sem conceituar o teórico não serve para quase nada. O aluno tem que ter previamente conhecimento e informação do que ele está olhando lá, senão ele vai olhar o que olharia como leigo. Se tivesse um pouco mais de tempo, entendo que não é possível porque estou no MDE e vejo que todo mundo precisa de mais tempo. E o nosso curso não pode exceder para 2880 horas. Temos um limite físico, mas se eu tivesse um pouco mais de tempo eu poderia acomodar melhor todos esses elementos que eu tento trazer para dentro da sala.

Acho que tirando essas coisas do patamar do ideal, o que é possível fazer com a realidade do que temos, está sendo feito. Não tem nada que a Fatec pudesse melhorar ou que o laboratório de turismo pudesse melhorar. Estamos trabalhando consoante, todo mundo fazendo sua parte,

não é fácil, mas em cada esfera, dentro do departamento com a Maria do Carmo, com o laboratório agora com a Maria Ângela e a Lorraine, eu dentro da sala de aula, acho que a gente tem conseguido, dentro da realidade que temos, fazer o melhor. Não é algo que a gente poderia melhorar internamente, institucionalmente. As possíveis melhorias para essas visitas seriam essas externas, que a gente pudesse ter um curso tecnológico, talvez excedesse as 2.880 horas, mas sabemos que isso não é possível, que a gente pudesse estender essas visitas para distâncias maiores. A gente fala em uma especialização em meio ambiente para o turismo, mas aí eu vou fazer questão que a gente tenha a Amazônia e Vale Nevado, no deserto do Atacama. São duas visitas que numa especialização se a gente não fizer, a gente não está formando direito. A suposição de que ele vai por conta própria, mas ele vai sem instrumental teórico, sem saber o que ele tem que observar, sem o contato com os administradores. Então, a visita técnica tem peculiaridades que uma visita turística não traz. Mas aí estamos seguindo o patamar do ideal.

Você tem registros dessas atividades, fotos, roteiros, planos de visitas, avaliação.

Eu não tenho muito fotos, porque não sou organizada. As fotos aparecem e a gente põe no facebook, e eu não sei se vou achar. Mas se você me passar um e-mail me lembrando, porque eu estou super atolada de coisas, eu tenho os planos das visitas, os roteiros que estabeleci com os alunos, os fatores de avaliação. Posso te passar.

Entrevistado 5:

Boa tarde. Hoje é dia 23 de novembro de 2018. Eu estou aqui, Douglas Alexandre Dias, pesquisador do Programa de Mestrado do Programa de pós-graduação do Centro Paula Souza, entrevistando a **entrevistada 5**, que é auxiliar docente aqui na Fatec São Paulo. Vou iniciar o roteiro de perguntas, que consta do meu projeto de pesquisa, apêndice A, e com base nas respostas dela, eu vou depois tratar essas informações. Eu também produzi nessa fase pós-qualificação o apêndice B, que é uma qualificação dos entrevistados, então também vou aplicar esse formulário para conhecer um pouco do perfil dela de formação, graduação, pós-graduação e também como atuação aqui na instituição, que é o meu objeto de pesquisa.

Qual é o seu cargo?

Eu sou auxiliar docente 1-C.

O curso que você atua é o de...

Gestão de Turismo.

Qual é a sua graduação, sua área de formação na graduação?

Sou Bacharel em Turismo

Você tem pós-graduação?

Fiz uma especialização em História: Educação, Relações Sociais e Cultura.

Fez mestrado ou doutorado?

Não.

Tem algum outro curso de formação relacionado à docência, à pedagogia?

Eu faço as capacitações do centro (Paula Souza) da área e fiz técnico em nível médio em agenciamento de viagens. Sou guia nacional e América da Sul e regional. E tenho o de Administração também, em nível técnico. Agora, os de maior extensão não fiz mais nenhum.

Quanto tempo você está na Fatec?

São seis anos e 11 meses.

Me fala um pouco da rotina do trabalho como auxiliar docente aqui no curso.

Eu fiz meu concurso para auxiliar docente, específico para o laboratório de turismo. Então minhas atribuições, conforme o edital do concurso, são para desenvolver atividades aqui no laboratório, desde auxiliar na organização das visitas, viagens técnicas, dos eventos que o curso participa ou produz, contato com empresas para parcerias de estágio, organização e arquivamento de documentos relacionados às visitas e atividades. Faço o calendário das atividades do curso e disparo para os professores. Em um primeiro momento, a gente também fazia as reuniões de planejamento do curso no laboratório, junto com os professores do curso, para ter um início de planejamento, não necessariamente que saia tudo como planejado, mas pelo menos para que todo mundo tivesse uma visão maior do tur.

Eu fico também responsável pela aplicação da prova interdisciplinar (execução, montagem e aplicação), realizada com o segundo semestre, em alguns semestres com o quinto, por causa do ENADE; auxílio na reserva de salas e de espaços para essas atividades, como apresentação do interdisciplinar, do trabalho do primeiro semestre. Eu que disparo as notas dos trabalhos interdisciplinares que os professores âncoras me passam. Recebo esses trabalhos, arquivo aqui no laboratório também os trabalhos de estágio dos alunos, que eles entregam aos orientadores depois de corrigidos. Eu confiro a validação das horas das atividades, das horas complementares que vem anexa, também sou eu que valido as horas complementares dos alunos, que eles têm que cumprir no curso – que são 150 horas. Gerencio o e-mail do laboratório, do grupo no facebook e, se tiver alguns eventos específicos a gente faz. Outros tipos de redes sociais de outros contatos eu que entro em contato com as empresas para montar futuras visitas também. Acho que falei tudo. Tem uma lista enorme de atribuições aqui do laboratório, que de certa

forma eu gerencio. Isso tudo com a supervisão do professor que é responsável pelo laboratório, que nesse momento é a professora Maria Ângela.

Eu também acompanho nas visitas, nos projetos de extensão, como o de Louveira, por exemplo. A gente teve também o do Dinner, teve o de Invitur de Santo André. Eu sempre acompanho os alunos e também gerencio toda a documentação, contatos. Enfim, mais ou menos resumido, é isso.

Você tem esse Edital do laboratório de turismo e tem atribuições dele e do auxiliar docente?

Na verdade, tem a atribuição que eu vou fazer, mas de uma forma resumida. Mas eu tenho um documento, que posso te mandar também, que são todas as atribuições do laboratório/responsável.

Está bom. Eu vou querer uma cópia, por favor.

Você consegue identificar as principais disciplinas que hoje no curso realizam as visitas técnicas, seja as viagens técnicas, as imersões?

As principais são admissões do turismo. Essa, no caso, ela faz a visita normalmente quando é o segundo semestre é o Equipe Hotel e a visita um atrativo, que faz parte da disciplina onde eles se dividem em grupo, e cada grupo vai visitar um atrativo. Eles também realizam imersão quando entram no primeiro semestre do ano, junto com o segundo semestre, e ela faz parte também da visita técnica do city tour, onde os alunos do terceiro, da disciplina de IOS (Inventário da Oferta e da Segmentação), levam os alunos do primeiro semestre. Na verdade, todas as disciplinas, de certa forma, estão inclusas, mas as principais são: História da Arte e Dimensões do Turismo, envolvidas no city tour, temos Meios de Hospedagem – que é a que faz imersão, também faz Equipe Hotel, a ABAVE, eles fazem uma visita a um hotel, do mesmo jeito que o primeiro faz em atrativos, eles fazem em hotéis. Então se dividem em grupos e cada grupo vai em um hotel. Temos o IOS que faz o city tour, eles organizam, e uma visita técnica, que neste caso vai ser o PETAR - Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, que é uma viagem com pernoite para eles conhecerem o município que trabalha a questão do turismo e também toda a questão do meio de hospedagem, o transporte. A gente faz toda uma, meio que parece uma visita de guia, mas não atuam como guia, mas eles têm toda essa nuance. A disciplina de Agenciamento de Viagens antes fazia visitas para agência visual, mas, agora, como mudou o dono parece não ter mais a visita. O pessoal veio fazer palestra. Eles fazem também a visita ao aeroporto, mas depois que mudou a gerência do aeroporto, porque foi privatizado, eles deram uma parada nas visitas. A gente entra sempre em contato, mas, por enquanto, ainda não voltou.

A disciplina de planejamento, por exemplo, ela faz parte com a de IOS das visitas de pernoite, também é responsável pelo projeto de Louveira, que de certa forma também é uma visita técnica porque a Prefeitura dá hospedagem, alimentação e transporte, e os alunos em contrapartida entrevistam as pessoas que participam da festa da uva e depois fazemos toda tabulação.

As disciplinas de patrimônio também fazem uma visita, assim como mais ou menos as de Meios de Hospedagem vão visitar um patrimônio cultural para fazer um seminário. Da professora de Relações Públicas, eles visitam os bairros ao qual eles fazem o projeto chamado 'Olhar São Paulo', para evidenciar a história e os atrativos dos bairros estudados.

A professora Fernanda que leciona a disciplina de aspectos ambientais faz visitas. Ela faz um rodízio. Antes tinha o Parque da Luz, o Pátio do Collegio ou descida da Serra do Mar, ou às vezes indo em Anchieta. Mas ela faz essa, principalmente, pela questão de fauna e flora.

Estou tentando lembrar o calendário de cabeça...

Eu acho que é isso. É que algumas visitas são fixas, todos os semestres elas ocorrem. Outras dependem de como o professor consegue organizar a disciplina, que elas serão realizadas. As principais são mesmo as de Dimensão do Turismo, Meios de Hospedagem, as de patrimônio cultural, as de aspecto ambiental e a gestão de eventos da Sala São Paulo, que ela vem sendo mantida todo semestre. Você vai colocar as aulas práticas também?

Não, porque não é o meu objeto de estudo. São só as visitas técnicas.

E as do projeto 'Mulher São Paulo' que eles vão nos bairros, essas são normalmente todo semestre..

Essas práticas são importantes?

Do meu ponto de vista, com certeza.

Por que?

Eu como Bacharel em Turismo, vejo e aprendi muito com as saídas externas, visitas e viagens técnicas, porque assim você tem aquela bagagem teórica que aprende em sala de aula, mas quando você sai e vê fora como de fato elas acontecem, muitas vezes, você vai ver que tem várias nuances que vão fazer com que em cada lugar ocorram de uma maneira diferente. Como quando, por exemplo, a gente faz a imersão com os alunos no hotel. Ele pode ver que normalmente naquele hotel acontece daquela forma, mas, por exemplo, se eles forem trabalhar em um hotel de lazer - porque a gente visita um hotel aqui em São Paulo com perfil mais de negócios, vai ter uma dinâmica diferente e sempre vi isso quando eu ia, eu voltava com uma bagagem muito melhor e, de certa forma, acredito que tudo isso contribuiu para o que eu sou hoje aqui.

Que é o **TRYP** Berrini?

Não, o Nações Unidas.

Então, eu trabalho com isso. Eu já valorizava isso quando ainda estava na faculdade, tanto que eu era voluntária no laboratório de turismo que tinha lá também. Eu acho que te dá um olhar mais límpido, digamos assim, ao que é o mercado de trabalho, por exemplo. Às vezes, você entra no curso de turismo com N possibilidades, você tem uma gama de situações e aí quando você faz essas visitas, você pode entender, não só pela disciplina teórica, mas pela prática, se eu me identifico em trabalhar naquele setor, por exemplo. Na época em estava na faculdade fiz visitas em hotéis, fiz imersão e tal...e vi que naquele momento hotelaria não era para mim. A dinâmica da hotelaria, trabalhar de segunda a segunda, essas coisas, eu não me identifiquei. Eu acho que isso também ajuda o aluno, dá para ele uma realidade maior do que é a área em que ele vai atuar quando terminar. E ajuda nos estágios, tenho relatos de alunos que vem, depois que eles conseguem entrar, porque a gente por conta do horário aqui, nossa maior inserção de alunos no mercado de trabalho é na hotelaria, que cursei a tarde. Então, eles vêm falar muito, a maioria que participa hoje das visitas do Hotel ou principalmente da imersão, eles falam ‘Nossa, nem imaginava, mas agora que eu comecei a estagiar, a imersão me ajudou. Eu entrei já sabendo bastante coisa, como é mais ou menos a rotina, como funciona os setores que estão dentro do hotel’. O que a gente percebe é que os alunos que não fazem as visitas têm uma certa dificuldade de virem relatar. Então, meu ponto de vista é esse: as atividades externas, visitas e viagens técnicas, elas auxiliam para que o aluno consiga ver de fato como se aplica realmente a tudo o que ele está estudando em sala de aula.

A próxima pergunta que eu vou fazer talvez seja repetitiva, mas na hora de trabalhar com o conteúdo da informação, acho que vai ficar mais fácil porque justamente a pergunta que vem na sequência é ‘Quais são as referências de práticas similares que você reconhece na sua formação ou em outros espaços? Você falou um pouco sobre o que fez na graduação, mas eu gostaria que você trouxesse essas referências agora. Exemplo: ‘ah, olha, eu fiz técnico em tecnólogo’...

Quando eu fiz meu Bacharelado, na época, eu poderia ter a formação de guia regional. Parte das visitas técnicas que eu fiz na graduação também era para essa formação, que tinha uma carga horária que eu tinha de cumprir. Uma das visitas principais, que hoje me ajuda demais, foi a que a gente fez com relação à disciplina de Técnicas de Guiamento. Por mais a gente tivesse separado em grupos, durante a aula a gente percebia o procedimento. O contato com transporte, hotel, guia local, o guia que vai acompanhar na viagem, todo esse procedimento na hora das trilhas, porque meu grupo ficou na parte das trilhas, você acompanhar o grupo, um encerrando o outro atento, essas coisas, principalmente hoje, eu uso, monto e acompanho os

alunos nas visitas. Essa é uma delas. Quando eu fiz a imersão também no hotel me ajudou muito a ter um outro olhar, principalmente, mais profissional mesmo. Quando eu comecei a fazer o técnico em agenciamento, que era para tirar o a credencial de guia nacional e América do Sul, a gente faz uma viagem intermodal. A gente vai de aéreo e volta de rodoviário, para também ter esse olhar, e foi a minha segunda viagem de avião, eu não tinha quase experiência. Então, eu acredito que todas essas atividades foram me enriquecendo para que eu possa fazer hoje aqui no laboratório. Me auxilia a ter uma bagagem, digamos assim, até de contatos também que eu fui pegando ao longo do tempo. Eu sempre gosto muito de participar dos eventos da área. Também acho essas visitas técnicas muito importantes, ter um contato maior com outras empresas, outros setores, porque, às vezes, o aluno fica na mente que é agência de viagens e hotelaria, e só. Às vezes, eles vêm até aqui conversar comigo porque ainda não está no segundo semestre. Eu acredito que, principalmente, as viagens que eu fiz, por conta do guiamento, foram as que contribuíram mais, porque a gente acaba tendo que aplicar na prática mesmo do que estou aprendendo.

Algumas visitas você vai e observa, outras você atua de fato. Eu acho que as duas são enriquecedoras, não tenha dúvida, mas a que eu aplico mais, vai ficar e é a que eu conseguir ter uma visão maior. A visita técnica que eu fui para Socorro, pela Universidade, por pura sorte, digamos assim, quando fui fazer o concurso a parte prática era montar uma visita técnica para Socorro. Fui com base naquilo que eu vi e do que aprendi e vivenciei montando essa visita técnica, porque apesar do que as pessoas mais leigas falam, tudo é uma excursão. Na verdade, eu acabei passando com relação ao outro candidato, exatamente porque eu montei uma visita técnica e a pessoa montou como se fosse uma excursão. A visita técnica tem que atender a questão de que o aluno está aprendendo no curso, pelo menos, a disciplina que estou colocando como matriz, ou algumas disciplinas, ele tem que atender isso nas visitas. Não é necessariamente ir para Socorro e fazer rafting e tal. Não, eu vou para Socorro para ver a questão do turismo acessível, como está sendo implantado, como são as práticas. Eu vou para Socorro para ver a questão, que ela é uma estância hidromineral. São essas coisas que você começa a perceber quando faz a visita. Muitas vezes, se eu te der só em sala de aula não vai entender, até o momento que você faz a viagem.

Acho que essas foram as principais, mas todas elas de alguma forma contribuíram para o que eu faço aqui hoje.

Como é que essas atividades extramuros aqui do curso hoje são planejadas? Como é o processo de planejamento?

Quando eu entrei aqui o curso já existia há alguns anos, algumas coisas já peguei como elas

estavam estruturada, então eu só auxílio, gerencio e divulgo, por exemplo, que são as visitas do city tour que já existia. Hoje eu só auxílio os alunos ‘quer um contato de guia? Uma conta de seguro viagem?’, mas algumas, por exemplo, quando eu entrei foi solicitada a criá-las. Uma delas foi a de Santos, em 2012, e o procedimento é: o professor vem até mim e fala: ‘olha, eu queria fazer uma viagem, visita técnica, para tal local’. Eu já tenho o contato ou não o contato e ele me passa. Tem professores que fazem isso sozinhos quando é, por exemplo, uma visita a um hotel ou a sala São Paulo, e o professor já tem o contato, ele faz todo o gerenciamento ou, às vezes, ele precisa de um ofício e eu vou lá e redijo, e a professora chefe do departamento assina ou do laboratório. Ou então, se o professor quer fazer uma viagem como a do PETAR, sei lá, ele quer ir para Arraial do Cabo, por exemplo, falar sobre a questão de viagens em massa. Ele vai chegar pra mim e falar: ‘olha, queria fazer essa e essa visita, eu não tenho nenhum contato. Você pode me auxiliar?’”. A gente aqui do laboratório vai entrar em contato com o transporte, vai entrar em contato com a hospedagem, e aí ir montando. Vou ter que fazer os orçamentos, para ver qual custo/benefício, porque não adianta eu só pegar mais barato e não ver a qualidade. Antigamente, quando a gente tinha o auxílio do ônibus, porque até 2015, se eu não me engano, tínhamos o ônibus custeado pela Fatec, que na verdade vem da verba do departamento que ela ganhava através da pós-graduação, da especialização que tinha aqui. A gente ganhava um ônibus, então eu tinha de fazer três orçamentos no modelo que a FAT pede, com tudo certinho, aí esses três orçamentos iam até a FAT, com base nos três orçamentos e na análise que eles faziam, me retornavam qual a empresa de ônibus que iam fazer.

Eu voltava a ter contato com a empresa de ônibus só para passar a lista de passageiros e combinar horário de saída e entrada, o resto, pagamentos, essas coisas, eram direto com a FAT. A hospedagem eu que entro em contato, fazer romming list, e aí o que acontece, quando a gente consegue, por meio de uma agência, então a agência faz tudo. Como o PETAR, por exemplo, eu contrato uma agência que o dono da agência também é dono da pousada, ele já faz todo pacote. Ele vem no primeiro dia, recebe e fala com os alunos. Aí eu não tenho atividade nenhuma a não ser fazer a intermediação, muitas vezes, entre a agência e os alunos. Quando a gente vê que os valores das agências estão muito altos, a gente faz pelo próprio laboratório.

Vamos atrás de todos os fornecedores, monto uma visita, passamos os valores para os alunos, tenta parcelar o máximo que dá, normalmente, ou é cheque ou em dinheiro, porque não tem maquininha de cartão. Eles fazem esse pagamento e, normalmente, o professor da disciplina que é a base da visita ou o professor que esteja disposto a participar, é o professor responsável. E eu vou para acompanhar e auxiliar o grupo tanto como guia ou auxiliar do laboratório.

Vou voltar na pergunta. Como é que surge, como planeja, como ela nasce? É que você respondeu a próxima pergunta, como elas são realizadas e coordenadas. Quero voltar lá no planejamento. Quero entender como é que nasce para você que não é a professora. O professor chega aqui e fala: ‘ah, eu quero fazer essa’ ou é na reunião? Onde é que isso nasce?

A maioria das visitas nascem, digamos assim, por uma necessidade da disciplina. As de DETUR, a professora vai fazer com que os alunos façam o seminário de atrativos. Então, a necessidade deles é ir aos atrativos. Ela vê, acredito eu, que será muito mais enriquecedor para o aluno se ele for até aquele atrativo, não necessariamente sentar na frente de um computador e fazer simplesmente fazer uma pesquisa online, que a gente sabe que dá para fazer. Ela faz com que eles vão, tiram fotos, entrevistam alguém, se o atrativo for um atrativo que tenha atendimento. Ou então, lógico, eles vão ter que ir até lá, vamos supor que eles escolham um monumento, aí esse atrativo, não tem ninguém lá, mas ele vai tirar foto, vai visualizar, vai fazer todo uma ficha técnica, e depois fazer uma pesquisa histórica desse monumento.

As que nasceram depois que eu entrei aqui, a maioria delas foi num dia em conversa, pós uma reunião. Ou às vezes os professores passam aqui para conversar comigo ou eles falam ‘olha, eu dou aula disso e estava pensando se seria possível uma visita técnica em tal lugar, para eu poder abordar isso?’. Eu claro, vou lá e disponibilizo. Outra questão é que, como eu sou uma amante de visitas técnicas desde a época da faculdade, eu chego e vejo ‘ah, essa disciplina que não tem visita?’, porque eu monto um calendário durante o início do semestre com todas as atividades que os professores me mandam por e-mail do que eles irão realizar.

Eu olho e penso: ‘Puxa, essa disciplina X, vamos chutar, a disciplina de Aspectos Ambientais, ela não vai fazer nenhuma visita relacionada a capacidade de carga?’. Vou conversar com a professora o que ela acha de fazer uma visita para área do cargo. Então, às vezes, é isso. Na verdade, muitas vezes, vendo o professor, acaba vindo muito mais deles, ou às vezes vem do laboratório ou minha. O que acontece também quando a gente consegue realizar essas reuniões de planejamento, a gente tenta ver a interdisciplinaridade. Por exemplo, 'por que eu como professora de Meios de Turismo e você de história da arte não fazemos uma visita conjunta para o museu X". Tem isso também e varia do semestre, do que vai acontecer. Esse semestre, por exemplo, ocorreu eventos que foram realizados pela Braztoa, que não são cotidianos. Daí eu recebi por e-mail e disparei para os professores. Alguns se interessaram e fui lá e falei: 'olha, você quer levar seus alunos? Nessa data eu posso ir, se você não puder'. No fim eu fui. Foram quatro eventos, fomos em dois e eu fui em dois, e outros professores foram com os alunos. Levamos em média duas turmas em cada evento.

Tem algum documento dessa fase que tem que preencher?

Tem. É assim, o professor decidiu que vai realizar, mesmo essas visitas que já acontecem, todo início de semestre quando eu monto o calendário com as visitas e viagens que eles me passam, eu mando de volta o e-mail, respondo o e-mail deles com o e-mail com o calendário e um documento, que é o projeto de visita, viagem técnica ou aula externa. Ele tem que preencher. Aí ele tem o tema, o objetivo, o resumo, justificativa do por que essa visita. Lá vai estar explicando como será a avaliação disso, como é o roteiro, que horas quantas horas, se vai afetar uma disciplina, por exemplo, se o professor vai fazer a visita que ele quer o dia todo, ele tem que entrar em contato com outro professor e combinar. Às vezes, eles trocam aula, tipo outro professor libera a aula, como cada um tem sua visita. 'Então, esse dia vai ser da minha, essa da sua'. É uma troca. Eles preenchem esse documento, vão entregar assinado aqui no laboratório, daí a professora responsável pelo laboratório assina e a chefia do departamento assina. Esse documento fica arquivado uma cópia no departamento e outra aqui, para que todos saibam onde essa turma está, aonde esse professor está, porque algumas vezes já ocorreram situações onde não se sabia se o professor tinha saído para fazer visita e o aluno não era encontrado, os pais apareceram, aquela coisa toda.

Eu não sei te dizer a partir de que ano, quando eu entrei já existia, a gente fez uma atualização e esse documento ainda existe. Todo professor mesmo em atividade prática tem que fazer esse documento e eles entregam e fazemos o arquivamento.

Como são avaliadas essas visitas técnicas. O que você perceber aqui, já que não é você quem avalia?

Com base no que eles mandam nesse projeto, cada disciplina faz uma avaliação diferente. Por exemplo, a de Dimensões do Turismo e Meios de Hospedagem vão fazer um Seminário, as de Patrimônio também, as de Aspectos Ambientais eles fazem relatório, o city tour eles têm depois um encontro, tanto o terceiro vai discutir o que deu certo e o que não deu, e vão melhorar e tal na aula, o primeiro semestre também dá um retorno, um feedback do que foi para eles, de como foi. O que interessante é que a gente faz o city tour no centro histórico. Teve uma vez que fizemos no Complexo da UNA, mas acabou ficando complicado e acabamos ficando só lá. E a gente percebe que alunos, mesmo morando na cidade, eles percebem que podiam estar passando todos os dias e não percebiam as coisas que eles tinham. Isso é legal. Você consegue trazer para o aluno um olhar diferente para a São Paulo que ele mora. E assim, o que a gente também percebe é no aluno, muitas vezes eles vêm aqui e falam para mim que gostou, ou então a gente faz eventos e acaba tendo algumas contribuições. Eu acho que a avaliação além da disciplina, acho que ela vem na postura do aluno. Ele muda. É a percepção que eu tenho, que ele amadurece

mais a cada vez que ele faz uma atividade extramuro.

Na sua visão, qual a relação dessas práticas com as competências formativas do curso?

Eu acho que vai ficar repetitiva, mas eu acredito que são de extrema importância. A partir do momento que eu quero que meu aluno saiba, por exemplo, fazer um levantamento sobre o atrativo, se ele é histórico, cultural, natural, coisas assim, eu tenho que levar ele para ver ali. Não só, necessariamente, projetar, mas se eu levo ele para fazer uma trilha para ele identificar um atrativo natural, se eu levo ele para ir a um museu, então eu tenho a percepção que é assim...cada visita técnica ele tem o objetivo de enaltecer essas competências, principalmente, aquelas que são diretamente ligadas, do meu ponto de vista, com hospitalidade, atendimento e serviço. Hoje, no histórico da nossa área do turismo em si, o que a gente percebe no Brasil é que a gente até tem bastante gente formada na área e tal, mas, o que ainda falta é a questão do atendimento, da hospitalidade, como é que eu me relaciono com o meu cliente, como eu atendo. Eu acho que quando você coloca o aluno fora da sala de aula, ele tem um contato diferenciado com as pessoas. Por exemplo, quando ele sai sozinho ele não se vê ali como um futuro turismólogo ou futuro hoteleiro. Quando ele sai com a faculdade, ali ele se vê futuro profissional. Ele vai ter uma postura diferenciada. É a mesma coisa que a gente diz quando o aluno questiona 'ah, eu vou numa excursão que compro no facebook para o mesmo destino'. É diferente. O olhar ali seu é de turista. Quando você está com a sua instituição, seu curso, seu olhar é de um futuro profissional. Acaba que todas as competências relacionadas às disciplinas, de alguma forma, a visita técnica vai atender. Mas umas, claro, mais que as outras. Eu acredito que essa do contato com a hospitalidade é uma das principais do meu ponto de vista.

A próxima pergunta por ser meio repetitiva, mas eu vou fazer para seguir o meu formulário. O que eles aprendem? O que o aluno aprende nessas práticas?

Com base no que eu vejo e acompanho na maioria das visitas, principalmente as viagens que são aquelas que eles têm uma imersão maior, eu vejo que ele aprende como de fato vai ser quando ele sair daqui ou quando ele começar a fazer um estágio. Ele aprende a atuar de fato como profissional ou então tem aluno que vem falar para mim 'nossa, eu fiz uma entrevista num hotel e agora vou começar na recepção e muita coisa que eu aprendi na visita da imersão, eu estou usando agora porque estou na recepção, mas estou em contato com todos os outros setores. Eu tenho que pedir para a manutenção isso, tenho que pedir para a governança aquilo. Então, eu acredito que assim, tudo aquilo que é abordado na visita, por exemplo, seja como ele deve organizar a questão do transporte, a logística, o romming list dos quartos ou a parte do mise en place, alimentação e tudo mais, alimentos e bebidas, vai ficar para ele guardado ali que a hora que ele precisar para atuar, ele vai conseguir. Eu percebo assim, conforme eles vão

evoluindo no curso, nos semestres, essa bagagem vai aumentando. Um aluno que foi na imersão já no primeiro semestre, quando ele chega nas aulas de meios de hospedagem, ele já chega com um olhar mais profissional ainda naquela aula. Ele ouve a professora falar e remete àquilo que viu na visita. Ele tem de certa forma um conteúdo antecipado daquilo e ele consegue ser mais participativo.

Esse é o ponto de vista que eu tenho. O fato deles participarem da visita os prepara, digamos assim, traz para ele (o aluno), o conhecimento para conseguir ter um olhar ainda mais aguçado nas outras disciplinas. Então, o aluno quando faz o city tour com o primeiro semestre, ele já sabe que lá no terceiro ele vai montar, então quando ele termina o dele, às vezes, eles vêm aqui na minha sala e falam 'olha, isso aqui eu faria diferente'. E eu falo: 'Olha, já vai anotando porque quando você chega no terceiro você vai fazer isso'. As alunas que hoje são monitoras das disciplinas de meios de turismo e meios de hospedagem, às vezes, me auxiliam aqui no laboratório quando estou com muita coisa para fazer, elas mesmas estavam me contando 'Olha, nosso city tour nós vamos desse e desse jeito, porque quando a gente era primeiro semestre aconteceu isso, isso e isso...' Isso é muito legal. É uma coisa até que quando eu fui professora do técnico, eu dei aula de técnica de guiamento, eu falava para os alunos, a gente foi em uma viagem técnica para Paraty, e o guia local foi horrível. E a visita era exatamente por conta de eles verem um guia atuando. Quando eu cheguei em sala de aula o que que eu fiz? Falei: 'olha, agora, a gente vai sentar e discutir o que vocês acharam da prática daquele guia'. Então, eu peguei aquele problema, porque eu queria um guia bom para que eles vissem, vi tudo que o cara fez de errado e quis enaltecer para eles verem 'olha, o que você não deve fazer. Como você deve trabalhar com essa e essa situação'...

Eu acho que de certa forma é isso que acontece. Conforme eles vão indo nas visitas e vão amadurecendo e adquirindo a capacidade de ter um olhar mais aguçado para outras práticas que eles irão fazer ao longo do curso, além do que ganhar toda a parte boa do que foi legal, o que gostaria de repetir. Eu vejo muitos alunos que, após fazer a visita, começa a ter muito mais engajamento de solicitar visitas ou então querer conhecer outros hotéis, ou até mesmo se hospedar em hotéis, porque muitas vezes a pessoa acaba indo para pousada porque acha que não tem condições. Às vezes, a diferença nem é tão grande, principalmente, dependendo o nível da estrutura de estrelas. Eles começam a ter um outro olhar. Deixam de ser aquele aluno, quando vai viajar como turista, e passa a ter um olhar mais profissional, de crítico. Eu acho que esse é o grande, do meu ponto de vista, aprendizado que eles têm.

O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua?

Do meu ponto de vista deveria ter mais participação, porque algumas disciplinas têm potencial, digamos assim, a disciplina necessita e nesse momento ainda não há uma atividade prática, seja porque o professor naquele momento acredita não ser necessário ou não se encaixa no plano da disciplina.

Eu acredito que assim... uma seriedade maior, porque, por exemplo, um projeto que estamos discutindo, muitas vezes, tem professor que esquece de entregar ou entregam com atraso. Não digo que isso afeta, de fato, na visita em si, mas é algo que acaba, por exemplo, às vezes, vem a chefia e me pergunta 'onde está tal professor?'. Eu sei pelo calendário que ele está, mas ela me cobra o documento. Mas, principalmente, pelo olhar dos professores que estão lecionando o curso de entender a importância disso, o quanto necessário é para o aluno, para o enriquecimento profissional mesmo do aluno. Ele poder ver aquilo que ele está vendo em sala de aula a prática daquilo que ele está aprendendo. Comigo pelo menos foi assim fixava mais, entende? Às vezes, você vê em sala de aula e não consegue projetar na sua mente como seria isso na realidade. Quando você sai da sala de aula e vai para a visita, você assimila. Você fala: 'Não, agora eu entendi'.

Eu acho que deveria ter mais, até porque é tecnólogo e entendo que um tecnólogo a intenção é que o cara tenha em curto período de tempo seja transformado em um profissional que saia direto para o mercado de trabalho e possa atuar sem, digamos assim, ficar perdido aonde ele estiver. Diferente do Bacharelado onde se tem mais o foco em estudo, pesquisa, não é bem assim que funciona, mas enfim. Eu acredito que toda disciplina deveria ter pelo menos uma visita, que não é o que acontece hoje. É claro que você vai me dizer: 'ah, de contabilidade?' Não, contabilidade é diferente, mas você tem uma disciplina de marketing, pô, vamos visitar alguma agência de divulgação e tal, como faz? Ou então, vamos em uma prefeitura, numa secretaria de turismo de outra cidade, conhecer o trabalho deles com relação à marketing? Ou então em eventos mesmo. Eu acho que essas atividades vão trazer para o aluno um olhar melhor. Tudo bem que ele vai entender que 'ah, o Marketing, como é que vou vender o roteiro, o destino, enfim o que seja'. Mas se ele vai lá e vê o que o cara está fazendo ou o cara explica 'olha, nesse evento a gente foi atrás disso, pensou o que o cara queria ver'...

Eu acho assim que se tivessem mais visitas ainda, isso também estimula mais o aluno, porque a gente tem como, eu acho, em qualquer outro curso ou universidade, que é o momento em que eles entram em um gás, aí chega mais ou menos até o terceiro semestre aquele gás, e aí quando vai faltando, da metade para o final, vão ficando meio cansados, desanimando, eu acho que essas atividades também dá uma outra energia. Você sair de sala de aula e fazer uma atividade extramuro faz com que o aluno tenha uma energizada, digamos assim. Vou falar outras

disciplinas...Psicologia, por exemplo, ou Sociologia, vamos fazer uma aula no Parque X, e observar a gente está aqui ao lado do Parque da Luz, vamos observar as pessoas que utilizam desse espaço que é um atrativo.

Então, vamos entender a parte mesmo social de como essas pessoas auxiliam ou dificultam na visitação, por exemplo, de turistas nesses atrativos. Essas coisas são atividades fáceis, você está aqui do lado, tem a praça aqui em frente. Tentar trazer o aluno mais para o mundo real, digamos assim, para mim num curso de tecnólogo é essencial. Eu acho que é isso. Lógico que eu nunca vou te dizer que é suficiente, vou sempre achar que quanto mais, melhor, mas também entendo que, às vezes, não adianta só fazer a parte prática, lógico que a teoria é muito importante, tão importante quanto, até porque o a hora que o cara sai para a prática sem teoria nenhuma não vai adiantar nada. Eu acho que é isso, é bom, mas a gente sempre pode melhorar, tudo tem a possibilidade de melhorar.

Legal. Acabou. Eram essas perguntas. Vou pedir para você, se puder me fornecer, alguns registros dessas visitas, atividades, fotos, roteiros, planos de visita ou um projeto de algumas disciplinas, para que eu possa de certa forma analisar isso e saber se vou utilizar ou não a informação.

Entrevistado 6:

Bom dia. Sou eu aqui, o Douglas, estou na Fatec Ipiranga com o professor 6. Vou iniciar a aplicação do meu questionário de pesquisa, que é apêndice A do meu projeto de mestrado. Vou executar o roteiro de perguntas.

Quais as práticas extramuros que você realiza na sua disciplina ou em suas disciplinas no curso de eventos?

Para cada uma dessas disciplinas eu programo, pelo menos, uma vez por semestre, uma imersão dos alunos no mercado profissional, no mercado de verdade. Para a disciplina de introdução a eventos, a gente planeja sempre levar os alunos em um ambiente onde eles possam observar a hospitalidade, o aproveitamento do espaço para eventos. Com a disciplina de cerimonial, quase sempre a gente vai a algum tipo de evento acontecendo para que eles possam fazer o levantamento dos aspectos do cerimonial; e para ambientação do espaço físico, a partir desse semestre, eu tenho procurado levá-los a um espaço onde está sendo preparado a forma de ambientação. Pelo menos essas são as três atividades extramuros que eu realizo para que possa trazer subsídios, para a partir daí justificar os conteúdos aplicados em sala de aula.

Essas práticas são importantes? Por quê?

São muito importantes, sem dúvida nenhuma. O ideal inclusive é que a gente tivesse um pouco ou mais oportunidade de colocar o aluno diante da prática que acontece no mercado. Você encontra coerência com toda teoria que você desenvolve em sala de aula e a sua aplicação na prática. Então, é extremamente importante você oferecer aos alunos esse tipo de experiência, vivência. Até para que você possa estabelecer links com aquilo que trabalha em sala de aula.

Quais referências de práticas similares que você reconhece na sua formação acadêmica ou em outros espaços da sua vida profissional?

A minha vida acadêmica sempre foi acompanhada de prática. Do planejamento à organização de eventos, e todos os seus elementos importantes, tais como: forma de ocupação de espaço, decoração, análise de projetos da arquitetura para eventos, planejamento e organização de eventos também acompanhamentos da preparação de projetos. Quer dizer, toda a minha vida profissional acompanhou minha vida acadêmica. Tive uma vida profissional de mais de 40 anos, de certa forma, me apresentaram subsídios para que eu pudesse trazer essas experiências para a sala de aula.

Como você planeja as atividades extramuros hoje? Como é esse planejamento da atividade?

Eu faço um planejamento prévio no início do semestre. Eu já trago isso na primeira semana de aula, já trago isso como uma proposta do nosso calendário acadêmico. A partir daí, eu gosto

muito de observar o perfil da turma para a escolha da atividade prática que a gente vai visitar, da qual vamos participar. É bem interessante essa observação e, algumas vezes, me leva a modificar um pouco o planejamento para levar os alunos a uma experiência que seja mais adequada ao perfil de toda a turma. Eu posso dar um exemplo deste semestre, nós tínhamos planejado visitar alguns espaços, com o primeiro semestre em eventos, e eu resolvi, com base na característica da turma, fazer uma imersão. Nós tivemos um dia inteiro no centro cultural São Paulo, porque lá ele reunia todas as informações das quais a gente precisava para dar subsídio a disciplina, e atendia um pouco o perfil da turma - jovem, com muito expansivo. Lá a gente conseguia fazer com que, por ser um ambiente fechado com um roteiro muito bem cadenciado, o aproveitamento fosse muito maior.

Como você realiza e coordena essas atividades? Da hora que ele chega no local para a visita, que tipo de atividade acontece, com é que se desenrola?

Todas as saídas obedecem a um projeto. Um projeto já pré definido, organizado, com todos os agentes ou elementos já identificados para que a gente possa fazer valer a saída, a visita técnica, o estudo de meio. Quando você chega no local todos os alunos já conhecem o cronograma das atividades que nós vamos realizar no local. Com antecedência de pelo menos uma semana eu coloco o cronograma das atividades e explico a importância de cada uma, quais os olhares que precisam ser derramados sobre cada uma dessas atividades e a importância que ela tem na formação do aluno. Eles vão para lá com essas informações. Lá eles nós colocamos em prática tudo aquilo que já foi de certa forma pactuado, que já foi organizado em sala de aula.

Como você avalia essas visitas?

Essenciais para a formação. Nós temos uma preocupação muito grande em dar subsídio teórico e técnico para os nossos alunos, mas esse contato com a prática, de alguma forma, faz com que a maioria deles que não tiveram experiência e não vivenciaram o mercado, possam olhar a formação, a disciplina e até mesmo o mercado de uma maneira diferenciada.

Qual o papel do aluno nessas práticas extramuros?

O aluno é um agente ativo desse tipo de trabalho e desse tipo de abordagem. O aluno precisa se envolver com relação à proposta. Enquanto professor eu procuro motivá-los, com antecedência bastante razoável, mostrando os benefícios dessa observação e desse contato. Eu espero que ele participe ativamente e que passe a fazer parte de um agente importante na realização da atividade, para o conhecimento dele e melhoria do conhecimento dele. Eles são estimulados a essa participação de uma maneira ativa.

Qual é a relação dessas práticas com as competências formativas do curso?

Elas são essenciais para a formação de competências, a construção das competências. Os alunos conseguem estabelecer conexões com tudo aquilo que é visto na faculdade, na universidade, com o mercado de trabalho. É uma vivência que muito provavelmente vai servir para que ele observe um pouco mais e de melhor forma aquilo que ele está aprendendo.

O que se aprende nessas práticas?

Aprende-se muito. É bastante comum depois desses sub meios que a gente faz você ter um retorno bastante positivo dos alunos, e é muito comum receber comentários do tipo 'Eu nunca tinha imaginado isso. Ah, eu não sabia que a hospitalidade se aplicaria dessa maneira. Eu nunca imaginei que uma feira, uma convenção demandasse toda uma preocupação de um projeto arquitetônico, com base na forma de ocupação'. Isso muda completamente o comportamento do aluno com relação à disciplina e com relação a aprendizagem-abordagem-teórica em sala de aula.

O que poderia melhorar e aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje?

Primeiro é entender de que eu não posso trabalhar com modelos padrões pré estabelecidos e conhecimentos antigos. Eu preciso me atualizar com relação a isso, me atualizar com as necessidades do mercado. Eu preciso atender às novas exigências tanto do mercado como até mesmo a curiosidade intelectual dos alunos. Então, se a gente observar isso, se a gente levar isso em consideração, eu acredito que isso pode contribuir sempre de maneira bastante interessante para o mercado. Para o aluno, especialmente o de evento, você não consegue transmitir todas as informações e estimulá-los o suficiente para o desenvolvimento das competências, trancado em uma sala de aula. Você precisa a cada tempo, dentro do seu cronograma e planejamento, precisa estabelecer uma série de incursões no mercado profissional, para que, a partir daí, ele possa entender a importância desse mercado, as técnicas que estão sendo utilizadas no dia de hoje, as tendências que o mercado te traz. O curso de eventos é importantíssimo, eu imagino que para algumas competências são desenvolvidas ela é essencial. Você não pode ficar só em sala de aula com os alunos, precisa colocar em prática. Também a partir daí os outros desdobramentos, a formação de network, o estabelecimento de contatos profissionais para o aluno. Então, isso a gente tem como um desdobramento do objetivo principal, que eu acho muito importante.

Como o aluno é avaliado por essas práticas? Quais os meios de avaliação que você usa com os alunos depois das visitas técnicas ou estudos de meio?

Todo estudo de meio e toda visita técnica deve ter um objetivo final: o que vamos estudar, o que pretendemos aprender. Isso pode resultar em um seminário, em uma preparação de um

projeto, pode resultar também em um debate em sala de aula a respeito de tudo isso. E tudo isso te dá condições de avaliar. Claro que durante a visita técnica você avalia outros itens, tipo: comprometimento na hora da chegada, a participação do grupo, o interesse pelos assuntos que são abordados ou que lhes são apresentados. Tudo isso eu costumo colher um número grande de informação, antes, durante e depois, para que isso possa resultar em uma avaliação. Não me preocupo muito com relação à nota em si, mas o quanto aquilo foi proveitoso para mim, e o quanto a gente conseguiu desenvolver nele, usado pelo mercado, a aprendizagem, o interesse pelo setor.

Você tem registros dessas atividades (projeto, roteiro de visita, fotos, algum tipo de registro que guarda)? Você pode me disponibilizar alguns?

Tenho. Posso pegar alguma coisa do Centro Cultural São Paulo, que nós fizemos. Tenho fotos. Devo ter inclusive, nesta visita, eu pedi para que eles olhassem para aquilo como um espaço para eventos, e cada um apresentasse depois uma proposta para um evento, escolhendo um espaço dentro do Centro Cultural São Paulo. Depois te dou.

Entrevistado 7:

Bom dia, sou eu aqui de novo, o Douglas, estou na Fatec Ipiranga com o professor 7. Vou iniciar a aplicação do meu questionário de pesquisa, apêndice A do meu projeto de pesquisa de mestrado.

Vou começar, professor 7, perguntando quais são as práticas extramuros realizadas na suas disciplinas no curso de Tecnologia em Eventos.

São duas saídas que acontecem logo no início do semestre, tanto no primeiro quanto no segundo semestre do curso, mas sempre até o final do primeiro mês. São saídas feitas com o objetivo de embasá-los para o semestre que está iniciando. Então, são saídas específicas de roteiros culturais, edificações etc.

E quais são essas duas saídas?

A da turma do primeiro semestre é um roteiro no Centro velho de São Paulo e a do segundo semestre é uma saída à Pinacoteca.

Essas práticas são importantes? Por quê?

São importantes porque elas propiciam ao aluno vivenciar algumas situações que dentro de sala de aula eles não têm. E muitos deles vêm com uma prática cotidiana de vida, uma experiência intelectual que não os leva a alguns lugares. Então, alguns lugares eles não conhecem e não têm a dimensão da situação, tanto do aspecto do espaço quanto do aspecto da importância do patrimônio imaterial. Eles não têm noção disso.

Quais são as referências de práticas similares que você reconhece na sua formação ou em outros espaços do mundo do trabalho?

Quanto à questão de saídas, essa é uma prática que eu venho desenvolvendo desde 1991. Era uma atividade institucional que nós fazíamos com os alunos de formação do Fundamental 2, do sexto ano pra frente, e era um processo de quatro anos, desenvolvido durante quatro anos, que só se fechava quando eles saíam para o Ensino Médio. Era uma atividade desse tipo. Quando fui para a universidade, eu fui adaptando esse processo. Essas saídas técnicas propiciam um aprendizado além do que a gente se programa a trabalhar.

Como são planejadas essas atividades extramuros? Como é o seu processo de concepção e planejamento?

Elas sofrem constante atualização. Então, você tem um esqueleto, um entendimento dela básico, mas os detalhes vão sendo alterados de semestre para semestre, em virtude dos elementos, dos alunos que vão compor a turma. Às vezes, você tem alunos que têm mais experiência ou menos experiência, alunos que são mais concentrados ou menos concentrados, tem um ritmo de

visitação. Existe um diagnóstico que é feito nas aulas anteriores à saída para poder permitir uma adequação melhor da saída da turma específica.

Como são realizadas e coordenadas? Quando chega no destino da visita o que acontece?

Como é esse roteiro da visitação?

São duas visitas diferenciadas: uma em lugar fechado, que é a Pinacoteca, então, é um ambiente completamente controlado, e outra que é em ambiente aberto e completamente descontrolado. Como o roteiro aberto é mais complexo e é feito com os alunos do primeiro semestre, que estão chegando e estão, às vezes, encantados com o curso, com os grupos, é um roteiro mais de observação e análise. A análise é mais feita em sala. A observação lá é o que mais importa. E nesse processo não há nenhum tipo de anotação, a não ser a fotografia, que eles gostam de tirar, em virtude da insegurança que tem, na saída com um grupo de 40 alunos é mais difícil qualquer tipo de anotação ou observação muito específica. Então, eu peço para que eles observem, prestem atenção e fico com o tempo. Faço um roteiro relativamente fixo, às vezes tem uma alteração ou outra, mas alguns pontos de observação são chaves para o desenvolvimento da disciplina.

O que é feito em ambiente fechado é mais fácil, porém a Pinacoteca também tem as questões internas de mudança do acervo em exposição. Eu preciso fazer sempre uma visita antes da visita técnica, para ver se, de fato, o material está disponível e como é que eu vou abordar o que eu preciso ou quero abordar com as obras que estão expostas.

Como são avaliadas essas visitas?

As visitas não são avaliadas, as visitas não têm o objetivo de avaliação. Elas são, na verdade, um conjunto de conhecimentos que vão ser agregados a outros, que vão propiciar uma futura avaliação. A visita em si não tem avaliação.

Qual é o papel do aluno nessas práticas realizadas?

Ele é o centro de todo o processo, é pra ele que o processo é feito, no sentido de que vai aumentar o seu cabedal de conhecimento.

Como o aluno é avaliado por essas práticas?

Essas práticas vão somar no processo de avaliação. Então, eles vão realizar, em dois momentos, nós temos avaliações em dois momentos na Fatec Ipiranga, nesses cursos. A gente chama de P1 o primeiro momento de avaliação e de P2 o segundo momento de avaliação. Para o pessoal do primeiro semestre, eles fazem uma atividade de pensar um evento, inicialmente. Como eu trabalho em conjunto com outros professores, nós fazemos avaliações em conjunto, e, nesse caso específico, com o professor Beto, eu não sei o nome da disciplina que ele trabalha, mas ele trabalha na parte de imagens, monta PowerPoint etc. Então, após a visitação do pessoal do

primeiro semestre, eles pensam num evento e eu peço para que eles façam esse evento que estão pensando em um daqueles pontos que foram visitados, que a gente chama de marcos de estudo, que pode ser o que eles acharem que deve, um espaço aberto ou fechado, público ou privado, e que apresentem essa proposta de evento como sendo um dos elementos de compreensão do processo.

Independentemente disso, existem outros instrumentos de avaliação que vão ser: leitura de textos, eles tem que fazer uns fichamentos; eles tem que responder uma série de questões a respeito do entendimento sobre a memória, sobre a questão do desenvolvimento urbano da cidade. Eu trabalho muito com o material imagético, então esse vai ser um dos elementos que vai ajudar a compor.

Qual é a relação dessas práticas com as competências formativas do curso?

Ah, é importantíssimo para eles conhecerem as questões de espaço, nos dois semestres, nas duas saídas, que se dão basicamente no início do curso, no primeiro ano. Então, a questão do reconhecimento de patrimônio material e imaterial que a gente tem na cidade de São Paulo é muito importante que eles percebam e comecem a trabalhar com esses patrimônios materiais e imateriais de maneira a agregar na sua área em eventos. Então, deve tanto pensar em determinados eventos que serão relacionados ao patrimônio imaterial quanto o material. Um determinado evento, em determinada situação e localização, tem melhor condição de ser bem-sucedido porque já tem no seu histórico toda uma relação de ligação.

O que se aprende nessas práticas?

Muito mais do que aquilo que a gente ensina. Eles aprendem coisas que às vezes a gente não tem noção. Já tive turma que, na saída, agradeceu porque aprendeu a andar na cidade porque entendeu quais são os referenciais de norte, sul, leste e oeste dentro do município, no Centro velho, quando aquilo não fazia parte do objetivo. Tem pessoas que entenderam como é que funciona o sistema hidrográfico antigo da cidade, porque nunca tinha reparado na questão dos rios, riachos e córregos que foram canalizados. Então, a gente vai para trabalhar com o patrimônio material e imaterial e a relação que existe socioeconômica no processo de expansão da cidade, essa lógica se manteve. Então, quando eu pego esses referenciais de saída do Centro, que eu acho mais significativo dos dois, tem mais elementos, ele transforma a visão da cidade. O pessoal da Pinacoteca trabalha muito com o patrimônio imaterial, a construção da identidade. Então, fica um negócio mais intramuro, a observação da obra. Já com o referencial da saída do semestre anterior fica mais fácil porque aí ele tem noção de como a cidade cresceu, aquela identidade imagética construída no período republicano fica mais fácil. Acho a saída do primeiro ano mais impactante nesse sentido.

O que se aprende nessas práticas?

Bom, aquilo que a gente pretende ensiná-los, que a gente visa que eles aprendam: a utilização dos espaços, a questão do espaço público ou privado para o evento, a questão de acessibilidade, de segurança, a questão ligada a projetos de hospitalidade. Então, é isso que a gente pretende que eles aprendam. Como eles tem que bolar eventos nessas saídas, esses elementos, apesar de não terem sido trabalhados tecnicamente com eles, já começam a lhes dar um escopo maior de como trabalhar com isso. Porque, quando eles entregam para nós o evento que é livre, que eles tem que montar completamente livre, isso nos permite perceber como eles estão entendendo, o grau de importância que eles dão para uma coisa ou outra. Se a pessoa tem dificuldade de locomoção e escolheram um lugar de fácil acessibilidade, se é uma coisa para muita gente ou para poucas pessoas, se é uma coisa mais elitizada, com ingresso, ou se é uma coisa mais pública, aberta a todos. Se é uma coisa voltada para questões assistenciais. A gente percebe isso quando eles começam a dar o retorno. A gente apresenta para eles algumas coisas, mas a garantia do aprendizado é um processo mesmo.

O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje?

Uma organização de cursos que permitisse essas saídas durante o semestre, algumas vezes até para fazer uma comparação, e durante o curso, que possibilitasse a eles fazer releituras e perceber as mudanças na análise deles do início e daquele momento em que estão. Acho que isso seria uma coisa importante.

Entrevistado 8:

Oi, sou eu, o Douglas, eu estou aqui com o professor 8, na Fatec São Paulo, aplicando o meu roteiro de perguntas, que é apêndice A do meu projeto de mestrado, e vou iniciar a aplicação das perguntas com o professor 8.

Professor, quais são as práticas extramuros que você realiza nas suas disciplinas, nos cursos de Tecnologia em Eventos e no curso de Gestão de Turismo atualmente?

Nessas classes, sempre fazemos as visitas técnicas, sempre elaboramos um projeto para sair em campo. Pela Fatec São Paulo, nós usamos o laboratório da Santa Ifigênia e fazemos o roteiro gastronômico na região que o aluno escolhe. Sempre são os alunos montando o roteiro, primeiramente. Pela Fatec Ipiranga, fazemos um roteiro, um projeto, encaminhamos para o coordenador, que autoriza as visitas técnicas.

Na Fatec Ipiranga, essas visitas técnicas são geralmente onde?

Podemos visitar o mercadão ou uma empresa que fabrica cerveja. Em Jundiaí, temos uma. Em Pinheiros, temos uma outra, a Cervejaria Brasil. Fazemos visitas lá também.

Essas práticas são importantes? Por quê?

São. É um conhecimento que o aluno aprendeu em sala de aula e nós podemos discutir esses assuntos que foram aplicados. O aluno tem a vivência. O que você fala em sala de aula o aluno pode aplicar no seu dia a dia também, quando ele for trabalhar.

Quais são as referências de práticas similares que você reconhece na sua formação acadêmica, em outros momentos da sua formação ou em outros espaços do trabalho. Você tem referências de visitas técnicas, outras visitas que foram usadas?

Como base, tenho a da Fatec São Paulo, que aprendi com a professora Esmeralda, a elaborar o roteiro para fazer as visitas técnicas pelo Laboratório de Turismo.

Como você planeja essas atividades extramuros?

Primeiramente, recebemos calendários e nesses calendários temos de colocar, pelo menos, duas visitas técnicas. Você encaixa, avisa o seu coordenador ou o Laboratório de Turismo, que colocam os dias para não bater com os outros professores da disciplina. E entregamos, lógico, todos os projetos também.

Como você realiza e coordena na hora em que o grupo chega nesse local da visita? Que tipo de roteiro eles fazem?

Antes, nós discutimos o que nós iremos conhecer dentro do estabelecimento. Já tem uma pauta do que será apresentado no dia da visita técnica. Marcamos um local de encontro, sempre o lugar mais próximo ao local a ser visitado e começamos as visitas. Sempre com uma pauta já

programada.

Como é esse roteiro quando chegam no local? O que acontece lá?

Sobre que área você quer saber?

A que você quiser. Pode ser no Mercado, como você falou...

Vou falar da cervejaria. Entramos em contato antes com a pessoa, agendamos o local, sempre vai ter uma pessoa à disposição para explicar o plantio, a colheita, até a torrefação dos grãos. Então, ele começa a contar toda essa história. Ele recebe a gente, mostra tudo, o lúpulo, a cevada, todos os grãos eles mostram pra gente. Ele pergunta se tem alguma dúvida, e, caso a gente tenha alguma dúvida, continua com as explicações. Se não tiver dúvidas, ele passa para o próximo processo, que é sobre todos os equipamentos e a fabricação da cerveja.

Como são avaliadas essas atividades extramuros?

Sempre à base de relatórios. Nós sempre pedimos aos alunos. Nesses relatórios, pode ter perguntas sobre as atividades para nós discutirmos em sala de aula.

Qual é o papel do aluno nessas práticas?

O papel dele é buscar conhecimento relacionado ao que aprendeu em sala de aula.

Como você avalia o aluno nessas práticas?

Na visita técnica, temos em nossa avaliação: vestuário, pontualidade, interação com o meio que está visitando e o relatório.

Qual é a relação dessas práticas com as competências formativas dos cursos, tanto no de Tecnologia em Eventos quanto no de Gestão de Turismo?

Tentamos casar o que foi aplicado com as bases tecnológicas da disciplina.

O que se aprende durante essas práticas?

Nas visitas, só conhecimento. Agora, tem as visitas técnicas que são aulas práticas. No caso da Fatec São Paulo, é uma aula externa que se torna prática, onde o aluno aprende as cozinhas internacionais de cada país. O aluno escolhe uma determinada região do país que ele quer fazer, elaboramos um cardápio, fazemos um projeto e aplicamos na prática. O aluno fará a preparação desses pratos.

O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje?

Espaço físico. As satélites não têm espaços físicos adequados para as visitas técnicas ou essas aulas práticas. Temos de nos deslocar para outras instituições para executar as visitas. É meio complicado pra gente. Tem muitos alunos que estão vindo de longe. Às vezes, temos de mudar o roteiro todo para chegar no nosso laboratório da Santa Ifigênia.

Entrevistado 9:

Oi, boa tarde. Aqui é o Douglas, estou com a professora 9, na Fatec São Paulo, e vou iniciar a aplicação do meu roteiro de perguntas, que é o apêndice A do meu projeto de pesquisa do mestrado.

Quais são as práticas extramuros que você realiza na sua disciplina de Inventários da Oferta e Segmentação, aqui no curso de Gestão de Turismo?

De início, nós podemos fazer visitas técnicas a monumentos, um turismo cultural, alguns atrativos naturais e eles também ajudam na elaboração de um city tour. Eles operam esse city tour, geralmente, no circuito cultural de São Paulo.

Essas práticas são importantes? Por quê?

Importantíssimas, porque eles tem contato com o mercado, tem relacionamento com os fornecedores, e é uma ferramenta que vai ajudar a entender toda a harmonização dos fornecedores, a harmonia que tem de ter entre os fornecedores, para que seja elaborado um roteiro turístico de qualidade.

Quais são as referências de práticas similares que você reconhece na sua formação ou em outros espaços do trabalho?

Geralmente, eu sempre participei na disciplina de Agenciamento de Viagens. Sempre operacionalizei roteiros, a formatação e planejamento de roteiros. Viagens técnicas, de observação também, como guia de turismo. Estudos do meio também, visitas a agências de viagem, a hotéis. Todo esse conhecimento é bem válido para os alunos, para que eles tenham a visão de mercado e não só a da academia.

Como são planejadas essas atividades extramuros?

Geralmente, no planejamento da disciplina, a gente já agrega as visitas ou viagens técnicas que vão compor a estrutura curricular do curso.

Como são planejadas? Como é o processo?

Geralmente, eu já trago a ideia e discuto com os alunos. Procuo fazer o que tem mais interesse para eles, porque se torna mais produtivo. Então, deixo eles escolherem o local, se vão fazer de forma individual ou em equipe. Durante esses anos, tenho percebido que isso é importante porque aí eles vestem a camisa mesmo e se dedicam para fazer um trabalho que eles optaram por fazer, eles escolheram, não foi imposto pelo professor.

E como são realizadas e coordenadas essas atividades extramuros? Quando você chega num atrativo, num monumento, o que acontece lá?

Depende do atrativo que a gente vai visitar. Quando é uma visita monitorada, a pessoa já está

nos esperando. A gente liga, manda um e-mail, já marca essa visita e, geralmente, estão nos esperando. Já teve um contato anterior. Então, sempre tudo é bem planejado.

E quando chega lá, como é esse roteiro? O que os alunos fazem quando nesses locais?

A observação, antes de tudo, e a análise. Geralmente, quando termina uma visita, na próxima aula, eu sempre faço uma análise, até parecida com a análise Swot, para saber a opinião deles. Eu levanto essas questões de todos os alunos da sala, para gente ter um fechamento comum.

Essa era a próxima pergunta, como são avaliadas as visitas. Se você puder repetir, só para ficar dentro da pergunta...

Geralmente, no final. A gente faz uma avaliação com os alunos. No início, elencando os pontos negativos, os positivos, quando tem alguma questão de postura, algum efeito negativo, alguma coisa que eu não gostei, que não foi da forma que foi passada. Tem uma análise desses pontos positivos e negativos e fazemos o fechamento. De acordo com o grupo, eles dizem a média que eles acham que tem que ter e eu mesmo pontuo.

E qual é o papel do aluno nessas práticas realizadas?

O papel dele é ter interesse e vontade de aprender a aprender, senão não adianta nada.

E como o aluno é avaliado por essas práticas? Que tipo de variáveis você avalia nele?

O interesse em participar, o interesse da pesquisa, quando ele já vem com outros itens relacionados ao assunto que podem agregar valor. Basicamente, é o interesse e a participação.

E qual é a relação dessas práticas com as competências formativas do curso?

A competência toda é entender, aliar aí a teoria à prática.

O que se aprende nessas práticas?

A realidade de mercado, como é a atuação do mercado, os diversos fornecedores que tem no segmento turístico.

O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje?

Um projeto interdisciplinar e um apoio logístico da universidade.

O que seria esse projeto interdisciplinar. Você poderia explicar?

Todos os professores, todas as disciplinas, poderiam participar dessas visitas para explicar essa pluralidade que existe no turismo, a necessidade das outras ciências para o meu entendimento. Essa é a minha opinião.

Entrevistado 10:

Bom dia! Sou eu de novo, Douglas, estou aqui na FATEC Ipiranga com a professora **10** e vou iniciar a aplicação do roteiro de perguntas, apêndice A, do meu projeto de pesquisa.

Quais são as práticas extramuros realizadas na sua disciplina ou nas disciplinas que você leciona no curso de tecnologia em eventos?

Bom, sempre que possível procuro fazer atividades externas visitando eventos com os alunos. Esse semestre, por exemplo, fomos no Revelando São Paulo, na Feira Expo Abave, seguindo o projeto de visitas técnicas com pernoite. Nesse semestre fomos para Olímpia e Barretos.

Essas práticas são importantes? Por quê?

Muito importantes porque os alunos conseguem vivenciar práticas que não conseguem em sala de aula, além de poder participar dos eventos quando a gente consegue levá-los e, nas visitas com pernoite conhecer destinos já consolidados relacionados a eventos, como foi o caso de Barretos e Olímpia. Nós visitamos o Parque do Peão, tivemos toda a explicação de como funciona o evento, a montagem, a arena. Eles puderam ver isso durante essa visita.

Quais são as referências de práticas similares que você reconhece em sua formação ou em outros espaços do trabalho.

Durante a graduação todo semestre tinha visita técnica e eu sempre achei isso muito importante. Sempre participei de todas e percebi o quanto isso contribuía para a formação. Pela formação em turismo que a gente conhecia, os destinos consolidados mais visitados, isso agregava muito no meu conhecimento. E partindo para a área acadêmica, eu quero manter isso sempre porque eu sei que agrega muito na formação do aluno.

Como você planeja essas atividades extramuros, desde de quando você concebe até o dia.

Em São Paulo, na capital, a maioria dos eventos que nos interessa é no segundo semestre. A Equipotel, a ABAV, o próprio Revelando São Paulo, que num primeiro momento, por ser no segundo semestre, é mais fácil também de levar os alunos. Não cobra entrada, é mais fácil e viabiliza para eles. Com relação às viagens, a gente começa desde o início, a cada semestre tem a proposta de fazer uma visita, então termina uma já pensando qual vai ser a próxima. E aí começa a fazer cotação, pesquisar se tem hospedagem ou transporte, o valor, porque a gente tenta fazer o mínimo possível para o aluno poder participar.

Como você realiza? Na hora que chega ao destino da sua viagem, da sua visita, qual é o roteiro de atividades que os alunos fazem?

No planejamento a gente sempre contata, por exemplo, se tem secretário de turismo, sempre procura contatar esses profissionais que estão lá, para conversar com os alunos. Em Barretos, nós conversamos com o organizador da Festa do Peão, um dos responsáveis. Em Olímpia

também com o Festival no Folclore.

É sempre colocar profissionais do local, seja do espaço específico ou da cidade, para conversar com esses alunos, para falar da experiência, e depois segue o roteiro. Faz a visita nesse local, fazendo sempre um link com o que a gente vê na sala de aula, com o que estão vendo ali. Nós visitamos também o Hot Beach interno do Thermas dos Laranjais, que essa última visita, e tivemos os profissionais falando com eles, mostrando como que funciona a questão dos eventos nos parques. Isso é, diria assim, o primeiro ponto que buscamos na hora de fazer essa visita. Depois tem o momento onde eles vão praticar, participar, por exemplo, no parque Thermas dos Laranjais, eles aproveitaram metade do dia, mas sempre com esse objetivo – primeiro conhece, aprende, faz essa ligação do que a gente vê em sala de aula com o que eles estão vendo no momento e depois eles têm esse período para aproveitar também o espaço.

Como são avaliadas essas visitas e viagens?

As visitas aqui na capital, como estão relacionadas às disciplinas, eu aplico um relatório de campo, que aí eles têm que fazer esse relatório depois da visita e entregar valendo ponto ou não dependendo do semestre e da turma, mas sempre com empenho nesse relatório. Eu peço as impressões para eles avaliarem, por exemplo, com relação à infraestrutura, a programação, como foi o Revelando São Paulo, para eles olharem a edição do evento – porque no site tinha informações diferentes do local, a questão de segurança, se tem ambulância, bombeiro, para eles observarem tudo isso e verem o quanto é fundamental ter isso na hora de fazer o evento deles. E nas viagens como elas são muito amplas, abrange todos os semestres, não há uma avaliação específica. Fazemos um encontro pós-viagem para eles conversarem e explanarem as impressões, o que eles gostaram o que viram de diferente. Isso é sempre discutido, nada específico valendo ponto para nenhuma disciplina, porque também estão integrando Ipiranga, Itu e Barueri, então não dá para, num primeiro momento, aplicar uma avaliação valendo ponto.

Qual o papel do aluno nessas práticas realizadas?

Primeira coisa é que ele (o aluno) entenda que é uma visita técnica. Tanto é que a gente foca muito que não é para ele “curtir”, no caso da viagem, é para ele entender que estamos indo com foco, para ele entender que estamos indo para conhecer e agregar conhecimento do que ele viveu em sala. Eu entendo que esse papel ele precisa aprender e ver na prática o que a gente fala na sala. Eu entendo que seria isso.

Como o aluno é avaliado por essas práticas?

Em ambas, tanto as viagens como as visitas, uma das primeiras coisas que eu presto muita atenção é o comportamento, porque às vezes tem gente que esquece que é visita técnica e

extrapola. Ficamos em cima, prestando atenção nisso, quando vale nota é um dos pontos principais e pelas observações, como eu faço esse roteiro para ele observar se ele realmente conseguiu observar aquilo e se ele colocou as informações que eu pedi. Se ele conseguiu identificar se havia saída de emergência, por exemplo, uma ambulância dependendo do porte do evento, a programação. Como a Expo Abave 2018, que eles foram observar, por ser um esquema de feira, como é a montagem, essa estrutura, conversar com as pessoas que estão ali, até para fazer de repente um contato, não é? Pegar cartão. Então é nesse sentido que eu fico avaliando, que também já teve situação que o aluno ia, assinava a lista e ia embora. Porque isso a gente vê e é óbvio que não vai ter a pontuação, assim não é uma pontuação expressiva, é meio ponto, um ponto. Seria, caso necessário, agregar. Porque a ideia é que ele vá, participe dos eventos, se a gente não der esse incentivo a maioria não vai. Fica esperando, sei lá o quê. Quando organizamos as visitas técnicas é para estimular o aluno a conhecer, ir além da sala de aula.

Qual é a relação dessas práticas com as competências formativas do curso?

Eu entendo que englobam todas as competências do curso. O curso de eventos, o aluno que tem visitar, tem que participar de eventos, independente da tipologia, tem que ver para fazer essa ligação do que a gente fala em teoria na prática. É fundamental. Eu entendo que é fundamental a visita técnica.

Quais são as competências que você acredita que tenha relação com essas práticas?

Olha uma delas que eu entenda ser mais importante, talvez, é ele (como posso dizer isso?)...ele conversar com as pessoas, ter contato com o público, que provavelmente vai ter lá na frente, quando estiver atuando. Desenvolva talvez seja a palavra, não vou saber me expressar aqui o que quero dizer. O contato com o mercado, especificamente quais competências, não vou saber te dizer quais as competências, mas, eu entendo, de modo geral que todas as competências caminham nesse sentido, que é onde ter contato com o público e com profissionais da área. E são nesses eventos que eles têm essas oportunidades, por isso eu tenho que estimular cada vez mais essa prática.

O que se aprende com essas práticas?

Com relação entre os alunos, eu percebo que eles voltam das atividades respeitando mais o outro. Talvez o respeito seja a primeira coisa que eles aprendem, e se permitir conhecer outros colegas da turma, porque já teve situação de a turma não se dar bem na sala de aula, fazer uma visita técnica e voltar uma turma completamente diferente, integrada, todos se ajudando. Porque não sei se sai desse momento de estresse na sala, em uma atividade diferente, sai do ambiente da sala de aula, e talvez baixam a guarda, relaxam, se permitem conhecer o colega que está o

tempo todo ali sentado do lado dele, e numa visita consegue conversar com a pessoa. Lógico que tem todo o conhecimento que eu já falei. Ele vai ver muita coisa que a gente fala em sala de aula nos destinos, nos eventos, na participação de feiras. Ele consegue visualizar isso e o retorno vem ‘Olha, professora, é verdade. Eu lembro daquilo que você comentou. Puxa, olha, estou vendo aqui’. Ele consegue perceber isso indo em vista técnica. E é muito claro, pelo menos eu tenho isso muito claro, daqueles alunos que vão, que tem essa interação e integração, àqueles que não vão.

Quem participa das viagens, entre eles, criam grupos, já ficam pensando ‘Você vai na próxima? Eu também vou’, porque é muito bacana a companhia. Tem isso, acaba integrando. E percebo também que quem não vai ou não tem a oportunidade de ir fica mais interessado ainda, e se organiza para na próxima ir, porque ele viu o quanto de aprendizado o colega teve participando dessas práticas.

O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto na graduação tecnológica em que você atua hoje?

Ajudaria muito a aderência maior dos alunos se tivesse, pelo menos, não sei nem se cabe nessa resposta, é um auxílio financeiro. Não sei como viria isso, por exemplo, por conta de um ônibus. Para a viagem seria o item mais caro e onde pesa quando a gente fecha o valor de uma viagem técnica, por exemplo. E aí muitos não conseguem. Uma questão que estamos discutindo é fazer um dia não só na capital, muitos também o que influencia é por conta da não participação é que muitos trabalham. Estamos pensando em fazer um com pernoite e uma aqui nas cidades próximas, uma excursão. Daí eles voltam e aumentaria a chance desses alunos participarem. Então, acredito que nesse primeiro momento seria esse o aprimoramento, fazer um dia e em cidades mais próximas.

Você tem registro dessas atividades como fotos, relatos, roteiros de visitas e se pode me fornecer alguns.

Sim...

Pode falar que estou gravando ainda.

Uma coisa que eu percebo que não são todos os professores que tem vontade de fazer isso. Não sei nem se a palavra certa é coragem para fazer isso, porque é uma responsabilidade muito grande. Sair da sala de aula com o aluno, é você ficar o tempo todo nele, por exemplo, dormir, eu fico extremamente preocupada se eles estão realmente bem, se está ali à noite. A gente sabe que eles podem escapar. Não fazemos viagens sem o seguro –viagem. Não saí. Já teve caso de o aluno torcer o pé e já tinha o seguro ali. Então, foi para o hospital, teve todo o atendimento, a única coisa que teve reembolso depois. Coisa que logo que entrei na FATEC foi em Barueri

que começou, ninguém fazia seguro, ia de qualquer jeito, foi em Barueri que começou. Pela própria experiência como guia não dá para fazer visita técnica sem o seguro, É o mínimo que tem que ter, isso já virou uma regra. É obrigatório ter seguro. É para uma emergência. Eu percebo que não são todos que têm coragem de sair com os alunos.

Gosto muito. Como já falei, eu vejo que complementa muito. Não pretendo parar de fazer visita técnica, mesmo sendo cansativa essa preocupação. Eu só descanso quando todos chegam em casa, no domingo, por exemplo. À noite, trocando mensagem ‘Todo mundo chegou. Está tudo bem?’”. Mas eu entendo que vale a pena contribuir para esse a mais na formação do a aluno.

Entrevistado 11:

Bom dia. Hoje é dia 28 de novembro de 2018, eu Douglas Alexandre Dias, estou aqui aplicando o questionário de pesquisa para o meu trabalho de mestrado, com a professora 11. Estamos na FATEC Ipiranga e vou iniciar o meu questionário de pesquisa, conforme apêndice A do projeto de pesquisa.

Quais são as práticas extramuros que você realiza na sua disciplina ou aqui no curso de eventos?

Eu gosto muito que o aluno consiga visualizar e vivenciar a realidade do mercado de trabalho. Eu uso algumas práticas. Gosto de trazer convidados que venham de fora, contar para esses alunos o que é de fato a operação daquela profissão lá no mercado, porque apesar dos cursos terem professores que são do mercado, parece que o aluno só valida a informação que ele recebeu durante a sala de aula, quando vem uma pessoa de fora. Por mais que ele tenha professores que falam que já trabalhou na área e nessa área é assim, assim e assim que as coisas acontecem. Ou seja, ele tem em sala de aula um professor que tem ferramental, cabedal, e autoridade para falar aquilo que ele vivenciou no mercado, mas parece que esse aluno só entende que é sério e verdadeiro quando uma pessoa vem de fora. Então eu gosto de trazer convidados que atuem nas mais diferentes áreas.

Outro recurso que eu uso é levar o aluno para ver essa realidade in loco, por isso uso as visitas técnicas. Eu acho que as visitas técnicas são ideais para esse aluno enxergar ao vivo e a cores o que está acontecendo lá fora. E aí eu uso uma expressão com o aluno – só conhece a cor do sangue aquele que já viu de pertinho. E assim eu convido o aluno para participar da visita técnica.

Geralmente onde essa visita técnica acontece?

Gosto de levar em empresas que tenham operação de alguma área ligada àquele curso ou projeto pedagógico. Por exemplo, eu já levei alunos do curso de secretariado para fazer visita técnica em hotel, para enxergarem, uma das minhas disciplinas é a organização de eventos no secretariado, para enxergar o que é o espaço do hotel, o que são as salas, o que é uma área de eventos no hotel, o que é uma hospedagem. Eu já levei os alunos de secretariado também numa visita técnica, essa a própria empresa nos insistiu, praticamente nos implorou. Nós levamos os alunos dentro do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), e no primeiro momento pode-se pensar assim ‘mas o que um Instituto de Pesquisas Tecnológicas tem a ver com o curso superior de tecnologia em secretariado?’. Acontece que o IPT tinha uma dor, eles tinham um problema grave para conseguir estagiários que os atendessem na assessoria executiva. E o IPT sempre

valorizou muito o fatecano, e como nós tínhamos a proximidade geográfica com do IPT, nos contatou e pediu que nós levássemos os alunos de secretariado até lá, para que os alunos enxergassem o que são os centros de pesquisas do IPT, para vivenciassem a realidade do que eles estariam atuando junto aqueles profissionais engenheiros e outras formações. Foi muito positivo. Os alunos puderam vivenciar o que é o circuito. Foram visitados dois centros de pesquisas. Temos uma tecnologia formidável dentro do Brasil, que muitos alunos achavam que só a NASA, por exemplo, possuía e foi muito propositivo. Dentro do curso de eventos daqui da FATEC Ipiranga, por exemplo, eu gosto muito de levar o aluno para vivenciar a montagem do evento. (Parênteses) Eu já havia feito isso no curso de secretariado há uns três anos atrás, nós tivemos a oportunidade de visitar o antes e o depois, a montagem e o transevento de feiras no Anhembi, as feiras que são organizadas pela Reed Exhibition. Nós visitamos a equipe hotel e visitamos a feira da mecânica, que era a maneira de mostrar para esse aluno que ingressava no secretariado, o que era um grande evento. Eles tiveram a oportunidade de ver o antes, a montagem, e, o transevento, a feira já montada.

Aqui na Fatec Ipiranga já visitamos esse ano, a equipe hotel, que aconteceu aqui próximo até geograficamente da nossa unidade, que aconteceu no espaço São Paulo. Então, aos alunos visitaram toda a montagem também da equipe hotel 2018, e na semana seguinte, não era uma obrigatoriedade, mas tiveram abertura, que eles poderiam visitar a empresa no transevento.

Essas práticas são importantes? Por quê?

Muito importante. Porque uma coisa é a gente trazer para dentro da sala de aula toda parte teórica. Eu posso trazer num Power point, por exemplo, o que é uma feira, posso mostrar como são os stands, posso mostrar a planta de uma feita montada, mas, quando o aluno chega e acompanha a montagem de um stand, eles puderam, por exemplo, nessa última visita da equipe hotel, puderam visualizar as paredes de um stand sendo montadas. Uma coisa é você mencionar ‘ah, se usa octnorme’. Eu posso mencionar quais são os materiais que são usados nas montagens de stands. Mas os alunos puderam ver ao vivo e a cores. E o mais importante: por exemplo, nós tivemos um acompanhamento do engenheiro e da arquiteta da feira. Eles tiveram uma aula extremamente extracurricular, que dificilmente dentro do nosso projeto pedagógico estaríamos contemplando. É exatamente o chamado currículo oculto, eu diria inclusive, não apenas o currículo oculto, mas essa prática é real e legítima metodologia ativa. Eu levo o aluno a vivenciar o que ele vai enfrentar no mercado de trabalho. É super importante. Essas práticas nas minhas disciplinas eu as considero extremamente importante.

Quais são as referências de práticas similares que você reconhece na sua formação ou em

outros espaços do trabalho ou em outras práticas profissionais? Você tem referências de visitas técnicas que tenha vivenciado?

Sim. Como eu atuei durante 13 anos em uma indústria farmacêutica, eu comecei a receber a requisição de algumas faculdades de farmácia que queriam levar seus estudantes de farmácia para conhecerem os laboratórios e os centros de pesquisas, que essa indústria farmacêutica tinha aqui no Brasil. Então, eu vivenciei os dois lados da visita técnica. Eu era uma das profissionais que fazia todo o desenho dessa visita técnica. Eu chamava os pesquisadores dos diferentes laboratórios, dizia que na data tal nós estaríamos recebendo a visita daqueles alunos da faculdade X, e o que é que esses pesquisadores poderiam fazer uma apresentação no auditório, por exemplo, de um assunto que eles tivessem certeza que não fazia parte do projeto pedagógico da farmácia. Que assunto era aquele que eles sabiam que na farmácia, fosse da USP ou de qualquer outra instituição particular, por exemplo, eu estivesse certeza que o aluno não via. Aí eu envolvia os recursos humanos e envolvia também outras áreas de pesquisa. Envolvia a produção, a área industrial e muitas vezes controle de qualidade. Tínhamos de fazer todo um desenho. Neste dia eu tinha de ter certeza do quanto eu estava impactando a linha de produção e inclusive o trabalho de pesquisa dos laboratórios. Então, vivenciar esses dois lados foi muito rico. E nós da indústria aproveitávamos exatamente essa visita técnica daqueles alunos de farmácia, nós já dávamos uma ficha que ele preenchia e quando nós precisávamos de estagiários, recorriamos a essas fichas, que inclusive vinha acompanhada de professores. Eu via riqueza do que é uma visita técnica na formação daquele aluno. No caso, antes de vivenciar a prática acadêmica da docência, eu pude vivenciar a riqueza da técnica para os alunos de farmácia, por exemplo.

E hoje como professora, como você planeja suas visitas técnicas e atividades extramuros?

Eu procuro conversar. Eu tenho um bom contato dentro da Reed Exhibition. Ao longo dessas práticas fui conhecendo alguns profissionais e aí eu olho para o calendário do semestre, faço contato e pergunto – é possível, na época de montagem dessa feira, vocês podem viabilizar a visita dos meus alunos?. Para essas visitas técnicas, especificamente dentro de eventos, por exemplo, nós precisamos ter os EPis – os equipamentos de proteção individual. Sabendo disso, na primeira visita técnica que nós já fizemos dentro do Anhembi, às vésperas da visita, a Reed nos exigiu esses capacetes. Nós prontamente nos arquetetamos e conseguimos fazer a aquisição. Como nessa unidade do curso de secretariado, a vertente não é especificamente em eventos, e aqui agora estamos no fundamento da logística aplicada, então eu retirei. A autoridade não se importou, era uma coisa que não tinha um dono específico, aliás, boa parte desses capacetes era meu, porque houve um subsídio da compra desses capacetes por um docente. Então, hoje eles

estão ofertados para o curso de eventos daqui da unidade. Quando eu vou planejar, o expositor organizador já fala: ‘professora, seus alunos precisam estar munidos de EPI. Eles me dão todas as regras, eu repasso aos alunos e aí a gente empresta para os alunos no dia da visita os capacetes. O planejamento tem que mover não só o agendamento da data, mas todos os requisitos que o receptor, aquele que vai nos receber, exige da gente.

Como são realizadas e coordenadas? Como é a agenda da visita técnica que você faz?

Bom, é necessário um deslocamento. O aluno vai ter que sair da unidade e se dirigir até o local da visita técnica, para que não haja dispersão dos discentes, eu ponho a seguinte proposta – nós precisamos sair daqui da unidade e iremos todos juntos para o destino. Eu sugiro para vocês que nós pensemos em um transporte. Normalmente, os alunos sempre conhecem uma empresa que tem ônibus, donos de vans, e aí sempre deixo claro, dentro do Centro Paula Souza, nós não podemos ter a manipulação de moeda, dinheiro de forma alguma nenhum tipo de espécie. Então, os próprios alunos, eu dou as linhas e as diretrizes, e eles mesmos ligam para os fornecedores, se organizam, eles entre si fazem a divisão do valor daquela van. Vamos supor que hipoteticamente aquela van custe R\$150, que dividido por um grupo de 25 alunos, dê X. Os alunos fazem a correlação do custo-benefício (se eu fosse de ônibus, uma passagem de São Paulo está em torno de R\$4, se eu ir e voltar, vai custar R\$8) e, às vezes, ele paga R\$10 ou R\$12 naquele transporte, mas ele sabe que esses R\$4 a mais, por exemplo, é o benefício do transporte, de levá-lo até o local, aguardar a visita técnica, e trazer de volta para a unidade. Então, isso tem sido bem tranquilo nas diferentes unidades os alunos se organizam, fazem isso muito bem. Uma das partes mais importantes dessa organização é como nós vamos deslocar, da unidade até o local da visita técnica, e como nós vamos retornar até a unidade. Além disso, também tem que considerar que muitos alunos falam – ‘ai, professora, da visita técnica eu vou direto para o meu trabalho. Você se importa se eu não voltar para a unidade?’. É claro que não, porque a missão já está cumprida. Ele foi e visitou. Se dali ele quer se deslocar diretamente para o seu local de trabalho, sem o menor problema. Isso os próprios alunos conversam entre si, porque aí também tem aquela questão ‘ah, mais eu só paguei a ida, não quero pagar a volta’. Esse é um exercício que eu até passo para os representantes, vice-representantes, conversarem com o grupo, porque isso também não deixa de ser um exercício profissional de saber lidar com essa variável, o quanto eles têm de budget, como eles têm que lidar com transporte. Isso também faz parte da organização do evento.

E quando chega lá, como é essa agenda? O que faz? Chegou, recebe, credencia, me explica.

Eu geralmente gosto de perguntar para o local que vai nos receber os profissionais, como eles gostam de fazer. Muito para que eu já possa explicar para o aluno o que ele vai vivenciar in

loco. Eu gosto que o aluno tenha uma antvisão, uma previsão do que vai acontecer, porque senão fica muita bagunça quando chega. Eu gosto de dizer: ‘pessoal, nós vamos chegar lá, nós vamos dirigir à área X, na área X tem um profissional tal de tal área, eles vão nos receber. É importante que estejamos sempre juntos. É importante que esse profissional esteja explicando, nós nos mantenhmos em silêncio, porque senão perde o efeito e o mote pelo que estamos indo fazer a visita técnica. Então, tanto quanto possível, tudo que eu obtenho de informação sobre da pessoa que vai nos receber, do local que vai nos receber, eu já passo para os alunos. E tem dado bastante certo.

Como você avalia o aluno com relação a essa visita?

A aula seguinte à visita técnica, eu uso para que a gente faça exatamente uma avaliação do pós-evento. Eu abro para que os alunos digam o que mais lhes impressionou, o que mais lhe chamou a atenção, o que é que eles enxergaram na visita técnica, que já haviam aprendido teoricamente em sala de aula, como é visualizar a aplicabilidade do conceito teórico com a prática profissional que eles veem no ato da visita técnica, o que modificou no antes e no depois, o que ele achava, o que ele não entendia, qual foi o degrau que ele subiu em termos de conhecimento adquirido após a visita técnica. Eu procuro saber da sala de aula o antes e o depois. Como era o antes deles terem ido à visita técnica e como está à visão e os conhecimentos dele pós-visita técnica. O que eles de fato observaram que acrescentou no seu conhecimento.

Qual o papel do aluno nas práticas que você realiza nas visitas técnicas? Você falou um pouco, como te disse, pode parecer repetidas, mas eu gostaria que você evidenciasse na resposta o papel do aluno.

É bem interessante de perceber como o aluno, quando ele está in loco, ele passa a ter uma curiosidade muito, mas muito diferente da curiosidade de quanto ele está nas quatro paredes. Quando ele está nas quatro paredes pode passar todo período de hora aula sem abrir a boca ou, se abre a boca, às vezes, numa conversa paralela com o colega ao lado. Mas na visita técnica eu visto e tem me chamado bastante a atenção, interessante sua pergunta professor, que eu tenho notado que alguns alunos que aparentemente são apáticos durante uma ministração de aula, mais numa visita técnica são os que elaboram perguntas extremamente com perspicácia. (*Está me faltando vocabulário, professor*). Mas eles fazem perguntas extremamente pertinentes ao tema da visita. Alunos que, engraçado como a gente, às vezes, têm uma tendência, por mais preparo acadêmico que nós temos para entrar em uma sala de aula, às vezes, temos um pré-julgamento errôneo em alguns alunos, porque eu tenho visto alunos me surpreendendo com um grau de maturidade da pergunta formulada. Eles perguntam, fazem a formulação de uma pergunta e tem me deixado surpresa, muito surpresa.

Professor, o senhor está falando de ser repetitivo, mas eu é que peço desculpa agora, de voltar numa visita técnica que eu vou mencionar.

Em 2013, nós fizemos um intercâmbio para Buenos Aires, dentro de um programa que era ofertado no Centro Paula Souza. O Centro Paula Souza tinha, não sei se ainda mantém um contrato, um programa, junto com uma faculdade tecnológica em Buenos Aires. Então, nós fizemos parte desse programa e durante, de domingo a um domingo, oito dias, nós vivenciamos a língua espanhola. E a gente também construiu esse programa junto com essa faculdade de lá. Esse programa obrigatoriamente tinha visitas técnicas, em diferentes lugares de Buenos Aires, sempre com relação ao projeto pedagógico e à prática profissional daquele curso. Eu lembro que nessa visita técnica nós estávamos em uma câmara de comércio argentina e fomos recebidos com muito, muito cerimonial, com muita pompa. Foi nos demandado, inclusive, como deveria ser nossa indumentária. E quando a pessoa da argentina, nós estávamos numa mesa bem extensa, uma mesa bem grande, de reuniões, num ambiente muito refinado, e a pessoa abriu para as perguntas e uma das minhas alunas, ela fez uma pergunta tão inteligente, mas tão pertinente, que eu fiquei surpresa de ver a maturidade. Então, a visita técnica tem poder de abrir a curiosidade do aluno para perguntas que ele faz e que ele não costuma fazer dentro das quatro paredes da sala de aula.

Qual é a relação dessas práticas da visita técnica, aqui do curso de eventos, com as competentes formativas do curso?

É esperado que o aluno de eventos seja um profissional capaz de planejar e organizar os mais diferentes tipos de eventos. Até então eu tenho levado os alunos de evento para visitarem a montagem das feiras técnicas, dado facilidade que nós temos dentro da Riyadh Exhibitio, que eles gostam muito de receber esse tipo de aluno num curso de eventos. Então, eu percebo que quando o aluno é capaz de enxergar todas as variáveis para montagem do evento, eles in loco conseguem ver a atuação dos profissionais que estão montando o evento, ou seja, os stands da equipe montadora, quando in loco, eles estão enxergando como é que o eletrecista está atuando. Eles in loco estão vendo como o pessoal está lidando com a hidráulica, se aquele evento vai permitir que o stand tenha um ponto de hidráulica. Eles percebem como está acontecendo a parte da telefonia, e hoje nós temos a telefonia móvel, eles estão entendendo o quanto é necessário estar disposto ali um wi-fi, uma internet. Então, eles conseguem vivenciar in loco na visita técnica todas as variáveis que um organizador de eventos demanda. Percebo que essas visitas técnicas têm colaborado para a formação desse tecnólogo em eventos, porque o curso pode ficar 100% na teoria, mas a gente tem procurado levar essa prática. Eu lembro também, como o senhor tem falado de voltar às práticas, uma das minhas práticas são as visitas técnicas.

Quando eu não consigo as visitas técnicas, eu gosto de trazer o profissional aqui dentro e quando esse profissional vem aqui dentro, o aluno consegue ativar uma zona do cérebro dele, uma zona cognitiva do cérebro, que consegue interpretar o que aquele profissional de fora está dizendo. Isso o torna um profissional diferenciado daquele que nunca tem escutado o profissional do mercado dizendo ou tendo ido à prática na visita técnica. Então, eu vejo sim, professor, como muito contribuinte para a formação desse tecnólogo a visita técnica.

O que o aluno aprende nessas práticas?

Eu acho que o aluno consegue em um primeiro momento diferenciar a teoria e a prática, e, ao mesmo tempo, se sente capaz de associar a teoria com a prática. É como se desse um clique no cérebro do aluno e ele fala 'ah, então, isso é real. Aquilo que o professor A me falou, é verdade. Aquilo que o professor B falou na aula dele, é verdade. Nossa, aquilo que aquela outra professora havia me dito é, de fato, isso é verdade. É como se eles saíssem do mundo da fábula e entrasse para a realidade da profissão deles.

E o que ele aprende?

Ele consegue visualizar uma parte da prática profissional, da profissão que ele escolheu estudar.

O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica que você atua hoje?

Eu vou responder da minha experiência efetivamente. Eu participei, em 2015, de um congresso, aqui em São Paulo mesmo, e um dos trabalhos apresentados era justamente de uma professora, que ela conduzia visitas. Essa professora compartilhou conosco, que antes da visita técnica, tanto quanto ela pudesse, ela já dava um preview do que o aluno ia visitar. Essa exposição ela estava mostrando, não era um aluno de nível superior, era um aluno de ensino fundamental que ela trouxe essa prática, mas ela mostrava para esse aluno o que ia acontecer na visita. E para tanto ela já direcionava o aluno o roteiro que ela queria que esse aluno seguisse. Então, enquanto ele estivesse naquela visita técnica, esse aluno, ela até dividia em grupos, por exemplo. Ela queria que diferentes grupos pusessem o seu olhar, seu foco de atenção em determinados assuntos que na disciplina daquela docente, faziam sentido.

Eu confesso que eu ainda não trouxe essa prática para as minhas visitas técnicas que eu tenho organizado e planejado, mas isso é algo que eu gostaria de estar fazendo para o próximo semestre, que coincide com o próximo ano de 2019. Então, por exemplo, se eu sei que eu vou estar em uma feira, que geralmente acontece no primeiro semestre, que é, por exemplo, a feira da mecânica e o organizador pudesse me antecipar alguns dados, que não seja informação confidencial e que eu pudesse já antever com os alunos que vão para a visita técnica, de forma que eu pudesse dividir os grupos também e pedir para que cada grupo tivesse esse olhar e depois

trazer isso para dentro da sala de aula, trazer após a visita para a sala de aula, acho que seria mais bacana ter uma roteirização dessa visita técnica. Acho que talvez se obtivesse um maior comprometimento do aluno. Acho que isso seria um ponto que eu poderia estar aprimorando para as próximas visitas técnicas.

Você tem registros dessas atividades (fotos, roteiros, planos de visitas, avaliação), que pudesse me passar?

Eu tenho, sim. Tenho fotos de todas essas visitas. Tenho as de Buenos Aires, as fotos do IPT, fotos da visita da equipe hotel, da mecânica. Vou separar e te mandar, professor. Tenho fotos dessa última da Reed. Eu compartilho, sim, professor.

Se você tiver o roteiro da visita ou a avaliação, registro, é importante.

Tá certo.

Entrevistado 12:

Boa tarde. Sou eu de novo, o Douglas. Estou aqui com a **professora 12, chefe do Departamento DAESTUR**, que incluiu o curso de tecnologia em gestão de turismo. Vou iniciar a gravação e aplicar o roteiro de perguntas, que é o apêndice A do meu projeto de pesquisa do Mestrado.

Quais são as práticas extramuros realizadas no curso de gestão de turismo atualmente?

Temos as visitas técnicas e o evento Semana de Turismo, e parte dela acontece extramuros porque tem visita técnica. Então, eu considero que dentro da Semana do Turismo também têm práticas extramuros.

Essas práticas são importantes?

São muito importantes. É o momento que o aluno vai à campo e vê muitas coisas que a gente fala em sala de aula, independe de qual curso, trabalhamos especificamente o de gestão de turismo, mas no curso que leciono também acaba tendo contato com realidades que na sala de aula seriam impossíveis. Então ele vivencia o que a gente trabalha em sala de aula e vai além daquilo que falamos. É muito interessante.

Quais são as referências de práticas similares extramuros que você reconhece em sua formação ou em outros espaços (do trabalho ou de sua carreira)?

Na minha formação eu não tive nenhuma atividade assim, agora como docente eu sempre pratiquei a visita técnica. Trabalhei também na UNINOVE por muito tempo e fiz várias visitas técnicas, trabalhei com vários cursos, não só no Secretariado, em Recursos Humanos ou Administração, sempre planejei as visitas técnicas. Fomos para a Natura várias vezes, para a Brahma, cada visita tinha um motivo, tinha um por quê e relação com o curso. Também fomos para congressos, não apresentando alguma coisa, mas como expectadores. Sempre realizei as visitas técnicas nos cursos que ministrei.

Você sabe me dizer como são planejadas essas atividades no curso de gestão de turismo? E como é o processo de planejamento dos professores e laboratório?

O laboratório de turismo tem uma auxiliar docente, uma responsável pelo laboratório, que em conjunto com o corpo docente e com o colegiado do curso, faz o planejamento das visitas, relacionando essas visitas com as disciplinas, procurando dentro de cada disciplina o que o professor que leciona percebe que pode ser interessante e pode agregar valor na formação do aluno. Feita essas reuniões, é feito o calendário de visitas, amarrar para ver se não coincide com datas de provas, se não batem com outros eventos que possam estar acontecendo. Depois é feito o planejamento, aprovado esse calendário e a gente tenta o máximo possível manter esse

planejamento.

Como são coordenadas e realizadas as visitas. A partir do momento que o grupo de alunos chega no local, que tipo de práticas acontecem?

Vou falar das que eu já experienciei, por exemplo. Eu já fui em umas três visitas e o grupo se reúne no local, foi orientado a preencher os dados de identificação e foi encaminhado para assistir a palestra, depois teve degustação. Dali, eu entendo que, pelo que eu vi antes no formulário, têm perguntas que o aluno está observando e analisando, para depois responder em questionário, relatório ou fazer uma resenha. Ele fica direcionado a algumas coisas que precisa perceber. Tem momentos livre, que ele pode ter uma observação da forma como ele quiser, mas alguns outros momentos ele precisa amarrar com que o professor espera depois de retorno, para discussão em sala de aula ou para alguma atividade escrita.

Como são avaliadas essas atividades extramuros na visão do departamento e nas disciplinas?

Dentro das disciplinas varia de professor para professor. Ele pode cobrar como parte de conteúdo ou ele pode simplesmente fazer porque entende que isso agrega valor, mas não necessariamente vai estar atrelado a uma avaliação escrita, por exemplo. Pode estar atrelada a uma discussão que vai gerar dali questões que irão ou não para uma avaliação escrita. E aqui, como coordenadora ou chefe de departamento, quando autorizo o formulário consentindo, vejo que tem relação com a disciplina. Então, eu entendo que sempre vai ter uma forma de cobrança, independente se essa forma de cobrança vai terminar em uma avaliação ou não. Uma nota ou não, sempre vai ter um feedback, não necessariamente esse feedback precisa estar atrelado à nota, senão acaba virando coisa de comércio. Eu não gosto muito. Gosto que a visita aconteça, pode estar atrelada à nota, mas não precisa necessariamente estar. Ela pode acontecer para desenvolver maturidade no aluno, percepção de mundo.

Qual é o papel do aluno nessas práticas?

Se envolver, engajar, participar, sugerir outros lugares. Falar do que gostou ou do que não gostou. Trazer o olhar que ele tem, de como aquilo acrescentou ou não, sua expectativa. Eu particularmente já tive visita onde eu tinha uma expectativa e o aluno teve outra totalmente diferente. Não foi no curso de gestão de turismo, mas continua sendo uma visita técnica. E eu dei espaço para o aluno escrever anonimamente, sem se identificar, e ele falou que teve uma expectativa totalmente diferente do que aconteceu. Não foi ruim, mas que a expectativa era outra. Foi uma visita a um hotel e uma parte da visita era entender sobre etiquetar a mesa e outra era conhecer o hotel, que também fazemos evento do secretariado. E o aluno na parte da etiqueta ficou decepcionado, porque criou a expectativa de que teria uma aula completa. Isso é

impossível em um hotel, num café da manhã, fazer uma aula completa de etiquetar mesa. Então, eu imagino que isso aconteça mesmo. Às vezes, acontece de fato. O aluno criou uma expectativa, mas a expectativa não foi atendida. Em outras vezes, ela é inclusive superada. Já tive várias visitas, outro dia recebi uma caixa de bombons porque teve uma visita no Arquivo do Estado de São Paulo e a aluna falou que ficou maravilhada, que se não estivesse tido a visita por meio do curso, não conheceria a atividade. Então, imagino que isso repita no curso de turismo também, porque o aluno, se não tivesse essa chamada e esse engajamento, talvez ele não fizesse àquela visita.

Como o aluno é avaliado por essas práticas?

Depende muito da disciplina. Cada professor tem um meio, pode ser uma nota parcial, pode ser um bom peso da nota, pode ser uma avaliação única, porque de uma visita você pode extrair várias coisas. Você fazendo ponte com a teoria que trabalha em sala, a visita pode gerar uma avaliação escrita, uma resenha, um relatório, acho que são infinitas possibilidades. Dali, você pode trazer várias discussões e a discussão pode ser avaliada também. Eu não sei o quanto isso pode terminar em nota, nem tudo necessariamente do meu ponto de vista, precisa terminar em nota. O que precisa é ter amarração de volta na sala de aula, para não cair no vazio de ‘fizemos um passeio’, porque tem uma tendência de alguns alunos, em alguns momentos, acharem que é um passeio. Eles até escrevem ‘ah, eu fui a um passeio tal’. Então, eu acho que fazer o feedback em sala de aula, ter esse retorno, que pode ser por meio de uma avaliação valendo nota, é importante para amarrar essa prática e fazer sentido ao aluno. Às vezes, está muito claro na cabeça da gente, mas na do aluno não.

Qual a relação dessas práticas com as competências formativas do curso?

Cada disciplina planeja sua visita. Eu entendo e vejo nos relatórios que os professores colocam o objetivo, quais os resultados esperados, e estão sempre lincados com o que se espera do egresso, com o perfil do egresso. As competências de conhecimento de várias áreas, desde hotelaria, gastronomia, espaço de eventos, espaço de turismo rural, tem N visitas. Às vezes, algumas são planejadas e não são realizadas, mas sempre que são realizadas têm um link com o que se espera de formação desse aluno, com as competências desenvolvidas. Desde, se for o caso a gastronomia, desenvolver ali o entendimento de como combinar pratos e não usar vinho, por exemplo, até quando você vai para o meio ambiente como no Parque da Luz, por exemplo, saber o que você tem ali no parque de práticas de sustentabilidade. Isso tem a ver com as competências esperadas naquela disciplina e que lógico tem a ver com o curso.

O que se aprende nessas práticas?

Ele (o aluno) aprende o que está acontecendo na realidade. Voltando, por exemplo, à visita ao Parque da Luz, falamos de sustentabilidade. O aluno vai até esse parque e ele aprendeu na sala de aula sobre algumas práticas de sustentabilidade – o descarte adequado, quantas lixeiras são necessárias para aquele público que vai estar ali no entorno – aí ele chega e vê que a lixeira está danificada. Então, ele tem um aprendizado nisso. Embora existam as leis e as regras, quando vamos para a prática nem sempre aquilo que está dito na lei, que deve ser realizado, está sendo realizado. É uma forma desse aluno se engajar tanto como talvez um futuro gestor na área pública, pensar a respeito e trazer práticas melhores, quanto ele como usuário. Tanto é aluno e será profissional da área como também usuário. Vai aprender a cobrar também. Vejo uma infinidade de possibilidades. Estou citando uma, mas existem muitas formas de trazer contribuição de enriquecimento para o aluno.

O que poderia melhorar e aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica, no caso da gestão de turismo?

Não sei. Eu vejo hoje no estado, especificamente aqui na FATEC no curso em que coordeno, a dificuldade dos alunos se engajarem, muitas vezes, por conta da cobrança, de ter valores como pagar um ônibus, pagar o local de visita. Sabemos que têm alunos que vêm de uma camada social que, às vezes, não permite que ele faça. Temos ideias grandiosas para esse aluno, mas são inviabilizadas por questões econômicas, que não conseguimos fazer com que esse aluno vá até a visita. Não é um privilégio nosso, mas meu marido é turismólogo, ele estudou na UNISA, universidade particular, mas ele também tinha muita dificuldade de conseguir engajar o aluno. Por mais que você conseguisse o ônibus, às vezes, você não conseguia com que o aluno pagasse uma entrada ou ficasse um pernoite em um hotel, por mais barato que fosse. Acho que são desafios que ainda precisamos encontrar soluções. É um pensar constante para que esse aluno faça as visitas e consiga conciliar a teoria com que ele está vendo em sala de aula com a prática de campo, porque aí tem sempre um ‘gap’. Que ele consiga entender esse ‘gap’ e trabalhe para reduzir esse gap e transformar sua realidade.

Sobre o que melhorar no contexto da graduação tecnológica, eu acrescentaria maior engajamento do corpo docente. Acho que têm muitos professores que fazem visitas e repetidamente, no sentido de todo semestre fazerem visitas, se preocupam com os novos e oferecerem novas práticas, mas não é uma prática para todas as disciplinas. E, às vezes, tem a dificuldade até de conseguir a dispensa. Tem visita que precisa da aula seguinte e essa negociação poderia ser um pouco mais fácil. Vejo que não é tão simples a negociação. Nem todo mundo se engaja, falta engajamento também do corpo docente.

Você tem registros dessas atividades, como fotos, roteiro, plano de visita?

Temos todos os planos de visita, os roteiros, fotos, tudo armazenado no laboratório de turismo. Apresentamos inclusive na última avaliação do curso, quando veio a comissão especialista, eles ficaram surpresos, gratamente foi uma surpresa, elogiaram bastante. Temos registros bem feitos e é um mérito do laboratório de turismo, especialmente da Lorraine. Trocamos de responsável de laboratório, mas a auxiliar docente permanece. É um mérito dela manter esses registros em ordem.

Entrevistado 13:

Bom, boa tarde, sou eu, o Douglas, eu estou aqui com a professora 13. Ela é professora da Fatec São Paulo, do curso de Gestão de Turismo, e também professora da Fatec São Roque, do curso Gestão de Turismo. Eu vou iniciar aqui a aplicação do meu roteiro de perguntas, que é apêndice A do meu projeto de mestrado.

Vou começar perguntando para a professora 13 quais são as práticas extramuros que ela realiza nas disciplinas que ela leciona na Fatec São Paulo.

Bom, vou te falar a minha leitura de extramuros, porque extramuros vai muito além da visita técnica acompanhada de professor. Então, eu tenho primeiro o programa de imersão num hotel, onde eu acompanho os alunos da disciplina Meios de Hospedagem e nós ficamos no hotel durante uma tarde, noite e a manhã do dia seguinte.

Esse eu diria que é o carro-chefe dessa programação. Mas existem outros extramuros. Por exemplo, todo ano eu resolvo uma temática em turismo com os alunos e aí eles fazem a visita técnica no atrativo que foi escolhido. Depois de estabelecer a temática, a gente faz uma lista dos atrativos e eles fazem a visita com o roteiro para essa visita. Isso também é extramuro e eu não estou acompanhando porque seria impossível acompanhar cada grupo ao seu atrativo. Fazemos a visita técnica na equipe hotel, na ABAV, na feira e congresso da ABAV, e depois tem uma visita na rede hoteleira, em hotéis de luxo, de quatro ou cinco estrelas, que os alunos fazem também não acompanhados pelo professor com o roteiro do que devem elaborar. Essas são as atividades extramuros...

Em quais disciplinas essas atividades aparecem?

Em Dimensões do Turismo e Meios de Hospedagem e Hospitalidade.

Essas práticas são importantes? Por quê?

Olha, eu diria que são relevantes. Porque, na sala de aula, nem sempre você consegue transmitir exatamente onde são usados os conceitos e, quando você sai da sala de aula, você evidencia a aplicação. Eu diria que, na sala de aula, você trabalha muito bem a parte conceitual. Para você formar um aluno e deixá-lo competente, ele precisa provar essas habilidades e até enxergar pra ver se aquelas habilidades encaixam no perfil dele. Uma coisa é você falar do Departamento de Governança. Claro que, numa faculdade, você não vai formar ninguém para ser arrumadeira. Mas ele precisa ver a atuação da governanta para entender se, em algum momento da vida dele ele, vai querer atuar num departamento de governança. Muito embora não tenha que arrumar quarto, ou limpar quarto, ele tem que verificar se o envelope da cama está bem feito. Se ele não souber fazer, não vai saber avaliar. Então, na minha opinião, é fundamental, principalmente nos

cursos de tecnologia, onde são associados os saberes, os conhecimentos dos saberes, mas o saber fazer também.

Quais são as referências de práticas similares que você reconhece na sua formação ou em outros espaços do trabalho em que você tenha atuado?

Desculpe, eu não entendi a pergunta.

Quais as referências que você tem de práticas de visitas técnicas ou da sua formação, graduação, ou outros cursos que você tenha feito? Ou mesmo no seu trabalho.

Eu fui agente de viagem por mais de 20 anos. Trabalhei no Brasil, em Israel e na Espanha. A visita técnica, que, na nossa área, é conhecida como famtour, acontece justamente para que você se familiarize com o produto, para que isso gere uma facilidade de venda. Então, quando eu aplico as atividades extramuros, como você coloca, é pensando em como eu aprendi a trabalhar. Dá pra dar um exemplo bem fácil de entender: como vender um cruzeiro para um cliente, sem nunca ter estado dentro de um navio? Já vi erros assim primários porque a pessoa não sabe como acontece o embarque, quanto tempo se leva para embarcar, como a pessoa deve se portar a bordo, como são distribuídas as cabines, o que é a cabine externa e o que é a interna... No momento em que você faz a visita, isso é um universo novo que te é apresentado e que vai certamente facilitar a tua atuação.

Então, você traz essas referências de práticas da sua atuação profissional, né?

A Companhia Aérea, por exemplo, sempre faz convites aos agentes para que você conheça o equipamento. Uma coisa é você vender um equipamento, um assento, um lugar numa companhia aérea que você conhece que você já voou e tem conhecimento de como tudo aquilo acontece e outra coisa é no escuro.

Como são planejadas essas atividades extramuros nas suas disciplinas?

Bom, quando eu comecei no Centro Paula Souza, e aí eu vou ter que fugir um pouquinho das Fatecs e ir mais nas Etecs, eu começo para justamente organizar o curso técnico em Turismo que dizia que certificava como guia e não certificava. Isso há mais de 20 anos atrás. Quando a gente foi montar esse plano de curso, na época, tinha-se Viagens Técnicas Obrigatórias pela legislação 42.6427, a deliberação normativa. E como organizar essas viagens para que elas não acontecessem de qualquer forma?

Foi onde eu criei o primeiro documento, que é um documento que eu uso até hoje e muitos professores usam, tanto nas Etecs quanto nas Fatecs.

É um projeto onde você descreve tudo o que vai ser feito, como o aluno vai ser avaliado, quais são as competências que você pretende desenvolver no aluno, e esse projeto tem que ser protocolado no departamento antecipadamente, antes de a atividade acontecer. Então, é algo

que eu já uso há mais de 20 anos.

Como são realizadas e coordenadas essas atividades extramuros. A partir do momento em que o grupo de alunos chega ao local, que tipo de atividades acontece?

Bom, o da imersão tem uma característica particular porque ele é feito em parceria com o hotel e a gente monta um roteiro antes. Esse roteiro sempre implica em uma apresentação geral do hotel e da rede a que ele pertence, o que normalmente é feito pelo gerente-geral. Depois, são atividades dos representantes de cada departamento, não necessariamente o gerente do departamento ou o cargo de liderança. Alguém de cada departamento faz uma apresentação de como o departamento funciona. Depois de vários departamentos, eles fazem uma visita nos departamentos em que eles ouviram a palestra, para ver como funciona o departamento in loco. Então, essa é a parte da imersão. Agora, quando é a visita técnica no atrativo, dependendo do atrativo, a gente monta um roteiro, que começa com a pesquisa de gabinete, com um levantamento feito antecipadamente do atrativo que vai ser visitado. E quando eles fazem a visita na hotelaria cinco estrelas também, que vão sozinhos, é a pesquisa de gabinete primeiro, para se orientar sobre onde está indo, a que rede pertence. A mesma coisa com um atrativo, qual é o atrativo, por que ele é um atrativo, buscam-se os conceitos e depois se monta um roteiro para a visita. Na maior parte das vezes, se entrevista, no caso de um atrativo, um turista ou mais de um turista. No caso da hotelaria, a pessoa responsável por receber esse grupo de alunos no hotel.

Como são avaliadas essas atividades?

Depois da visita feita, você tem grupos formados e cada grupo faz a apresentação da sua percepção. Então, eles trabalham um pouco com análise Swot, pontos fortes encontrados, pontos fracos encontrados. E, em todos os casos, eu coloco o que mudou na percepção desse aluno, antes de ele fazer a visita técnica e depois. Então, aí é uma avaliação pessoal. Todos eles tem que apresentar o que mudou nesse sentimento e é muito interessante porque a gente acaba descobrindo que moramos na cidade de São Paulo, mas não conhecemos São Paulo. E aí se desperta um pouco de sensação de pertencimento nesse aluno, pertencimento com relação à cidade, quando se fala de atrativo. Quando você fala da hotelaria, você acaba descobrindo quem são aqueles que têm perfil para a hotelaria, porque eles voltam numa situação de encantamento mesmo.

Qual é o papel do aluno nessas práticas realizadas?

A pesquisa de gabinete. Porque eles sempre tem que fazer a pesquisa antecipadamente, tanto na imersão quanto na visita do atrativo, como na visita do hotel de luxo, a pesquisa gabinete é fundamental e é algo que ele tem que fazer antes da visita. Após a visita, montar a

apresentação.

Como o aluno é avaliado por essas práticas?

Na verdade, eu tenho um roteiro de avaliação do trabalho desse aluno. Então, sempre olho se ele está usando um bom referencial teórico, quer dizer, se ele puxou conceitos que são relativos àquilo que ele está apresentando, se ele teve criatividade na hora da apresentação. Se ele usou, por exemplo, o vocabulário. Na nossa área, em turismo, a gente tem um vocabulário muito específico. Então, é inaceitável que, durante uma apresentação, ele não faça uso desse vocabulário. Por exemplo, ele vai falar do hotel, ele não fala quarto, ele vai falar unidade habitacional ou H. Se ele vai falar de um atrativo, ele vai falar como um atrativo cultural ou atrativo gastronômico. Então, ele tem que usar esse vocabulário próprio da área e que ele já teve conhecimento prévio.

Então, são itens muito fáceis de medir, de conseguir mensurar. Tenho dificuldade, primeiro, em avaliar competências. Essa é uma dificuldade particular minha, eu sempre coloco isso. Acho muito mais fácil avaliar habilidades, quando o aluno demonstra que ele tem a habilidade de entendimento ou de fazer determinada coisa. É muito mais simples que avaliar competências, que acho muito complexas. Por exemplo, eu trabalhei em hotelaria há 30 anos atrás. Quando vou avaliar uma competência, será que sou competente para avaliar uma competência que talvez eu nem tenha? Já a habilidade, você consegue ver e, quando você vê, você consegue avaliar mesmo na situação de não professor, de consumidor do produto.

Qual é a relação dessas práticas com as competências formativas do curso?

Na verdade, essa questão de competência dentro da Fatec é muito nova. Os planos eram por ementas e, logo, por objetivos. Agora, como eu aprendi educação dentro do Centro Paula Souza e aprendi a montar currículos a partir de competências, eu vejo que os objetivos estão diretamente ligados às habilidades e competências. Mas isso não é uma prática dos professores, porque, a grande maioria, digamos que não foi formada por competência e nunca estudou essa montagem por competência. Então, eu tenho essa facilidade de avaliar na habilidade porque tenho estudos fora da Fatec para isso.

E essas práticas extramuros realizadas têm relação com as competências formativas do curso?

Tem, tem relação. Mas eu diria que elas ficam mais evidentes quando você fala das habilidades, quando você "linka" com os objetivos. Eu diria que você consegue trazer essas competências para dentro do curso sem essas visitas. Mas eu não sei se elas acontecem de uma forma tão fácil como quando você faz a visita. Eu penso que você precisaria de muita teoria, muito vídeo. Numa visita de quatro ou cinco horas você consegue formar esse conjunto de habilidades e

competências que você precisaria de muita aula teórica.

O que se aprende nessas práticas?

Bom, se aprende os objetivos das disciplinas, se entende. Eu acho que é mais um entender como funciona, como as práticas acontecem. Por exemplo, como você enxerga um atrativo. Uma coisa é você ir com a função de um profissional de turismo, olhar para um atrativo e conseguir medir o valor. Outra coisa é você ser um morador da cidade que passa toda hora por ele e nem repara que ele existe. Eu digo que o atrativo turístico não existe para o aluno enquanto ele não entende a sua importância. Então, ele desaparece, fica uma coisa sem pertencimento mesmo. A pessoa não entende que aquilo é dela e que aquilo é importante. Então, eu acho que a formação, a base que você dá conceitual para esse aluno acaba formando essa pessoa que, ao ter contato na aula extramuro ou na visita técnica, vai conseguir entender melhor. Ele vai conseguir aproveitar e saber por que aquilo está ali, quer dizer, o seu histórico, e por que as pessoas se interessam em visitar ou conhecer determinado atrativo, ou chegar e se hospedar em determinado hotel.

Chegamos na última pergunta. O que poderia melhorar ou aprimorar essas práticas no contexto da graduação tecnológica em que você atua hoje?

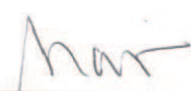
Eu penso que essas práticas extramuros precisavam ser previstas dentro da carga horária do curso. Se elas fizessem parte, como, por exemplo, no curriculum dos técnicos, que você tem tantas horas teóricas, tantas horas práticas. Essas horas práticas podem acontecer num laboratório físico como a gente conhece mesmo, mas ela pode acontecer também num laboratório de rua, num museu de rua, que já é reconhecido como museu de rua. Na visita a um hotel, lavanderia ou restaurante. Eu penso que, se nós tivéssemos isso estabelecido, talvez fosse mais fácil as pessoas entenderem que isso não é passeio.

É o que a gente mais ouve: "Ah, você vai sair com os alunos para um passeio?" Não, vou sair para uma visita técnica. Passeio eu faço com a minha família.

Então, penso que, se tivesse dentro do curriculum isso, daria uma formalidade, a palavra não é obrigatoriedade, mas daria uma formalidade para aquilo que tem que acontecer.

ANEXO A

**Parecer do comitê de ética do Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da
Educação Profissional**

PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA DO Mestrado DO CENTRO PAULA SOUZA		
PARECER_E.P. Nº 020/2018		
1. PROTOCOLO Nº 023/2018	31/10/2018 Recebido em	2. PARECER EMITIDO EM <u>14/11/18</u> .
3. TÍTULO DO PROJETO:		
Concepções e práticas de formação profissional nos cursos de graduação tecnológica: um estudo a partir de visitas técnicas realizadas em cursos do eixo tecnológico turismo, hospitalidade e lazer		
4. PESQUISADOR(ES) PROPONENTE(S):		
Douglas Alexandre Dias		
Sueli Soares dos Santos Batista		
5. PARECER:		
<p>A Comissão de Ética esclarece que não analisa os aspectos metodológicos da ABNT, haja vista que estes são de exclusiva responsabilidade dos orientadores.</p> <p>Após apreciação do projeto de pesquisa proposto, a Comissão de Ética em Pesquisa resolve:</p>		
<p>O presente projeto atende as normas desta Comissão. Considerado aprovado.</p>		
<p align="center"></p>		
Coord. Grupo de Pesquisa:		